UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO
FACULDADE DE FILOSOFIA, LETRAS E CIÊNCIAS HUMANAS
DEPARTAMENTO DE LETRAS CLÁSSICAS E VERNÁCULAS

A colocação dos pronomes clíticos em *O Patrocínio*: periódico da imprensa negra de Piracicaba

Ana Regina Vaz Calindro

Dissertação apresentada ao
Programa de Pós Graduação do
Departamento de Letras Clássicas
e Vernáculas da Universidade de
São Paulo.
Para a obtenção do título
de Mestre em Letras, na Área de
de Filologia e Língua Portuguesa.

Orientador: Profa. Dra. Maria Aparecida
Torres-Morais

São Paulo
2009

Livros Grátis

http://www.livrosgratis.com.br

Milhares de livros grátis para download.

BANCA EXAMINADORA

_____

Orientadora: Professora Doutora Maria Aparecida Torres-Morais – DLCV / USP

_____

Professora Doutora Márcia Santos Duarte Oliveira – DLCV / USP

_____

Professora Doutora Tania Maria Alkmim – IEL/UNICAMP

Ao meu marido, *Matheus*
pelo companheirismo e amor em
todos os momentos da minha vida.

AGRADECIMENTOS

À minha família: meus pais, Ana Beatriz e Waldomiro, por sempre terem me incentivado nos estudos e pelos primeiros livros que mesmo sem palavras já me encantavam; ao meu irmão Marcos, pelo carinho e apoio incondicional em tudo que faço; à minha irmã Ana Cristina que mesmo distante sempre me incentivou a buscar meus sonhos e ideais; ao meu sobrinho Nicholas, por me trazer muitos momentos de alegria; e à minha Tia Maria José, pelo apoio e carinho.

À minha orientadora Cida Torres, pelo estímulo, recomendações e, principalmente, paciência durante esse longo e árido caminho.

Às amigas: Carolina e Thaís, companheiras na alegria e na tristeza; Bruna e Aline, parceiras em meus apuros acadêmicos; Ana Amélia e Simone, companheiras de colégio e de muitos bons momentos na vida. Ao meu amigo Roberto, companheiro de estudo e de aprendizado de línguas. E aos colegas do Colégio CLQ e da ZAP idiomas pelo apoio e incentivo durante esse processo.

Ao Dorival, Marilda e Ana Helena pelo apoio, ajuda e carinho.

Ao amigo e jornalista Érich V. Vicente pela imensa ajuda na busca de informações sobre a imprensa piracicabana. Ao professor e jornalista Noedi Monteiro pelas informações preciosas acerca da população negra de Piracicaba.

Aos membros do Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba pelo auxílio nas constantes visitas ao seu arquivo. E aos membros da Sociedade 13 de Maio, em especial à Marly Pimenta, pelo auxílio na minha constante busca por mais informações.

Ao grupo do Projeto para a História do Português Paulista, em especial à prof. Rosane Berlinck, pelas palavras de incentivo e apoio. E à Sabrina Balsalobre pelas trocas valiosíssimas no decorrer dos estudos.

Às professoras Marcia de Oliveira e Tania Alkmim pela leitura cuidadosa e comentários valorosos durante a qualificação deste trabalho.

Enfim, agradeço a todos aqueles que de alguma forma contribuíram para a realização deste trabalho. Muito obrigada!

CALINDRO, Ana Regina Vaz. *A colocação dos pronomes clíticos em O Patrocínio: periódico da imprensa negra de Piracicaba.* 2009. Dissertação de Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa – FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo.

RESUMO

Esse trabalho baseia-se no estudo da colocação pronominal, pois este já é reconhecidamente um fator crucial na identificação de diferenças gramaticais entre PE e PB, verificadas desde o século XVIII.O objetivo deste trabalho é verificar se há alguma característica na linguagem dos jornais de imprensa negra que os diferencie dos da imprensa de circulação mais ampla e de outros documentos da época. E, assim, confirmar a diferença entre as variantes brasileira e europeia da língua portuguesa não é apenas superficial, mas gramatical, uma vez que enquanto o PE se tornou uma língua de colocação enclítica dos pronomes átonos, o PB tornou-se a mais proclítica das línguas românicas. Sendo assim, foram analisados dois jornais: O *Patrocínio* (1925-1930), um periódico da imprensa negra da cidade de Piracicaba; e, a título de comparação, *A Gazeta de Piracicaba* (1882-1937), um exemplar da imprensa majoritária da época. Os jornais são constituídos de textos de diversos gêneros que trazem, portanto, dados que possuem características distintas e particulares em um mesmo periódico. Nesse contexto, o interesse pela imprensa negra surgiu da possibilidade de analisar textos escritos majoritariamente por negros e para negros. Devido a fatores sociais ligados à escolarização da população negra do período, havia a possibilidade do vernáculo da época encontrar-se mais exposto nesse material. Sendo assim, pretendia-se observar se a colocação brasileira se apresentava de forma mais saliente nesses textos que nos da imprensa majoritária. Porém, a história social mostrou que esses periódicos foram escritos por negros que haviam tido acesso, das mais diversas formas, aos padrões cultos da língua. Dessa maneira, a fim de se adequar aos padrões da sociedade da época, buscavam manter a variante culta da língua em sua escrita. De fato, na comparação dos dados da imprensa negra com os da imprensa majoritária foi possível perceber - no que se refere ao fenômeno estudado - uma grande semelhante entre ambos os jornais. Em particular, verificou-se que esses periódicos apresentam padrões de colocação próximos, ou seja, ambos mostram, ao lado da colocação lusitana, a colocação brasileira em percentuais que não se diferenciam significativamente.

PALAVRAS-CHAVE: Imprensa Negra, História do Português, sintaxe, clíticos.

CALINDRO, Ana Regina Vaz. *A colocação dos pronomes clíticos em O Patrocínio: periódico da imprensa negra de Piracicaba.* 2009. Dissertação de Mestrado em Filologia e Língua Portuguesa – FFLCH, Universidade de São Paulo, São Paulo.

ABSTRACT

This research is based on the investigation of clitic placement in Portuguese, since this a factor of great importance to identify grammatical differences between Brazilian Portuguese (BP) and European Portuguese (EP), acknowledged since the eighteenth century. The main aim is to verify whether there is any specific characteristic on the texts from the so called *black press* that distinguishes them from the major press from the period. And, then, confirm that the differences between the Brazilian and European variants exist not only superficially, but also in their inner grammar features. While EP has become a language that prefers enclitic placement, BP is the most proclitic of all romance languages. Hence, two newspapers have been analyzed: One of them, named *O Patrocínio* (1925-1930), represents the so *black press*, and the other one, called *Gazeta de Piracicaba* (1882-1937) is from the major press. Newspapers consist of different text genres, thus this data contains different and particular features among the same paper. In this context, the analysis of a black press newspaper is particularly interesting once the texts were mainly written by afro-descendents people, to afro-descendents. Therefore, the language that was actually used by the people at that time was expected to be found. However, the social and historical aspects of the period showed that, somehow, the main writers of these papers had access to the normative grammar of the language. So, as their purpose was to fit in the society of the period, they tried to maintain, in their texts, what was considered to be the correct grammar at the time. Hence, when the data from both papers was compared, it was verified that they have a very similar clitic placement. That is, both of them present the standard European placement along with the Brazilian placement with very similar percentages.

KEYWORDS: Black press, Portuguese History, syntax, clitic placement.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO 9

1. PIRACICABA E O CORPUS ESCOLHIDO 13

1.1 Piracicaba 13
1.2 O caipira 19
1.3 O negro em Piracicaba 25
1.4 Escolarização 32
1.4.1 Escolarização da população negra do século XIX ao XX 32
1.4.2 Escolarização na cidade de Piracicaba 41
1.5 A imprensa negra e o jornal *O Patrocínio* 46
1.6 A *Gazeta de Piracicaba* 57

2. A COLOCAÇÃO DOS PRONOMES CLÍTICOS 58

2.1 Introdução 58
2.2 Língua-I e Língua-E 60
2.3 Fatos históricos 62
2.3.1 Periodização 62
2.3.2 O percurso histórico do português brasileiro 70
2.4 A colocação dos pronomes clíticos no século XX 79
2.4.1 Questões fonológicas, morfológicas e sintáticas 79
2.4.2 Quadro dos pronomes pessoais 88
2.4.2.1 Mudança no paradigma e uso dos pronomes clíticos..... 91
2.4.3 Contextos sintáticos para o estudo da colocação dos pronomes clíticos 98
2.4.3.1 Características particulares 98
2.4.3.2 Estruturas com verbos simples 100
2.4.3.2.1 Contextos V1 e V>.....100

2.4.3.2.3 Sentenças reduzidas de infinitivo, gerúndio e particípio 103
2.4.3.3 Grupos Verbais 104
2.4.3.3.1Grupos com verbo auxiliar, de controle, causativo e perceptivo 106
2.5 Propostas teóricas recentes para a abordagem da colocação dos clíticos.
2.5.1 O português europeu..... 110
2.5.2 Uma proposta teórica para a colocação pronominal em português brasileiro 115

3. ANÁLISE DOS DADOS 122

3.1 Introdução 122
3.2 Características particulares da linguagem de cada periódico 123
3.3 Características intrísecas dos pronomes encontrados no corpus 132
3.4 Análise dos contextos de colocação dos pronomes clíticos 136
3.4.1 Verbos Simples.....136
3.4.1.1 Contextos V1 e V>1 136
3.4.1.2 Sentenças infinitivas preposicionadas e reduzidas de gerúndio 142
3.4.2 Grupos Verbais 146
3.4.2.1 Grupos com verbo auxiliar, de controle, causativo e perceptivo.....147
3.4.2.2 Verbo + Infinitivo, Verbo + Gerúndio e Verbo + Particípio...153

CONSIDERAÇÕES FINAIS 159

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS 161

ANEXOS 169

INTRODUÇÃO

Este estudo faz parte do subprojeto - *Mudança Gramatical no Português de São Paulo: expressão pronominal e preposicional dos argumentos*, o qual está inserido no *Projeto de História do Português Paulista* (*PHPP – Projeto Caipira*). Dentro desse contexto, este trabalho toma por base dois periódicos escritos na cidade de Piracicaba – um da chamada imprensa negra[1], *O Patrocínio* (1925 a 1930)[2], e outro da imprensa majoritária[3], a *Gazeta de Piracicaba* (1882 a 1937).

A propósito da formação de um corpus para o estudo diacrônico da língua, Torres - Morais (2002, p.69) afirma:

> Uma das dificuldades para quem está envolvido com estudos diacrônicos, em particular com a mudança sintática, é a da formação de um "corpus" que defina a documentação representativa, a qual expresse desde uma linguagem mais informal, geralmente veiculada em cartas particulares e narrativas pessoais, até a mais formal, ou elaborada, típica dos documentos oficiais e da produção de cunho literário.

Os jornais são, portanto, uma boa fonte para o estudo de aspectos sócio-históricos das variedades do português brasileiro (de agora em diante PB), pois apresentam textos com características diversas no mesmo exemplar. Segundo Pinto (1968, *apud* TORRES-MORAIS, 2002), "Os textos jornalísticos sacrificam, às vezes, o ideal de correção gramatical em favor de uma expressão direta em que se neutralizam os diferentes níveis da linguagem". A linguagem jornalística, portanto, tem por objetivo principal a comunicação e, apesar de estar comprometida com a norma, seu principal compromisso é o de comunicar.

Por conta desse contexto e em razão de não haver estudos que contemplem especificamanente a linguagem dos jornais de imprensa negra, foi

---

[1] Esse termo foi cunhado por estudos históricos que foram os primeiros a analisar esse grupo de jornais escritos por negros. Voltaremos a esses trabalhos no próximo capítulo.
[2] Vide anexos A e B com exemplos dos dois periódicos.
[3] Usaremos o termo "imprensa majoritária" ou "imprensa de circulação mais ampla" somente para poder contrastar esse periódico com o de imprensa negra.

feita a escolha de analisar os dois jornais em questão. E, como afirma Kato (2006) "(...) não temos no Brasil, um estudo sistemático da gramática de nossos jornais e escritores contemporâneos e nem juízos sobre o seu saber sobre a escrita".

A respeito dos jornais de imprensa negra do início do século XX, há muitos trabalhos de cunho histórico. Entretanto, os estudos especificamente linguísticos desse corpus se iniciaram com o *PHPP - Projeto Caipira,* com o intuito de verificar se há alguma característica na linguagem dos mesmos que os diferencie dos da imprensa de circulação mais ampla e de outros documentos da época.

Galves (1993, p.387) afirma: "É nos documentos do século XIX, em particular da segunda metade, que surgem os fenômenos que caracterizam a sintaxe do português falado atualmente no Brasil". O estudo de textos do início do século XX são, portanto, de extrema importância.

Outro ponto relevante de um jornal representante da imprensa negra é a característica de ter sido escrito majoritariamente por negros, uma vez que eles têm papel relevante na nossa história – milhões de africanos aportaram no Brasil trazendo diversas línguas e culturas. Segundo Guy e Holm (*apud* BONVINI, 2008, p.19)

> O Brasil absorveu aproximadamente 40% dos escravos transportados para as Américas, isto é, cerca de 3,6 milhões de indivíduos; (...) Em certas regiões, houve concentrações demográficas afro-brasileiras bastante elevadas, de maneira que, em certos períodos, a população afro-brasileira era nitidamente superior à europeia.

Já a partir do século XVII, com mais ênfase no século XIX, os negros foram sendo assimilados à vida urbana. Esse movimento pode ter contribuído para uma nova etapa de contato linguístico, que continuou a ser verificado no século XX, como afirma Lucchesi (2001, *apud* TORRES-MORAIS, 2002, p.100): "(...) a partir do século XX, os efeitos do contato entre a elite e a plebe acentuam-se em razão do deslocamento da população rural para as cidades." A

partir desse contexto, autores como Lucchesi (*op. cit*.) e Mattos & Silva (2001, *apud* TORRES-MORAIS, 2002) enfatizam que, conforme se consiga recuperar o passado linguístico brasileiro, a importância dos negros africanos e de seus descendentes na formação e difusão do PB popular será revelada, auxiliando no entendimento da realidade sócio-linguística polarizada, entre a norma culta e a norma popular, presentes no PB desde os primórdios.

Para auxiliar no entendimento dessa polarização, o fenômeno da colocação dos pronomes clíticos foi escolhido por apresentar modificações no percurso histórico de diferentes línguas românicas. Em português, esse fenômeno é particularmente interessante, pois é um dos divisores de águas entre as variantes brasileira e europeia do idioma. Desde o século XVIII, em ambas as variantes, a colocação pronominal envolve reanálises gramaticais que caracterizam períodos de variação e mudança linguística.

Essa mudança gramatical na colocação pronominal verificada por diversos estudos – que serão apresentados ao longo deste trabalho - tanto em português brasileiro como em português europeu (de agora em diante PE) confirma a contatação de Kato (2006, p.1): “No Brasil, ao contrário do que ocorre em Portugal, a ‘gramática’ da fala e a ‘gramática’ da escrita apresentam uma distância de tal ordem que a aquisição desta pela criança pode ter natureza de aprendizagem de uma segunda língua.”

Acreditamos, portanto, que o corpus analisado nesses estudos contribuirá para o entendimento de como o português brasileiro evoluiu e qual deve ser a base para que ensinemos a língua escrita para as crianças nas escolas, sem que elas sintam estar lidando com algo estranho à sua realidade linguística.

O corpus desse trabalho, além disso, colaborará posteriormente com a descrição mais precisa dessa evolução, por abranger o início do século XX e ser um texto inédito e inexplorado, uma vez que esse tipo de linguagem nunca fora abordada anteriormente.

Parti da hipótese de que a linguagem dos jornais da imprensa negra, por se tratarem de textos escritos por um parcela da população que possuiu acesso diferenciado à escolarização, poderia trazer novos dados para a descrição do PB da época. Para verificar a veracidade dessa hipótese, fiz uma comparação

com um periódico de imprensa majoritária, que apresentaria textos escritos por uma parcela da população escolarizada preocupada com um padrão mais condizente com a norma culta baseada no português lusitano.

A análise, contudo, nos mostrou que em ambos os casos os padrões de colocação são muito semelhantes entre si e já, em alguns pontos, apresentam características diferentes do que é prescrito pelo padrão normativo da língua.

Para tratar de tais questões, o trabalho obedecerá à seguinte divisão:

No capítulo 1, será realizado um levantamento do contexto sócio-histórico dos locais e períodos que são base para o estudo – a história de Piracicaba, que exibe características linguísticas reconhecidamente relevantes no âmbito dialetal, e questões sociais relativas a esse importante município do estado. Em seguida, será feito o enquadramento do negro na sociedade piracicabana, de sua escolaridade e do papel da Imprensa Negra nessa cidade e no estado de São Paulo como um todo.

No capítulo 2, farei um levantamento da colocação dos pronomes clíticos em diversos estudos linguísticos acerca do percurso histórico do fenômeno em PB e em PE e de constatações sobre seu *status* atual nas duas variantes. Além disso, apresentarei como a ordem dos pronomes é tratada pelas gramáticas normativas que regulam o padrão culto da língua.

No capítulo 3, será realizada a análise dos dados retirados de *O Patrocínio* em contraste com a *Gazeta de Piracicaba*, a fim de averiguar como é a colocação dos pronomes clíticos em cada um deles. E, por fim, serão apresentadas as considerações finais do trabalho.

1. PIRACICABA E O CORPUS ESCOLHIDO

No presente capítulo será realizada uma avaliação de Piracicaba, de seu povo e, mais precisamente, um relato sobre o papel do negro na cidade. Aqui, o leitor tomará conhecimento de alguns personagens e acontecimentos importnates do município em sua formação histórica e sua relevância no cenário do estado de São Paulo.

Em seguida, é levantada a questão do caipira e da população negra no contexto piracicabano no início do século XX. Além disso, tratarei da escolarização da população do período, com ênfase na carência de instrumentos educacionais, principalmente para a população negra da época, bem como a presença de um grupo intelectual negro que possibilitou o surgimento dessa imprensa e movimentos de combate e reinvidicação.

1.1. Piracicaba

O nome Piracicaba é originário da língua tupi-guarani e significa "lugar onde o peixe chega" ou "lugar onde o peixe para". A região ganhou esta denominação dos índios Paiaguá[4], que se estabeleciam próximos ao Salto do Rio. Pelo fato do rio Piracicaba ser uma "estrada fluvial", ele chamou a atenção de pequenos grupos de roceiros que também se estabeleceram em suas margens formando um arraial.

Em 1722 e 1723, foi contruído um "picadão" de Itu ao Salto do Rio Piracicaba. Essa via, arquitetada por Felipe Cardoso, era parte do Picadão de Mato Grosso que estava sendo aberto por Luís Pedroso de Barros. Este, um sertanista que procurava obter perdão por um crime que não cometera; e aquele, considerado primeiro povoador da cidade, recebeu da coroa real portuguesa uma área de uma légua quadrada que circundava o porto do rio em recompensa aos serviços prestados.

[4] Os índios Paiaguá eram um povo guerreiro e temido. Habitavam as margens do rio Jaguary, estendendo-se aos sertões Mato-Grosso de Goiás.

Apesar dessa referência a Felipe Cardoso, há registros de existência de uma sesmaria[5] em Piracicaba já em 1693. Entretanto, não é claro se seu proprietário chegou a viver na região**,** conforme observa Guerrini (1970, p.1):

> 1693 – 15 de novembro – Doação da primeira sesmaria, na região de Piracicaba, a Pedro de Morais Cavalcanti, pelo capitão-mor Manuel Peixoto da Motta. O peticionário alegava que a iria povoar com tôda a sua família, de uma a outra banda do rio Piracicaba, ficando o Sato no meio.

Através do "picadão" passavam comboios com destino a Cuiabá que, assim, tinham por Piracicaba um dos pontos de sua jornada. Portanto, em 1726, muitos sertanejos, posseiros e possuidores de cartas de sesmarias passam a congregar em torno do Salto, dando início ao povoado que daria origem à cidade.

Em 1766, o Capitão-Geral D. Luís Antonio Botelho de Souza Mourão, "Morgado de Mateus", encarregou o Capitão Antônio Corrêa Barbosa, de fundar uma população na foz do Rio Piracicaba. Seu objetivo era o de facilitar o transporte de mantimentos e munição para as tropas da Vila Militar do Iguatemi, instaladas nas fronteiras com o Paraguai para proteger as fronteiras do país; e, ainda, auxiliar as navegações que desceriam o rio Tietê em direção ao rio Paraná.

Desobedecendo à ordem do Capitão-Geral, Corrêa Barbosa decide instalar o novo povoado junto ao Salto. O local, que fica a 90 quilômetros da foz do rio, ofereceria melhor acesso a outras vilas da região, como Itu, onde já havia posseiros.

Dessa maneira, Piracicaba foi fundada em 1º de Agosto de 1767, na margem esquerda do Rio. Em 1774, o povoado foi elevado à categoria de Freguesia (Distrito). Em 1784, a sede do local passa para a margem direita do Rio, devido ao terreno irregular e infértil de sua margem esquerda. Durante este

[5] "Sesmarias eram concessões de terras a todos quantos se propusessem povoar e cultivar os sítios requeridos. Dois anos depois, confirmadas tais promessas, vinha de Portugal a ordem régia dando título de posse ao requerente". (GUERRINI, 1970).

período, a navegação do Rio Piracicaba e o cultivo da cana-de-açúcar sustentam o desenvolvimento da região.

Segundo Canabrava & Mendes (1935 p.306 e 307 *apud* RODRIGUES, 1970):

> A história do povoamento de Piracicaba é, no seu início, a história das vias paulistas para a região de Mato Grosso: concentra-se em torno do Rio Piracicaba, que em fins do século XVIII atráe o sertanejo paulista, para fixá-lo no século XVIII, impulsionando os seus engenhos ainda rudes e alimentando o gado de suas primeiras sesmarias. (...) O rio é a via que conduz ao Tietê, estrada natural do bandeirismo paulista, que leva ao sertão, às famosas minas de Cuiabá; na segunda metade do século XVIII, ele se torna o escoadouro de todos os produtos da região que descem para a fóz em canôas carregadas.

Dado o progresso alcançado através dos engenhos e das tropas cargueiras, em 1816, os políticos liberais desejavam elevar a Freguesia à condição de Vila, o que ocorre no ano de 1822. Piracicaba, então, adota o nome de “Vila Nova da Constituição”, em homenagem à Constituição Portuguesa promulgada naquele ano.

O recenseamento do mesmo ano aponta que o Distrito da Vila Nova da Constitição contava com 648 fogos (lares) e uma população estimada em 3.762 indivíduos, incluindo negros livres e escravos. O Distrito abrangia as atuais Piracicaba, Santa Bárbara, Limeira, Rio Claro e Pirassununga. A população urbana não ultrapassava os 700 habitantes, distribuídos entre o Itapeva (atual avenida Armando de Sales Oliveira) e a rua da Praia (do Porto), a rua do Concelho (rua Prudente de Moraes) e a rua dos Ourives (rua Rangel Pestana).

Já no ano de 1836, o “Quadro Estatístico da Província de São Paulo”, aponta que Piracicaba contava com 10.291 habitantes e tinha o maior número de alfabetizados de toda a Província: 395 de seus moradores. Itu contava com

166 alfabetizados de seus 11.146 moradores e Curitiba[6] apenas 152 de 16.157 habitantes (cf. ELIAS NETTO, 2002/03).

A Vila foi elevada à condição de Cidade no ano de 1856, permanecendo com o nome de “Constituição”. Já em 1877, por intermédio de uma petição de Prudente de Moraes – então vereador e futuro presidente da República – a cidade voltou a adotar o nome mais antigo e popular “Piracicaba”. Abandonando a denominação portuguesa de “Vila Nova da Constituição”, que não soava muito bem aos ouvidos republicanos da época. No mesmo ano, a cidade passa a ter a ligação ferroviária da Companhia Ytuana de Estradas de Ferro com Itu e Jundiaí, via Capivari e Indaiatuba.

No século XIX, a cidade de Piracicaba encontra-se vinculada ao cultivo da cana de açúcar, contrariando a tendência cafeicultora – que se tornara o motor da economia do Oeste Paulista. Por essa razão, a região era um dos principais pólos de escravidão, com grande presença de escravos e, posteriormente, de libertos negros.

O Engenho Central de Piracicaba é fundado em 1881, nas margens do rio. Nesta época, a cidade começa a substituir o trabalho escravo pelos imigrantes assalariados, recebendo importantes contingentes de portugueses, italianos, alemães, espanhóis e sírio-libanêses. O relatório oficial da Secretaria de Negócios do Interior de São Paulo de 1895 chegou a registrar a chegada de 1.200 imigrantes na cidade.

Em 1894, segundo documentos no Arquivo do Estado de São Paulo, Piracicaba era a terceira cidade mais importante do interior, seguindo apenas Campinas e Sorocaba. Naquele ano a população era de 15.000 habitantes e a cidade produzia 4,16% do algodão e 6,32% de frutas cítricas do estado.

No século XX, Piracicaba firma-se como um dos maiores pólos produtores do estado de São Paulo. Em 1900, era a quarta maior cidade do estado, contava com 8.054 habitantes brasileiros e 3.006 estrangeiros. Com um certo declínio de Itu após 1890, a cidade tornou-se a mais importante da região.

[6] A comparação foi feita com a cidade de Curitiba, pois esse foi o único dado encontrado no material estudado para esse trabalho.

Precisamente naquela época, Campinas era menor e mais pobre que Piracicaba.

No relatório (7 de janeiro de 1901) do Presidente da Câmara, Dr. Paulo de Moraes Barros, acerca do triênio 1899 -1901 – publicado pelo jornal de Piracicaba, em sua edição especial “Assim nasceu Piracicaba” – é feito o seguinte apelo: “O que é indispensável e urgente é congregar todos os esforços, a fim (sic) de conseguir-se outra via de communicação com a capital e com o Oeste, pois essa é a condição para o municipio de Piracicaba alcançar logar que lhe compete entre os mais adiantados do Estado de S. Paulo”.

Esse mesmo documento apresenta os resultados detalhados do recenseamento urbano de 1899:.

Recenceamento da cidade de Piracicaba em 31 de Dezembro de 1899

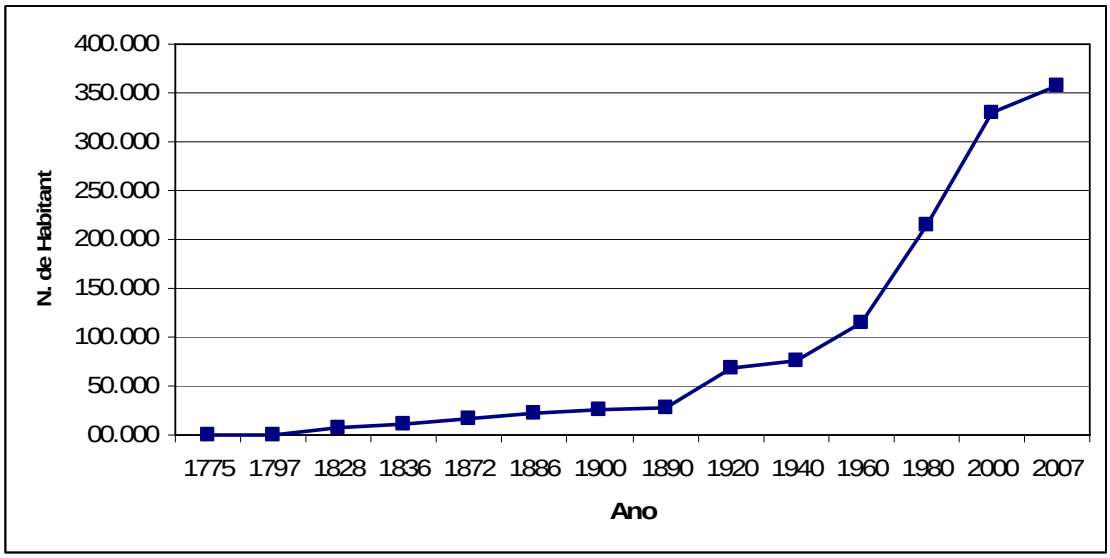
NUMERO	
De casas	2.092
De habitantes	11.060
NACIONALIDADE	
Brazileiros	8.054
Estrangeiros	3.006
SEXO	
Masculino	5.207
Feminino	5.853
INSTRUCÇÃO	
Sabem ler	5.555
Não sabem ler	5.505
IDADE	
1 a 10	2.316
10 a 20	2.519
20 a 30	2.174
30 a 40	1.978
40 a 50	979
50 a 60	718
60 a 70	261
70 a 80	75
80 a 90	13
90 a 100	6
100 a 110	1

Discriminação da nacionalidade dos estrangeiros	
Italianos	2.064
Hespanhoes	387
Portuguezes	225
Allemães	129
Arabes	102
Belgas	23
Austriacos	18
Suissos	14
Argentinos	11
Francezes	15
Africanos	6
Inglezes	4
Russos	3
Dinamarquezes	2
Escocezes	1
Hollandezes	1
Polacos	1
Total	3.006

Em 1922, Piracicaba passa a ter um ramal da Companhia Paulista de Estradas de Ferro. Nessa época, com o fim do ciclo do café e a queda nos preços da cana de açúcar, a economia piracicabana começa a se estagnar. O setor industrial começa a se desenvolver, apesar de ainda se basear muito no cultivo da cana-de-açúcar, o que impediria um declínio maior da cidade, mas não sua estagnação.

Depois de 1950, Campinas começa apresentar um rápido crescimento, o que causa crise ainda maior no desenvolvimento de Piracicaba. A partir da década de 1970, foram tomadas providências para alavancar a economia piracicabana: é construída a Rodovia do Açúcar e são criados distritos industriais, promovendo a chegada de novas empresas à cidade. Ao mesmo tempo, o Programa Nacional do Álcool (Pró-Álcool) ajuda a modernizar e revigorar a produção canavieira. Com esses projetos, Piracicaba sai da estagnação, porém não volta a ter o status de antes.

Gráfico I - A evolução da população de Piracicaba



1.2. O Caipira

Após o fim do ciclo dos bandeirantes, no século XVIII, fixou-se ao solo paulista uma população com características bem definidas. De acordo com Antonio Candido, havia no Brasil:

> Um lençol de cultura caipira, com variações locais, que abrangia partes das Capitanias de Minas, Goiás e mesmo Mato Grosso. Cultura ligada a formas de sociabilidade e de subsistência que se apoiavam, por assim dizer, em soluções mínimas, apenas suficientes para manter a vida dos indivíduos e a coesão dos bairros. (CANDIDO, 2003, p.103)

A cidade de Piracicaba faz parte desse “lençol de cultura caipira”. Um dos fatores que a tornaram conhecida e interessante linguisticamente é seu notório dialeto caipira, que, mesmo na área urbana, tem grande força. Rodrigues (1974), autora do estudo entitulado “O Dialeto Caipira de Piracicaba”, transcreve um trecho de uma notícia do “Jornal da Tarde” a respeito de um jogador de futebol piracicabano para exemplificar o *status* da fala da cidade no Brasil:

> No vestiário, Chicão lembrava que em quatro anos como jogador profissional ele só havia recebido prêmios nos jogos entre pequenos, dados por emissora de rádio do interior: alguns ele recebeu entre 1968 e 1970 (sic), quando defendia o XV de Piracicaba, onde começou, e outros em 1971.(...) Com 22 anos e *o sotaque característico de Piracicaba*, Chicão era incapaz de esconder a sus timidez e humildade depois do jogo de ontem.
>
> (Jornal da Tarde, S. Paulo, 3-IV-1972.p.16, *apud* RODRIGUES, 1974)

Ao explicar a origem do dialeto "caipiracicabano", Elias Netto (2002/03) observa que o Vale do Paraíba e o Vale do Tiête – onde se encontra Piracicaba – mantêm resquícios do português arcaico[7]. Sendo que, a própria palavra "caipira" faz referência a essa "cultura antiga" que ficou à margem dos rios percorridos pelo colonizador e onde habitavam os tupis-guaranis. "*Cá i pira*" em tupi significa "a mata que acompanha o rio".

A linguagem dos indígenas da região se misturou ao português arcaico, tanto que diversos topônimos da região são de origem tupi-guarani, o próprio nome "Piracicaba"; os distritos de Tupi, Caiubi e Anhumas; os bairros Jupiá, Bongue, Piracicamirim; e as cidades próximas como Capivari, Tiête, Mombuca e Itu.

Amadeu Amaral, em seu livro de 1920, *O Dialeto Caipira* faz observações sobre o português das zonas de Capivari, Piracicaba, Tietê, Itu, Sorocaba e São Carlos. De acordo com ele, o vocabulário caipira seria muito restrito devido a simplicidade da vida destes falantes e seria formado pelos seguintes fatores:" a. de elementos oriundos do português usado pelo primitivo colonizador, muitos dos quais se arcaizaram na língua culta; b. De termos provenientes das línguas indígenas; c. de vocábulos importados de outras línguas, por via indireta; d. de vocábulos formados no próprio seio do dialeto" (1976 [1920], p.55).

Para chegar a essa conclusão, o autor baseiou-se em documentos do século XV e XVI, como a carta de Pero Vaz de Caminha, na qual afirma ter encontrado termos que aparecem no dialeto caipira, palavras tais como: *despois, inorância, alevantar*. Em seu estudo, Amaral divide esses arcaismos em

[7] Para Mattos e Silva (2001) o termo "Português Arcaico" abrange o período entre os séculos XIII e XV.

arcaismos de forma: *dereito, escuitá, fruita, premêro, saluço, etc;* de sentido: *dona* por senhora, *praça* por povoado, *reiná(r)* por fazer travessuras, etc; de forma e sentido: *contia* (quantidade qualquer), *modinha* (cançoneta), etc; e locuções arcaicas: *a modo que*, *antes tempo* (sem preposição, significando antecipadamente), *a par de* (junto de), etc.

Em seguida, no âmbito da morfologia, o autor aponta o uso do gerúndio nas perífrases, do tipo *anda cantando,* como outro fator que remete o português brasileiro ao quinhentista. Essa forma era comum no português arcaíco e caiu em desuso em Portugal, onde há a preferência pela construção com o infinitivo *anda a cantar.*

Para Amaral, o caipira conservaria os arcaísmos por viver da mesma maneira há 200 anos, assim os falantes não sentiam a necessidade de incorporar novos termos, pois sua realidade era estática. Dessa maneira, foram mantidos no dialeto caipira termos que apesar de vivos em português europeu são desconhecidos no Brasil, tais como: *chêda, tamoeiro, náfego, etc*.

Reváh (1959, *apud* BONVINI, 2008, p.55) apoiado no estudo supracitado de Amadeu Amaral e confirmando-o, aponta que: “o sistema fonético e morfológico é mais ou menos o mesmo em toda a parte e os traços distintivos que o isolam, em certa medida, o falar caipira são arcaísmos portugueses bem caracterizados, que seria impossível atribuir à influência tupi”.

Acerca da participação das línguas africanas, Amaral afirma que a sua contribuição ao dialeto caipira não difere da que exerceu em relação ao português em geral, tanto na sua variante brasileira quanto europeia, como é o caso da inserção na fala corrente de palavras como: *batuque, cachaça, missanga, quilombo, etc*.

Segundo Bonvini (2008), porém, Silva Neto (1950) relaciona os dialetos rurais à “falares africanos episódicos”:

> Silva Neto sustenta que no Brasil houve somente falares africanos episódicos, crioulos e semicrioulos, que eram apenas uma deformaçãoe uma simplificação do português. Seus verstígios atuais são os dialetos rurais. Foi a ascensão social do mestiço que tranformou o português padrão em ideal

> linguístico e levou ao desaparecimento dos crioulos e não crioulos. (BONVINI, 2008, p.17/18).

Além do dialeto propriamente dito, outro fator associado ao estatuto do "caipira" é a questão da formação do mercado de trabalho e da identidade brasileira após a abolição da escravatura. Na passagem do século XIX para o século XX, o país recebia levas de europeus que vinham para substituir o trabalho escravo. Dessa forma, o povo brasileiro passou a ser definido em contraposição ao europeu, considerado superior culturalmente e racialmente, apesar da grande maioria dos imigrantes ser analfabeta e provir de regiões carentes. Assim, a identidade do povo brasileiro passou a ser representada pelo caboclo, sertanejo e caipira, resultados da missigenação das etnias formadoras da nação (cf.OLIVEIRA & KEWITZ, 2002).

Os imigrantes estrangeiros que aqui chegavam contavam com diversos privilégios, como a demarcação de lotes para estabelecer sua própria lavoura. A população livre despossuída e os negros tornavam-se agregados ou partiam para as áreas despovoadas do sertão. Dessa maneira, esse indivíduo passou a ser visto como despraparado para a cidadania, como é o caso do personagem Jeca Tatu de Monteiro Lobato – representante do caipira geral, um indivíduo sombrio, sem iniciativa e parasita da sociedade (cf. CANDIDO, 2003 e .OLIVEIRA & KEWITZ, 2002).

Esta questão está, ainda, relacionada à valorização da vida urbana e do estrangeiro (branco) em detrimento da vida rural e do elemento nacional (mestiço).

Confirmando a tese a respeito da crença de que o imigrante europeu era mais culto que o brasileiro mestiço, Oliveira & Kewitz (*op. cit*.) mencionam uma observação feita por Saint Hilaire (1976, *apud* OLIVEIRA & KEWITZ, 2002), na qual o viajante observa que os habitantes da zona rural de São Paulo "falavam muito mal o português" porque eram mestiços, enquanto na zona rural de Minas Gerais falava-se um português próximo ao europeu, por ser habitada por descendentes de portugueses.

Já Cornélio Pires (1921, *apud* OLIVEIRA & KEWITZ, 2002, p.152), a fim de valorizar o tipo de caipira trabalhador, elaborou uma tipologia étnica dos mesmos, mas que, de acordo com Naxara (1991, OLIVEIRA & KEWITZ, 2002), acabou por acentuar a desqualificação nacional:

> a. o caipira branco descendente de povoadores portugueses. É gentil, hospitaleiro, solidário entre iguais e bem humorado; b. o caipira negro é trabalhador e progressista, educado e alegre; c. o caipira mulato é o mais vigoroso, o mais independente e o mais patriota; e d. o caipira cabloco, tipo próximo ao índio, é arredio ao trabalho e à educação.
>
> (CORNÉLIO PIRES, 1921, *apud* OLIVEIRA & KEWITZ, 2002, p.152)

O estereótipo do "caipira", portanto, se formou em contraponto ao colono estrangeiro, estando relacionado ao atributo "caipira" dado ao paulista a partir da instalação da Corte no Rio de Janeiro, onde tomaram os padrões europeus no modo de trajar, de portar-se e de falar. Daí, Oliveira & Kewitz (*op. cit.*) definem três acepções para a noção de "caipira": 1. o que vive no campo em oposição à cidade; 2. o descendente dos bandeirantes; 3. o indivíduo preguiçoso em contraposição ao colono europeu.

Diante disso, uma maior contratação de colonos estrangeiros poderi ter ocorrido devido à segunda acepção exposta acima. Os imigrantes se mostravam mais atraentes aos fazendeiros, uma vez que mantinham a relação de depência senhorial semelhante a dos negros, e se contrapunha ao comportamento ousado dos bandeirantes desbravadores, herdado pelos *caipiras*.

O caipira paulista valorizava a sua independência, a liberdade e a dignidade devida à herança do espírito aventureiro, corajoso e bruto dos bandeirantes. A este respeito, Candido (2003, p.110) afirma que a submissão e a obediência do caipira é "sempre relativa e muito precária, comparada à do negro, escravo ou ex-escravo, e mesmo à do colono europeu, fruto duma sociedade rural rigidamente hierarquizada sobre os restos do senhorio e da servidão".

Em oposição a isso, no estudo já citado de Rodrigues (1974), foram colhidas entrevistas com habitantes de uma área do município considerada

subdesenvolvida – os distritos de Artêmis e Ibitiruna. A autora afirma que seus informantes têm relativa consciência que o *caipira* é visto como “ingênuo” ou “atrasado”: “O informante n.º 17 escolheu a mulher porque era “muito educadinha, muito caipira”, e que acabou por abandoná-lo e a cinco filhos. (...) O informante n.º 4 se julga *caipira* porque não tem instrução. Já o informante n.º 21, conhecido pelo gênio turbulento, embora fosse afável durante a entrevista, acreditava que, no fundo, a gravação serviria para zombar dos *caipiras*.

Rodrigues, visando um estudo mais abrangente, levou essas gravações para o Laboratório de Fonética da Universidade de Lisboa. As pessoas que as ouviram disseram unanimamente que era “uma *língua incompreensível*, cujo ritmo e certas realizações lembravam o inglês”. (RODRIGUES, 1974, p.33).

Parte ainda dessa pesquisa, foi um teste sócio-linguístico aplicado a moradores da zona urbana de Piracicaba. Pessoas de diferentes níveis socio-culturais ouviram um trecho de uma das gravações. Todos a identificaram como fala da roça e de um trabalhador inculto, no entanto, a maioria a considerou razoavelmente bonita. Além disso, mais da metade das pessoas a avaliou como agradável ou muito agradável. A maioria afirmou que muita gente ainda fala assim e todos caracterizaram a fala como *caipira*, contudo muitos justificaram que essa designação não era de cunho pejorativo, uma vez que relacionam esse dialeto à falta de oportunidade de escolarização do falante.

A autora, ainda, registrou que na zona rural da cidade havia forte preconceito contra os negros que para lá foram expulsos após a abolição. Na pesquisa citada, havia apenas um informante negro que trabalhava como camarada, para alguns proprietários. Os moradores da região referem-se a ele como aquele que “comete crimes e não tem educação”.

Nesse contexto apresentado, em que mesmo o caipira branco sofre grande desvalorização por ser considerado preguiçoso e ignorante, como fica a questão do caipira negro, não sendo bem visto pelos próprios habitantes da zona rural pela cor de sua pele e nem pela sociedade urbana por ainda ser caipira?

1.3. O negro em Piracicaba

De acordo com dados históricos o Brasil absorveu cerca de 40% dos escravos transportados para as Américas, chegando a cerca de 4 milhões de indivíduos, em sua maioria jovens do sexo masculino, trazidos para o Brasil entre 1550 e 1850 (cf. FAUSTO, 2002). Em algumas regiões do país, a população negra era mais numerosa que a de portugueses e seus descendentes, em regiões como a Bahia e o Rio de Janeiro.

Desde o princípio do povoamento de Piracicaba, a presença do negro na região é expressiva. Já em 1728, um sesmeiro chamado Francisco Coelho Santiago, fez uma requisição de terras à corte portuguesa por possuir muitos escravos e precisar de espaço onde pudesse fazer roças para seu sustento. Como no sertão entre Piracicaba e a vila de Itu existiam muitas terras devolutas, seu pedido foi prontamente acatado pelo capitão geral Antônio da Silva Caldeira Pimentel.

O primeiro registro da fuga de escravos para a formação de quilombo data de 5 de março de 1804. O sargento-mor Carlos Bartolomeu de Arruda Botelho pede que o governo da Província tome providências, uma vez que os escravos estavam fugindo para um quilombo que se encontrava na cabeceira do Rio Corumbataí, perto de Araraquara.

No ano de 1836, o Marechal D. P. Muller registrou no “Almanak de São Paulo” que havia em Piracicaba 1756 escravos negros homens e 622 mulheres. Contudo, Maria Celestina Mendes Torres (*apud* ELIAS NETTO, 2007), em um estudo sobre a evolução da propriedade rural em Piracicaba, observa que o número de escravos já era maior, pois em 1828 a cidade contava com 8.311 moradores, destes 2.303 (27,7%) eram negros escravos, 90 mulatos e 42 agregados[8].

Anos depois, “A Província de São Paulo” – antigo nome de “O Estado de São Paulo” – noticiou em 1875 um conflito entre os moradores do bairro de Anhumas, em Piracicaba, e um quilombo de escravos fugidos, o que resultou em

[8] O termo agregado engloba: escravos libertos, índios, criados livres, parentes pobres, mães viúvas, tias e irmãs solteironas que viviam com uma família.

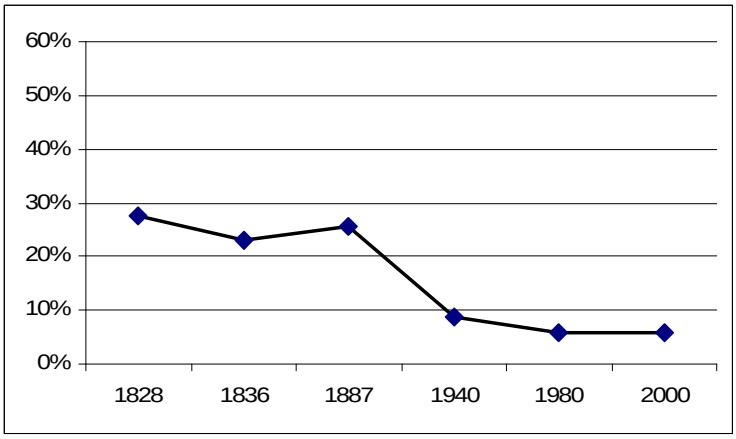
diversos combatentes gravemente feridos. Ainda, um ano antes da abolição, em 1887, Piracicaba era o terceiro município paulista com o maior número de escravos (5.663 – cerca de 25,7% da população), atrás apenas de Campinas (15.427) e Bananal (6.903), de acordo com o "Almanak Comercial de São Paulo".

Após a abolição, no entanto, os negros não foram integrados à sociedade. Seu trabalho nas fazendas foi substituído pela mão de obra estrangeira, o que os levou a uma situação de subemprego, ou seja, a uma nova forma de escravidão. Citando Gylberte Freire, Elias Netto (2002/2003) aponta:

> No Brasil, a influência não foi da raça negra, mas do escravo e da escravidão. Pois, como escravos, os negros tiveram a sua verdadeira cultura violentada, usando de artifícios para manter o núcleo dela diante da violentação do homem branco. Em Piracicaba, obviamente, ocorreu o mesmo. E, também, os mesmos preconceitos. Ainda no Século XX, estes eram, ainda, frequentes, apesar das grandes campanhas de concientização contra preconceitos raciais.

Como mencionado anteriormente, os negros partiram para regiões despovoadas, a fim de encontrar meios de sobrevivência. Esse fato pode ser comprovado através da comparação entre os censos realizados no século XIX e XX. Nesse período, houve em Piracicaba a diminuição expressiva da população negra, como demonstram os dados do gráfico a seguir:

Gráfico II: A População Negra em Piracicaba



Os jornais oficiais piracicabanos do final do século XIX e início do XX, entre eles, *Gazeta de Piracicaba* e *O Jornal de Piracicaba*, nos dão pistas indiretas da discriminação imposta aos negros no cotidiano da vida urbana. A imprensa local reclamava da algazarra dos "pretos desordeiros" que se reuniam em botequins da rua Direita, no Largo São Benedito e no Largo da Santa Cruz. Da mesma forma, as festas dos negros eram tidas como imorais, por causa das suas umbigadas, requebros e descompromisso com a moralidade branca.

Uma pesquisa realizada pelo professor José Luis Simões, com base nos jornais de Piracicaba entre 1900 e 1922 (*apud* ELIAS NETTO, 2002/03), indicou que a violência também estava muito presente naquela época, pois praticamente todas as edições traziam notícias de roubos, espancamentos, brigas, assassinatos, etc. Os negros, imigrantes e ciganos são apontados como os "intrusos" da época e, através dos artigos, o autor classificou a sociedade da época como "uma sociedade dual, nitidamente dividida entre as elites que buscavam desenvolvimento e progresso e os desocupados, embriagados, negros e imigrantes que cotidianamente protagonizavam os acontecimentos de violência e desordem social".

É interessante verificar que, como relatado na seção anterior desse capítulo, o imigrante do final do século XIX era considerado trabalhador e culto em oposição ao brasileiro mestiço "caipira", considerado preguiçoso e ignorante. Nesse estudo de José Luis Simões, sobre o começo do século XX, entretanto, o imigrante encontra-se na mesma posição do negro, sendo também responsável pelas desordens sociais.

Outro registro a respeito da condição do negro na virada do século XIX para o XX em Piracicaba são as memórias do agrônomo Francisco Assis Iglésias (2003). Nessa obra, há um trecho em que o autor descreve que mesmo às vésperas do século XX, ouviu em uma casa que visitava gritos vindos da cozinha, que seriam ordens para que a cozinheira fosse chicoteada: "bacalhau na negra, bacalhau na negra". Na mesma obra, há outro registro do preconceito em relação aos negros. Referindo-se às suas festas, o agrônomo concorda com a repressão branca:

> Em Piracicaba, as autoridades municipais tomaram medidas que deram muito resultado: toda pessoa de cor que perambulasse pelas ruas da cidade sem ter o que fazer era detida e recolhida na Cadeia Velha, amarela, como era conhecida pelo Zé Povinho, e só podia sair com emprego arrumado

Até mesmo nos relatos que tentavam mostrar a ausência do preconceito, este ficava nítido, como neste outro excerto de Iglésias:

> (...) nos últimos dias do século passado por ocasião da Semana Santa, foi convidado, pelos organizadores dos festejos religiosos, o maestro Manuel dos Passos, preto, para reger a requinta da Igreja Matriz. Integrou o grupo dos cantores a exma. Sra. dona Maria Amélia Silveira Mello, filha do dr. Prudente de Moraes e esposa do dr. João Batista Silveira Mello. Dona Lalau, como era chamada carinhosamente pelos seus familiares e pessoas que tinham a honra de pertencer ao rol de seus amigos, possuía excelente voz de soprano dramático. A filha do notável brasileiro, ex-presidente da República, não se sentiu diminuída ao obedecer a batuta do maestro negro!

Domingues (2003) ao falar da situação de segregação dos negros no início do século XX, cita uma carta[9] escrita ao jornal *O Patrocínio,* acerca de um episódio ocorrido em Piracicaba:

> Pode ou não pode um negro sentar-se ao lado de um branco em qualquer casa de diversões, desde uma vez que satisfaça todos os requisitos que requer a boa sociedade? Compreendo perfeitamente que não estou na altura de fazer semelhante interrogatório, porquanto a minha capacidade é ainda insuficiente para suscitar esse assunto. Mas a verdade é que não posso calar-me diante desse ridículo preconceito que surge em certas casas de luxo, tais como: em cinemas, cafés, bares, bilhares, etc.
>
> Pergunto eu; por que é que existe esse mesquinho preconceito, é por causa da cor, ou por ser pobre e não andar decentemente trajado; ou ainda no caso mais sério, será porque o negro não sabe portar-se com a devida polidez que esses lugares requerem?

[9] Essa carta está no exemplar de 18-12-1927. Este periódico não foi localizado nos arquivos em que se encontram os outros.

> Acho que os pontos precipitados não suficientes para satisfazer a minha pergunta. Porque assim como há negros pobres, mal trajados, mal-educados, há também brancos, amarelos e vermelhos nas mesmas condições e que, entretanto, não lhes são vedadas as entradas nesses lugares que se dizem ser de luxos.
>
> Ao ter conhecimento que em um de nossos cinemas tinham sido cortadas as entradas das pessoas de cor, na plateia, procurei me informar do caso e o resultado foi afirmativo. Procurei ainda saber, de quem me pudesse informar, se algum preto tinha procedido de maneira incoveniente ao ponto de obrigar a empresa a tomar aquela medida, fiquei informado de que ninguém tinha se portado de modo incorreto, que a empresa tinha tomado tal medida porque andavam propalando que o cinema era frequentado só por preto.
>
> Que haja preconceito em sociedades particulares, que haja preconceito em família é natural. Mas haver preconceito em casas que são franqueadas ao público? É o cúmulo [...]
>
> ("O Patrocínio" – 1927 – 18/12, *apud* DOMINGUES, 2003: 175,176)

De acordo com Elias Netto (2007), até pessoas esclarecidas da cidade, como Leandro Guerrini - diretor do *Jornal de Piracicaba* e autor do livro *História de Piracicaba em Quadrinhos* – eram preconceituosos ao referir-se aos indivíduos da negros, dirigindo-se a eles como "classe preta". O autor trancreve um trecho de um artigo escrito por Guerrini, com o pseudônimo de "Lau de Lino" em 1928, a respeito dos negros e do Jornal *O Patrocínio:*

> A classe preta de Piracicaba, salvo pequena excepção, há muito que se tornou um agrupamento que honra a cidade. Dizemos assim porque, em se nomeando a classe preta, gente parece que desunida por índole, formando uma casta heterogênea e vivendo quase à parte da sociabilidade commum, nos vem à mente a vida um tanto nômade "desses filhos dilectos do Brasil", segundo o poeta. A classe preta da cidade é uma bonita excepção à regra. Seus indivíduos são perfeitamente sociáveis e a prova disso está na pujança da Sociedade Beneficente 13 de Maio, uma agremiação, sem favor algum, das mais ricas de Piracicaba (...)

Também, sobre o jornal *O Patrocínio*, da Sociedade 13 de Maio, Leandro Guerrini escreveu*:* "Não é preciso ser perspicaz para descobrir os benefícios dessa folha. Forçando os interessados à leitura, traz-lhes, pouco a pouco, uma

elevada intenção moral, que é justamente o que ainda falta um pouco à classe negra do Brasil".

Apesar da ressalva de Elias Netto quanto ao uso do termo "classe preta", o conteúdo do artigo de Leandro Guerrini é favorável à "classe preta" da cidade. Além do que, este, isoladamente, não pode ser considerado uma manisfestação racista, pois os próprios negros a utilizavam para referirem-se à sua classe. Nos nove exemplares analisados de *O Patrocínio*, a palavra "negro" ocorre 68 vezes, sendo o termo com maior frequência, tanto "classe preta" como "homens pretos" surgem 6 vezes cada, o que demostra o uso corrente das mesmas. Acrescido a esses exemplos há, também, o termo "de cor" que aparece 18 vezes no corpus.

Para compreender melhor essa questão, Nascimento (2003) observa que a partir do segundo período[10], inaugurado com a fundação do jornal "O Clarim", mais tarde *O Clarim da Alvorada*, por Jayme de Aguiar e José Correia Leite, há uma mudança na linguagem utilizada em seus textos. O termo "negro" passa a substituir a expressão "homens de côr" ou "população de côr". Leite (*apud* Nascimento, 2003:229) cita que Vicente Ferreira, um destacado orador da época, foi o responsável pela introdução do termo "negro", "para substituir o então vazio e usado "homem de côr". Segundo Ferreira, "Homem de cor também é o amarelo e o índio; acabou com essa baboseira de homens de cor, que não quer dizer nada".

Sendo assim, a expressão "classe preta" utilizada por Leandro Guerrini, não pode ser caracterizada como preconceituosa, pois era a forma de referência utilizada tanto por brancos quanto por negros naquela época. Como exposto, a alteração na terminologia ocorre posteriormente a esses textos.

A grande presença dos negros em Piracicaba, ao longo do século XX, mostra que não se conseguiu impedir a influência dos negros africanos e de seus descendentes. De fato, esta pode ser verificada na cultura "caipiracicabana" através da culinária – como o famoso cuscuz da Rua do Porto, nas festas populares – como a do Divino, no sincretismo religioso, nas lendas,

[10] Os periódicos de Imprensa Negra foram divididos por Roger Bastide em três períodos, que serão mais bem detalhados na seção seguinte.

na língua, na música, nos esportes e na dança – que tem como herança a batucada.

Ademais, a cidade possui um bairro chamado Vila Africa, onde a maioria dos habitantes é de afro-descendentes. Ainda, o município oferece outra referência negra que é a igreja de São Benedito, localizada atrás do prédio da Câmara Municipal, que pertenceu a Confraria de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos[11].

Piracicaba conta, além disso, com a *Sociedade Beneficente 13 de Maio.* Fundada em 1901 com o nome de Sociedade Beneficente "Antonio Bento", em homenagem ao Patriarca da Liberdade – Antonio Bento de Souza Castro. De acordo com a primeira ata da associação: "Luiz Dias de Araújo aventou a ideia de organisar-se uma sociedade de contribuição pecuniaria para o fim especial de commemorar-se condignamente a aurea lei de treze de maio, no anno de 1902".

Sendo assim, a entidade foi idealizada por abolicionistas brancos, segundo relatos, ligados à maçonaria. O objetivo da congregação era criar um espaço onde os ex-escravos e seus descendentes pudessem reunir-se e assim, integrar-se à comunidade em geral. Contudo, além das festividades, a associação prestava serviços médicos, farmacêuticos, jurídicos e educacionais à comunidade.

O nome atual da entidade surgiu em 1908, quando passou a ser administrada pela comunidade negra piracicabana. A nova sede da Sociedade Beneficente 13 de Maio foi inaugurada em 1948, resultado de uma campanha que recolheu todo tipo de doações. Segundo o professor e jornalista Silvio Aguiar Souza (*apud* ELIAS NETTO, 2002/03), um de seus idealizadores, o local foi construído com "material de primeira ordem, o forro do salão nobre de celotez; o soalho, de tacos; a laje que garante a resistência entre o pavimento térreo e o primeiro andar com espessura de 18 cm, com resistência suficiente para o sapateado da negrada (sic); a iluminação do salão de luz fluorescente".

[11] Associação religiosa que comprava alforrias e trazia o culto às religiões afro-brasileiras.

Em 2001, o prédio foi tombado como Patrimônio Histórico Cultural. A Associação é hoje a terceira mais antiga do país, tendo completado em 2008 100 anos de existência com a denominação atual e 107 desde a sua fundação.

O periódico *O Patrocínio* – exemplar da Imprensa Negra de Piracicaba - estava diretamente ligado à Sociedade13 de Maio como será melhor explicitado posteriormente.

Antes de falar da imprensa negra propriamente, é necessário esclarecer a questão da escolaridade da população negra na época e como foi possível criar orgãos de imprensa feitos somente por negros.

1.4 Escolarização

1.4.1. Escolarização da população negra do século XIX ao XX.

Diversos textos sobre a escolarização dos negros, tais como, Gonçalves & Silva (2000), Cruz (2005) e Morais (2007), afirmam que o estudo dessa questão é dificultado pela falta de fontes históricas a esse respeito. Muitas delas foram destruídas no processo de dominação, e, depois dele, quando Rui Barbosa decidiu queimar diversos documentos sobre a escravidão no intuito de "limpar a nossa história".

Cruz (2005, p.22) aponta detalhadamente para a carência de trabalhos históricos acerca das experiências escolares dos indígenas e do afro-descendentes:

> O estudo, por exemplo, da conquista da alfabetização por esse grupo; dos detalhes sobre a exclusão desses setores das instituições escolares oficiais; dos mecanismos criados para alcançar a escolarização oficial; da educação nos quilombos; da criação de escolas alternativas; da emergência de uma classe média negra escolarizada no Brasil; ou das vivências escolares nas primeiras escolas oficiais que aceitaram negros são temas que, além de terem sido desconsiderados nos relatos da história oficial da educação, estão sujeitos ao desaparecimento.

Apesar dessas dificuldades, há alguns estudos em história da educação que dão indícios de que nos séculos XVII e XVIII os negros foram decisivos para a difusão do português no Brasil. Morais (2007), por exemplo, realizou um trabalho sobre a familiaridade dos escravos com a escrita, baseando-se em anúncios de jornais e documentos da região de Minas Gerais. A autora mostra que escravos alforriados sabiam usar a escrita mesmo sendo proibidos de frequentar escolas e afirma: "Ter profissão especializada, como alfaiate, pedreiro ou carpinteiro, que exigia o uso de medidas e cálculos, indica um grau refinado de 'letramento', termo que ajuda a entender os usos sociais, culturais e históricos atribuídos à palavra escrita". Em seu trabalho, a autora pretendia determinar o grau de letramento (de 1 -rudimentar a 5- mais personalizada) dos escravos da região através de suas assinaturas nos documentos, uma vez que, saber assinar aumentava o *status* do negro em uma sociedade basicamente iletrada na época.

Nesse período, havia em Minas Gerais muito mais negros que brancos (cf. FONSECA, 2005). A população livre desse estado em 1830 era de 270 mil habitantes dentre os quais 59% eram negros, além dos 130 mil escravos locais. Havia pretos e mulatos nos mais diferentes papéis na sociedade, inclusive como professores. Por exemplo, em 1831, dos 39 alunos que frequentavam a Escola de Primeiras Letras em Cachoeira do Campo, 34 (91%) eram pardos. Fonseca aponta, contudo, que apesar dos negros serem maioria nas escolas primárias, nos níveis mais altos os brancos ainda predominavam.

A esse respeito, Gilberto Freyre faz a seguinte afirmação em "Casa Grande e Senzala": "Nas senzalas da Bahia de 1835 havia talvez maior número de gente sabendo ler e escrever que no alto das casas-grandes" (*apud* MORAIS, 2007, p.4). Há, além disso, registros de escravos que dominavam a escrita não somente do português, mas de outras línguas, como os Malês, que por serem islâmicos, escreviam em árabe suas orações a Alá. Segundo Alcântara (2008), os escravos letrados da Bahia e de Minas podem ter sido exceção, e aponta, mais uma vez, para a necessidade de mais pesquisa sobre a relação dos escravos com a língua portuguesa e quais eram suas práticas de leitura e escrita na época do Império.

A Reforma Couto Ferraz de 1854 apresentou o decreto 1.331, que estabelece a obrigatoriedade da escola primária para crianças maiores de sete anos e que as escolas primárias e secundárias da corte deveriam ser gratuítas. Contudo, não seriam admitidas nas escolas crianças com doenças contagiosas ou escravas e não havia menção nessa lei a respeito da educação de adultos. Apesar desse impedimento, os negros conseguiam, em muitos casos, receber uma educação informal, como relatam Araújo & Silva (2005, p.69): “ a educação informal (...) poderia acontecer tanto no meio rural como no meio urbano por meio da observação silenciosa das aulas das sinhás-moças e da instrução religiosa dos padres, entre outras situações improvisadas”. Ademais, de acordo com Morais (2007), no século XIX era comum confiar a educação de um filho livre ou forro, ou, até mesmo, de um escravo pequeno, a um mestre artesão ou professor particular. No caso dos escravos, existe a possibilidade de que alguns senhores contratavam professores particulares para alfabetizá-los, com a intenção de lucrar com eles.

Como citado acima, os escravos estavam proibidos de frequentar as escolas, contudo as escolas estavam abertas para negros libertos. Portanto, uma pequena porcentagem de ex-escravos, resguardados social e economicamente por ex-senhores, teve acesso à educação escolar. As crianças negras tinham que provar a sua condição e possuir certos requisitos para poder frequentar a escola, como vestimentas adequadas, um adulto responsável para realizar a matrícula e recursos para adquirir o material e a merenda. Isso nem sempre era possível, salvo os casos em que a renda provinha do ex-senhor. Além do mais, em muitos casos, a família não valorizava a educação formal, muitas vezes por causa da pobreza que levava as famílias a utilizar o trabalho das crianças como fonte de renda extra. Barros (2005, p.88) transcreve o relatório de um professor, em 1876, queixando-se dos pais de alunos. No texto, não há menção específica a respeito da etnia dos alunos, apenas o indício de se tratar de crianças pobres:

> Tenho sempre ouvido queixas contra o magisterio. É bom que o magisterio opponha tambem algumas aos pais de familia brazileiros, não

> aquelles pais de boa-sociedade, que conhecem o valor da educação da familia, mas sim ao commum dos pais. Entendem estes, só aquem me refiro, que é bastante mandar os filhos a escola. Com dificuldade dão-lhes o que é preciso. Fazel-os estudar em caza as lições passadas na escola, nenhum o faz. Os meninos ahi andão pelas ruas tardes inteiras a correr após um arco de barril, ou adiante de um volante aereo, ou em bandos a jogar capoeira, entregando-se desde cedo a devassidões. Eu, por mais que faça, não consigo que um alumno venha para a escola com as lições de Grammatica ou Arithmentica decoradas. Entretanto, essas lições, que dependem do exercício da memória, devem ser estudadas em casa, só explicadas ou praticadas na escola, para que o tempo, que gastam em decorar, fosse empregado em qualquer outro exercício. Quanto ao procedimento, todos os alumnos o tem bom na escola. Apenas dois alumnos irmãos que, com quanto não procedão de modo a ser requerida sua expulsão, são ivenciveis quanto aos habitos da vadiação e falta de aceio com que se aprezentão na escola.

O jornalista Correia Leite, do *Clarim da Alvorada*, relata sua condição quando criança, similar ao que foi exposto acima: “Quando comecei a tomar consciência das coisas, percebi que era um menino sem poder entrar em escola porque não tinha quem se reponsabilizasse por mim. (...) Os que frequentavam grupo escolar tinham pai e mãe”. (CORREIA LEITE, 1992, p..23 e 26)

Através desses relatos, é possível perceber que uma parte da camada negra valorizava a instrução formal de seus filhos, em contrapartida, uma outra parcela desse grupo não compartilhava do mesmo pensamento, principalmente devido à sua realidade financeira mais carente. Contudo, há informações de casos em que as crianças eram alfabetizadas em casa pelos pais, não sendo enviadas às escolas.

Ainda em relação ao século XIX, Barbosa (*apud* CRUZ, 2005, p.28) afirma que em 1871, ano em que começou a vigorar a Lei do Ventre Livre, havia em Campinas cerca de cinco escolas públicas voltadas para os “negros libertos e escravos”. Dentre elas, o São Benedito, criado em 1902 para alfabetizar os filhos dos negros, e o Colégio Perseverança ou Cesarino, primeiro colégio feminino fundado em 1860 por Antônio Cesarino e sua esposa, que eram negros. Dessa forma, ao contrário do que se pensava, os escravos, em certas

circunstâncias, conseguiam ter acesso à escolarização 17 anos antes da abolição da escravatura. Porém, segundo Gonçalves & Silva (2000, p.141), das 403.827 crianças nascidas[12] entre os anos de 1871 e 1885 apenas 113 (0,02%) frequentaram estabelecimentos de ensino.

Cruz aponta para estudo de Souza (1999, *apud* CRUZ 2005), em que o autor identifica crianças negras em fotografias de diferentes grupos escolares de Campinas entre os anos de 1897 e 1925, em caso semelhante ao das fotografias do Grupo Moraes Barros de Piracicaba, nas quais há a presença de negros em fotos de 1912 e 1917.

A grande expansão da rede pública de ensino no Brasil se deu na década de 1960, porém, se os negros só tivessem começado a ter acesso mais amplo aos estudos nessa época, como teria sido possível criar as organizações negras, escolas e a imprensa negra?

Após a abolição, os grupos negros, através de seus clubes recreativos e associações como a *13 de maio de Piracicaba*, criavam suas próprias escolas. Muitas vezes recebiam instrução de outras pessoas, o aprendiam por si só, como é o caso de Correia Leite, em um depoimento o militante negro afirma: "Eu não sou autodidata porque cursei determinada disciplina e, por não poder me formar, me tornei autodidata. Não. Eu sou autodidata mesmo, porque não tenho nem curso primário". (CORREIA LEITE, 1992, p.20). Porém, em alguns casos, conseguiam adentrar a rede pública e escolas particulares. Como era o caso do outro fundandor do *Clarim da Alvorada*, Jayme de Aguiar, que segundo Leite, "(...) era um menino bem educado, a família dele protegida por antigos senhores de escravos – os Paula Souza. Era matriculado no Coração de Jesus, um colégio em que não entrava qualquer um naquele tempo". (*op. cit.* p.26).

Em um âmbito mais geral, Gonçalves & Silva (2000, p.139 e 140) afirmam que: "A escolarização, entre os homens negros nascidos no início do século XX, quando ocorreu, foi, em sua maioria na idade adulta. Já as mulheres eram encaminhadas a orfanatos, onde recebiam preparo para trabalhar como empregada doméstica ou como costureira".

[12] O texto não menciona com precisão se esse número se refere a todo o país, ou a uma região específica.

A primeira chance real de inserção dos negros na educação formal, portanto, teria ocorrido no final do século XIX e início do XX, com o desenvolvimento industrial, que, inclusive, impulsionou o surgimento do ensino popular e do ensino profissionalizante. As primeiras escolas nesse formato foram criadas em 1907 após o decreto 7.556 do presidente Nilo Peçanha. De acordo com Pahim Pinto (1994, *apud* GONÇALVES & SILVA, 2000) a primeira notícia a respeito de uma instituição de ensino para negros aparece no jornal *O Propugnador*, em 1907, informando sobre o curso diurno e noturno da Irmandade de Nossa Senhora do Rosário.

Segundo Araújo & Silva (2005, p.73), "Pretos e pardos que obtiveram sucesso nesta direção formaram uma nova classe social independente e intelectualizada. A mobilização desta classe configurou-se como um mecanismo de autoproteção e resistência, servindo de base para a (re)organização das primeiras reinvicações sociais negras no pós-abolição e o surgimento dos movimentos negros" . Exemplos desses movimentos são os jornais negros e a entidade de cunho político Frente Negra Brasileira[13]. A imprensa negra foi um veículo que tentou mostrar à população negra a importância da educação formal, como será melhor explicitado na seção seguinte.

No pós-abolição, os negros precisavam ser educados para tornarem-se bons cidadãos e bons trabalhores, ou seja, para poderem participar efetivamente da sociedade. No final do século XIX, o país foi tomado por um "entusiasmo pela educação", a fim de, através da escolarização, tornar o Brasil uma nação "civilizada" aos moldes da Europa e da América do Norte. Barros (2005 p.81)afirma: "a exigência de organizar o trabalho livre trouxe, simultaneamente, a necessidade de educar o homem para o trabalho".

---

[13] A *Frente Negra Brasileira* foi fundada em São Paulo no ano de 1931, por Arlindo Veiga dos Santos, intelectual negro. Possuía núcleos no Rio de Janeiro, Minas Gerais, Bahia, Rio Grande do Sul, Pernambuco e interior paulista. Essa entidade pretendia irradiar por todo o Brasil a união política e social da população negra e, assim, afirmar seus direitos históricos e reivindicar seus direitos sociais e políticos. Além disso, objetivavam a elevação moral, intelectual, artística, técnica, profissional da população negra e prestavam assistência, social, jurídica, econômica e de trabalho à comunidade. Suas ideias eram difundidas através de cabos distritais que viajavam pelo país arregimentando adeptos e fundando núcleos.

De acordo com Gonçalves & Silva (2000, p.145), os líderes desses movimentos negros pensavam que a educação era responsabilidade da comunidade negra e não somente do Estado:

> Quanto mais informações reunimos, mais nos convencemos de que, respeitadas as diferenças regionais e até mesmo locais, a forma como os negros militantes buscaram reagir à precária situação educacional de seu grupo étnico exigiu deles um tipo de compromisso pessoal, de engajamento direto para resolver um problema que não era exclusivamente dos negros, mas era um problema nacional.
>
> Para (Florestan) Fernandes (1986), o clima político do início do século, impregnado de ideologia liberal, moldava os indivíduos, ao ponto de imaginarem que a tão almejada integração social, dependia exclusivamente do esforço de cada um.

O exemplo mais significativo de uma instituição educacional organizada por uma entidade negra foi a escola da Frente Negra Brasileira, cujo programa de alfabetização atendeu a cerca de 4000 estudantes, já a escola primária e o curso de formação social atenderam a 200 alunos.

Os textos dos jornais de imprensa negra eram compostos, na sua maioria, por membros de uma elite intelectual, preocupada com a norma culta. Como mencionado anteriormente, Jayme de Aguiar frequentou o colégio regular, Correia Leite, apesar de se intitular autoditada teve acesso à norma padrão, principalmente através de seu colega Jayme de Aguiar: “Ele ia duas vezes por semana e me dava aulas de matemática e português. Comecei a melhorar. (...) Consegui ingressar num curso de contabilidade” (CORREIA LEITE, 1992, p.29).Com a saída do colega de *O Clarim da Alvorada*, em 1929, Correia Leite faz a seguinte afirmação: “– O jornal pode sair com vírgula errada, com erro de concordância, mas vai sair. Porque agora eu tenho umas ideias” (*op. cit*, p.40)

Lino Guedes, um dos fundadores de *O Getulino*, exemplar de Campinas, foi filho de ex-escravos, cuja família era protegida do líder político da cidade de Socorro. Estudou no grupo escolar de Socorro, tendo sido um dos fundadores do jornal O Espião, em 1908. Quatro anos depois, obtém seu primeiro emprego

como revisor auxiliar do jornal O Diário do Povo. E em 1918, é contratado como revisor-chefe do Correio de Campinas.

Os três autores mencionados eram colaboradores de *O Patrocínio* de Piracicaba. O redator-chefe dessa folha foi Alberto de Almeida. Apesar de documentos e registros a seu respeito não terem sido encontrados nas atas de reuniões da Sociedade 13 de Maio, por exemplo, soube-se que veio para Piracicaba do Rio de Janeiro para estudar e, na cidade, morava e trabalhava em uma república estudantil da Escola de Agronomia Luiz de Queiroz (ESALQ-USP). Porém, não se sabe mais detalhes a respeito de sua origem e escolarização, contudo, através de seus textos é possível crer que, de alguma forma, Almeida teve acesso à norma culta escrita da língua.

Tem-se notícia que Bento Escobar, colaborador do jornal piracicabano, era jornalista e tabelião, cargo raramente exercido por um negro na época, devido à necessidade de instrução para exercê-lo.

Concluí-se, portanto, que a maior parte dos indivíduos que organizaram os jornais de imprensa negra, tiveram acesso a alguma forma de estudo. De acordo com Garcia (1997, p.32) : “A diferença desse grupo de intelectuias reponsáveis pela Imprensa Negra em relação à maioria da sociedade, não só paulistana mas brasileira, residia no fato de serem alfabetizados, e nesse sentido, contituírem uma ‘elite’ ”.

Dessa maneira, como será verificado no capítulo 4, que trata da análise dos dados, é possível perceber uma grande preocupação com a adequação à norma culta vigente na maioria dos artigos. Como exemplifica Correia Leite, no seguinte trecho em que relata uma conversa com o orador Vicente Ferreira:

> O Vicente Ferreira falava muito bem, sabia muita coisa, mas não escrevia. Ele só ditava e a gente tinha de interrompê-lo para colocar uma vírgula, ver uma concordância ou qualquer coisa. Ele ficava danado e dizia que o pensamento dele nada tinha a ver com a gramática. O que ele queria é que a pessoa pegasse as ideias, o que prevalecia eram as ideias. E dizia que não tinha nada a ver com a vírgula e a concordância. Então eu fui começando a dar mais valor às minhas ideias do que a qualquer erro de gramática. Fui perdendo aquela bitola do Jayme de Aguiar e outros muito preocupados com a gramática. (CORREIA LEITE, 1992, p.196)

Os editores dos periódicos de imprensa negra, além disso, incentivavam seus leitores a enviar textos e muitos deles eram publicados. Em *O Patrocínio*, há vários exemplos desse tipo.

Apesar desses artigos serem publicados, em periódicos, como *O Alfinete,* sabe-se que alguns textos eram reeviados com um pedido de adequação do conteúdo, após avaliação dos editores. Inclusive, nesse jornal havia uma coluna entitulada "Caixa do Alfinete", em que o autor denominado "Cabo da Guarda" dava dicas sobre a maneira correta de escrever de acordo com a norma culta. Como no exemplo transcrito por Garcia (1997, p.81) : "... Snr. Baptista: - Seu sòneto não póde ser publicado falta a metrificação, que é o essencial. Um conselho: -Leia o tratado de metrificação de Olavo Bilac, na parte que trata dos sonetos".

Apesar dos jornais serem elaborados por indivíduos que tiveram instrução, os seus conteúdos chegavam indiretamente àqueles que não sabiam ler, como descrevem Gonçalves & Silva (2000, p.141):

> Não se pode esquecer que ela se vaiculava entre os poucos que eram alfabetizados na população negra brasileira. Ou seja, não se destinava à massa mas aqueles que tinham em seus currículos uma história, pequena que fosse, de escolarização (Gonçalves, 1997). Entretanto, junto a muitos desses reunia-se 'gente sem estudo para ouvir as notícias'. 'Avó, pai sem leitura, comprava o jornal, para que os netos, os filhos lessem para eles', conta Antunes Cunha (2000).

Nessa seção, foi realizado um panorama da escolarização dos negros no século XIX e início do XX para identificar que fatores possibilitaram o surgimento de uma imprensa escrita somente por negros. E, ainda, de acordo com o nível se instrução, poder levantar hipóteses acerca do tipo de liguagem encontrada nestes textos, se está mais próxima ou distante da norma culta vigente no período.

Para compreender com mais clareza o estatuto linguístico do periódico analisado nesse estudo, é necessária uma exposição da escolarização especificamente da cidade de Piracicaba e da população negra que lá habitava.

1.4.2. Escolarização na cidade de Piracicaba

Piracicaba chegou a ser conhecida como “A cidade das escolas”, denominação atribuída à cidade pelo escritor Thales Castanho de Andrade (1890-1977), em sua obra de 1922 (cf. MONTEIRO, 1988). Realmente, desde a independência do Brasil, a Câmara Municipal preocupava-se com a necessidade de que se instalasse na cidade a “Mestria Régia de primeiras letras”. De acordo com o estudo entitulado *Piracicaba “a cidade das escolas*” (1988), do jornalista e professor Noedi Monteiro, a primeira escola de primeiras letras para meninos, com 30 estudantes, instalou-se na cidade em 1826.

Em 1829, é enviado ao governo o primeiro mapa de alunos, informando que havia 36 estudantes na cidade.Já em 1836, como mencionado na seção 2.1, o *Quadro Estatístico da Província de São Paulo*, aponta que 395 - 3,8% dos habitantes da cidade eram alfabetizados, enquanto que Itu contava com 166 alfabetizados (1,5% de seus moradores) e Curitiba com apenas 152 (0,95% da população).

No ano de 1844, é aberta mais uma escola primária masculina, com mais de 200 alunos. Três anos mais tarde, é criada a primeira escola feminina de Piracicaba.

Segundo Monteiro, em 1871, a cidade contava com cinco escolas públicas (duas para o sexo masculino e três para o sexo feminino) e alguns estabelecimentos particulares, como o colégio Santa Sofia, que possuia um gabinete de leitura com mais de 2000 exemplares. A primeira biblioteca pública da cidade foi inaugurada em 1873.

No ano de 1883, Piracicaba possuía seis escolas para ambos os sexos e contabilizava 286 alunos. Em 1893, havia 10 colégios públicos e 11 estabelecimentos particulares – dentre eles, oito para o sexo masculino, sete para o feminino e seis mistos – perfazendo um total de 762 alunos matriculados e 602 frequentes, dos quais 492 meninos e 270 meninas.

Em 1894, é inaugurado o primeiro grupo escolar denominado “Piracicaba”, hoje com o nome de “Barão do Rio Branco” – o quinto a ser criado

no estado de São Paulo. No mesmo ano, é inaugurada a Escola Agrícola Luiz de Queiroz, primeiro estabelecimento de ensino agrário do país.

Segundo o “Relatório ao Secretário de Estado dos Negócios do Interior”, no ano de 1896, havia em Piracicaba 29 escolas: 13 preliminares, 10 intermediárias e seis provisórias.

Em 1897, é inaugurada a “Escola Complementar de Piracicaba”, hoje “Colégio Sud Mennucci”. Foi a segunda escola normal (estabelecimento de educação acima do grau primário) instalado no interior do Brasil – Itapetininga recebeu a primeira.

No estudo de Monteiro, até o ano de 1897, não há menção quanto à raça dos alunos destes estabelecimentos, nem de qual seria a situação educacional dos negros após a abolição em Piracicaba. Somente em 1898, há o registro da inauguração da “Escola Igualitária de instrução primária e secundária para o sexo masculino”. O estabelecimento era mantido pela Sociedade Igualitária, na rua 13 de Maio n° 11 e dirigido por Joviano Pinto. De acordo, com Monteiro (1988, p.9):

> A escola representa a classe de homem de cor da cidade. Veio à lume por iniciativa de Franklin César de Carvalho Filho, João Cotrim, José Francisco Lázaro e Hermógenes da Conceição (prof. de música em uma classe mista). Cherubim Sampaio, José Bonifácio, Fernando Moraes e Otávio Ferraz foram professores na escola.

Nesse ano, também, é organizada, na fazenda Pau D’Alho, a primeira escola rural da região. E, em 1900, é inaugurado o segundo grupo escolar da cidade, o “Moraes Barros”, que contava com 320 alunos de ambos os sexos.

Em seu relatório[14] de 1902, como presidente da Câmara de Vereadores de Piracicaba, o Dr. Paulo de Moraes Barros, afirma: “É bastante animador o estado actual da instrução no municipio, quer na parte devida á acção do Estado, quer na parte devida á acção da Camara Municipal, quer na parte devida á acção particular”. Em seguida, o vereador tece comentários a respeito

[14] Como mencionado anteriormente, esse relatório foi publicado em um caderno especial do “Jornal de Piracicaba”, em 3 de agosto de 1980.

de cada uma delas, mencionando as suas condições gerais (instalações, localização, etc.) e o número de alunos, apresentando, por fim, um quadro com o número de alunos de cada estabelecimento:

Resumo Demonstrativo dos alumnos nos estabelecimentos de instrucção de Piracicaba

1.º Grupo Escolar, mixto	370
Grupo Escolar Dr. Moraes Barros, mixto	320
Escola Complementar, mixta	194
Escola Agricola, masculina	30
Escola nocturna estadoal, masculina	34
2.ª Escola isolada—Rua S. José, feminina	48
3.ª Escola isolada—rua Boa Morte, feminina	30
Escola da Villa Rezende, masculina	26
Escola nocturna municipal, masculina	33
Escola do Tanquinho, masculina	22
Escola da Xarqueada, mixta	72
Igualitaria Instructiva, masculina	60
Cooperativa da Fabrica de Tecidos, mixta	90
Collegio Piracicabano, mixto	133
» Assumpção, feminino	80
» Tristão Mariano, mixto	48
Escola dos capuchinhos, masculina	120
Escola da rua Luiz de Queiroz, masculina	38
Escola Humberto I, masculina	65
Escola da S. Mutuo Soccorso, masculina	30
Escola de D. Eulalia Pinto, feminina	13
Escola de D. Guilhermina Huffen Bœcher, feminina	25
Total de alumnos	1.881

Por fim, Moraes Barros aponta que Piracicaba é a cidade com maior número de estabelecimentos de instrução do estado de São Paulo e afirma que "para conseguir esse resultado, a sua Camara Municipal não tem poupado sacrifícios e esforços, devendo ser citada, entre outros, a lei que izenta se impostos os directores e professores de collegios e escolas".

O recenseamento de 1900, contudo, mostra era de 2.372 o número de habitantes do perímetro urbano em idade escolar. Portanto, havia ainda 491

crianças sem receber nenhuma instrução e, segundo o relatório, “(...) destas mais de 300 que não recebem porque não encontraram logar nas escolas”.

Piracicaba, dessa forma, mostrou-se uma cidade preocupada com a instrução da população. Apesar de não haver referências específicas à classe social e raça dos alunos, parece que havia esforços para que o ensino abrangesse a grande parcela da população. Sendo que, em 1902 o município possuía duas escolas em bairros mais distantes do centro, uma em Charqueada e outra em Tanquinho, e quatro escolas noturnas, com alunos majoritariamente operários (Escola Nocturna Estadual, Escola Noturna Municipal, Escola Cooperativa da Fábrica de Tecidos e Escola Igualitária Instructiva), a última teria sido aberta para atender à população negra. Contudo, não há confirmação se esse estabelecimento era frequentado somente por negros.

Inclusive, em foto publicada em um artigo de “A Província de Piracicaba” a respeito da Escola Cooperativa da Fábrica de Tecidos, há a presença de um aluno negro:

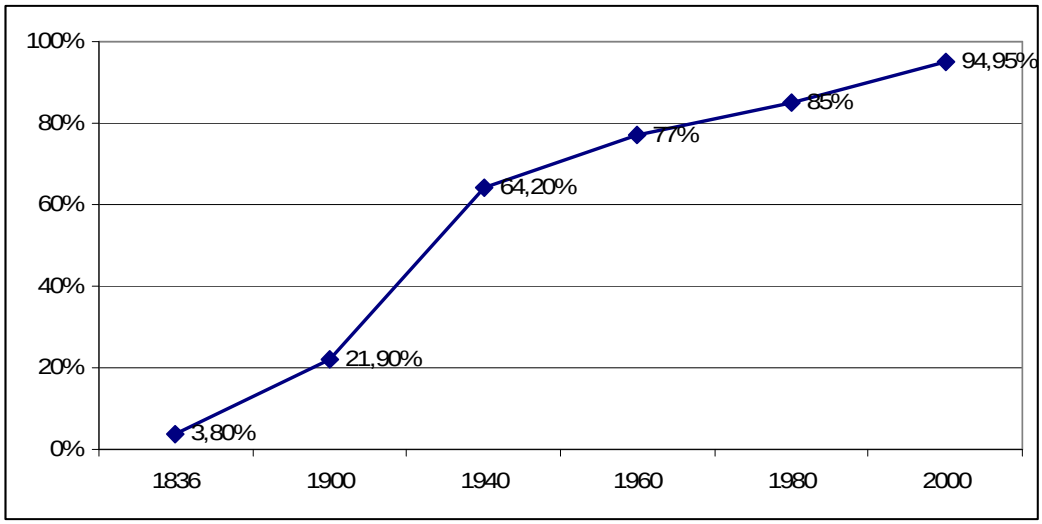
Devido aos anos em que o jornal *O Patrocínio* foi publicado (1925 a 1930), é possível crer que seus autores devem ter aprendido as primeiras letras no final do século XIX e início do XX. Sendo assim, podem ter participado desse movimento em relação à escolarização da população Piracicabana.

A fim de averiguar a porcentagem de negros nos grupos escolares da época, foi feita uma tentativa de verificar a documentação existente nas escolas. No colégio Barão do Rio Branco, restou apenas o registro dos alunos a partir de 1940. Na escola Sud Mennucci, essa documentação encontra-se em um arquivo

que pode apenas ser acessado pelo diretor do colégio, cujo contato ainda é aguardado.

Por fim, no Grupo Moraes Barros, ocorreu uma agradável surpresa. Os livros de registro dos alunos encontravam-se em armários, muitos bem armazenados e conservados, e o acesso a eles foi concedido prontamente. Esses registros datam de 1911 em diante. Contudo, constam apenas o nome dos alunos, naturalidade e filiação, não há nenhuma menção à raça. Porém, o colégio possui um arquivo de fotos antigas. Em uma foto de 1912, reproduzida abaixo, há um aluno negro. Em uma outra de uma classe, de 1917, entre 30 alunos, há dois (6,7%) negros. Em seguida das fotos, apresento um gráfico com a porcentagem de pessoas alfabetizadas na cidade de Piracicaba:

Gráfico III: População alfabetizada de Piracicaba



os jornalistas que viriam a colaborar com *O Patrocínio* e, também, os leitores desse periódico estão, provavelmente inseridos nesse contexto. Através do histórico apresentado tem-se a impressão de que no começo do século XX havia uma grande tentativa na cidade de Piracicaba de alfabetizar as crianças, não importando sua origem e posição social. Havendo na cidade além de escolas para a população infantil, também escolas noturnas para adultos e operários, inclusive uma para a população negra.

1.5. A imprensa negra e o jornal *O Patrocínio*

A escolha de um exemplar da imprensa negra como corpus desse estudo é relevante, pois os afro-descendentes têm importância reconhecida na formação da cultura e, consequentemente, da língua no Brasil. O próprio negro se vê como parte essencial da formação do país, como é possível verificar neste trecho de *O Getulino* (1924 – ano I, n.32:2/3 *apud* Ferrara, 1986: 90, 91): “Brasil não é filho do extrangeiro, não é tão pouco só o branco nacional que, si existe com as modalidades actuaes, é porque o preto amamentou, o embalou, e com inaudito esforço arroteou os campos, desbravou florestas e formou fazendas, sitios, arraiaes”.

Essa imprensa está diretamente relacionada ao movimento negro - mencionado anteriormente - surgido no início do século XX, sendo herança da luta quilombola que atravessou todo o período colonial e do império, e que marcou a história com figuras abolicionistas importantes, tais como Luís Gama, José do Patrocínio e os irmãos Rebouças.

O movimento negro do início do século XX carecia de poder econômico e político. Era formado por entidades, como a própria *Sociedade 13 de Maio* de Piracicaba, que estavam sujeitas à falta de recursos, infra-estrutura, espaço físico e apoio de outros setores da sociedade civil. Como exemplifica o jornal *O Patrocínio*, no qual seu redator-chefe Antonio de Almeida fala sobre a situação do periódico: "Não é sem dificuldades que chegamos a vencer mais um anno de lucta; pois num ambiente pobre como o nosso, só mesmo a custa de muita força se pode conseguir alguma coisa". (Pat. – 19/10/1930, p. 1)

Além disso, muitos desses periódicos eram sustentados com recursos dos próprios colaboradores, como afirma Correia Leite neste trecho do "Clarim da Alvorada": "Ninguém comprava e nós dávamos os jornais gratuitamente. Pagávamos o papel com nosso dinheiro e sempre tínhamos prejuízo" (*apud* FERRARA, 1986, p.52).

É patente que a imprensa negra deste período estava ligada a essas diversas associações sociais e recreativas afro-brasileiras. Apesar de serem entidades de cunho social, elas também estavam engajadas em uma mobilização pela cidadania, através de ações para a inclusão do negro no mercado de trabalho, no sistema de ensino e na sociedade civil em geral, ou seja, lutavam contra o preconceito e a exclusão que o negro pós-abolição sofreu em todas as esferas. Os negros clamavam pelo que consideravam uma segunda abolição, uma vez que a primeira não havia sido capaz de promover a verdadeira liberdade. Essa falsa liberdade a que os ex-escravos foram lançados, de tal maneira, é chamada por muitos de "mentira cívica".

Florestan Fernandes (1964 *apud* Nascimento, 2003, p. 224,225) observa que:

> Apesar das limitações insanáveis [...], [essas organizações do movimento negro] tiveram êxito em três pontos. Suscitaram um nôvo estado de espírito, que polarizou as aspirações integracionistas e assimilacionistas em direções reinvidicativas de teor igualitário. Despertaram o interêsse pelo conhecimento objetivo da "realidade racial brasileira", como condição de esclarecimento da "população de côr" e de sua atuação conciente na cena histórica. Mobilizaram o "elemento negro", tentando inseri-lo, diretamente, no debate e na solução dos "problemas reciais brasileiros", o que representava, em si mesmo, um acontecimento revolucionário.

Tais jornais, escritos e dirigidos por negros, funcionavam como uma "imprensa adicional", uma vez que, de acordo com Bastide (1951, p.110), os indivíduos letrados liam a imprensa dos brancos para informar-se. Para Correia Leite:

> A comunidade negra tinha necessidade dessa imprensa alternativa. Não se tinha outro meio a não ser copiar o que as colônias estrangeiras faziam. O negro, de certa forma, era também uma minoria, como os italianos, os alemães, os espanhóis. E todos eles tinham jornais e sociedades. As publicações negras davam aquelas informações que não se obtinha em outra parte.
>
> (CORREIA LEITE, 1992, p.33)

Cabia a esses periódicos, portanto, tratar de questões raciais e sociais em relação à comunidade negra. Bastide (*op.cit*.) observa que: "Esses jornais procuram primeiramente agrupar os homens de cor, dar-lhes o senso da solidariedade, encaminhá-los, educá-los a lutar contra o complexo de inferioridade". Portanto, o primeiro objetivo desta imprensa era a educação, o protesto ficava em segundo plano.

Na mesma direção, Ferrara (1986, p.115), em ampla pesquisa antropológica em 56 jornais da Imprensa Negra escritos entre 1915 e 1963, faz a seguinte constatação acerca do objetivo principal dessas publicações:

> A integração do negro na sociedade brasileira constituiu a preocupação máxima dos produtores dos jornais que analisamos. Para tanto, perceberam a necessidade de formar o negro em seus diferentes aspectos: educação, cultura, instrução, e, principalmente, concientizá-lo de sua posição na sociedade brasileira, e mostrar-lhe qual poderia ser a sua atuação, como participante do grupo negro, e da sociedade mais ampla.

Esses fatores podem ainda ser confirmados em diversos textos do jornal *O Patrocínio*, em que há a convocação para o primeiro *Congresso da Mocidade Negra do Brasil*:

> Si Piracicaba goza a fama de culta, representada pelos seus filhos brancos, é necessário que os filhos negros de Piracicaba procurem dar-lhe igual valor. Precisamos seguir o exemplo maravilhoso dos homens de cor de Botucatu, que não trepidaram em formar uma commissão composta de nomes de reconhecida idoneidade moral, com o fim unico de pugnar pelo congresso, angariando donativos com os quaes possam auxiliar a commisão organisadora do primeiro Congresso da Mocidade Negra do Brasil.
>
> (Pat.-20/10/1929, p.6)

Além de concientizar os negros, esses jornais criticavam atitudes tidas por infames. Condenavam o alcoolismo e faziam um apelo à moralidade e à dignidade nas relações sociais. Também, lutavam contra estereótipos, comumente ligados à criminalidade, à indolência, ao deboche, à preguiça e à falta de iniciativa. Chegavam até a condenar os "batuques", os sambas e as danças populares.

Dessa maneira, Bastide (1951*),* afirma que a imprensa negra caracterizou-se por ser um grande instrumento de puritanismo negro. Os artigos clamavam pelo comportamento adequado nas relações entre homens e mulheres, falavam da maneira correta de se vestir e de boas maneiras. De acordo com Nascimento (2003, p.227): "Tal postura reflete a necessidade de afirmar, contra a imagem esteriotipada cultivada pelo racismo, outra (sic) limpa e positiva, de honorabilidade e polidez, para contrapor à imagem do negro como selvagem", questão essa que pode ser verificada no seguinte trecho de "O Patrocínio":

> Não gosto desses negros que vivem por ahi, enfulhados por esses *botécos*. Não gosto dos gestos desses homens, que ao levar o copo á bocca quebrando o pulso no ar, destacam para o lado o dedo minimo meio arqueado. Aquillo è feio é rediculo. E geralmente os que assim procedem, são sempre

> pretenciosos e convencidos. Não gostam que se lhes apontem o mal que pode acarretar esse pernicioso vicio.
>
> Os homens nestas condições, são muitas vezes inuteis á sociedade --- essa sociedade em que vivemos e que eu a comparo a uma comedia, onde cada um representa muito bem o seu papel.
>
> (O Pat.-7/4/1928, p.2)

Em muitos artigos, os autores chamam a atenção para a responsabilidade do próprio negro quanto à sua situação, alertando-os para a necessidade de disciplina. Ferrara (*op. cit*) trancreve o seguinte trecho de *A Voz da Raça*:

> Os únicos culpados são os próprios negros que ainda não sabem ser disciplinados, para o seu próprio bem. Sem disciplina, o homem é como um navio sem bussula: no mar ai sabor da tormenta. Não tem educação de espirito, não tem atitude de vida, nada lhe serve porque a ideia de desordem impera e assim julgando, tudo para ele é imprestável.
>
> ("A voz da Raça", 1933 – ano I, n.12:10/06, apud Ferrara, 1986, p.119)

Além disso, um dos obstáculos para a ascensão do negro era o seu senso de inferioridade em comparação ao branco. Esse complexo faz com que o negro comporte-se ambiguamente em relação ao branco. Bastide (1952, p.142) cita um anúncio de jornal que confirma esse caráter: "Cabelos crespos! ... Tem quem quer (...)" "Oh! Você ainda não alisou seus cabelos?(...)".

Sendo assim, a imprensa negra pretendia valorizar o negro. Para tanto, trazia em seus exemplares artigos históricos e biografias de grandes homens, como neste exemplo de *O Patrocínio,* de 29 de junho de 1930, acerca do abolicionista Luiz Gama:

O PATROCINIO

LUIZ GAMA

Passou se no dia 21 do corrente o 1.o centenario do nascimento do inolvidavel batalhador pela redempção dos captivos em nosso Estado, que em vida se chamou Luiz Gonzaga Pinto da Gama, e que em todo o Brasil se immortalisou com o abreviativo de Luiz Gama.

Falando da vida deste genial defensor dos escravos, que luctou como um leão indomavel e que só a morte o abateu, luctou, tanto pela imprensa como na tribuna e ainda mais, comprando a liberdade de muitos escravos, com os parcos recursos de que dispunha, disse o Visconde de S. Boaventura :

«Eu não sei de homem que, partindo de tão baixo, tão alto se guindasse.

Tudo lhe era hostil ; de tudo triumphou.

Escravisaram no, libertou-se ; queriam-no ignorante, aprendeu a ler e instruiu se ; puzeram-lhe a cabeça a premio ; redobrou-lhe o vigor e a audacia na defesa da grande e nobre causa de que se constituira paladino.

Na «Histoire Génerale des hommes vivants e des hommes morts dans le XIX siécle», existe uma grave lacuna: falta o brasileiro Luiz Gama, que foi uma das mais extraordinarias individualidades, uma das mais admiraveis e venerandas figuras desse mesmo seculo. Um martyr e um heroe, um batalhador e um santo.

Maior do que o heroico Toussaint-Louverture, poetisado pelo genio de Lamartine; maior do que John Brown que sacrificou á liberdade dos negros, o sangue de dois filhos e o seu proprio ; maior do que Spartaco, pois resistiu toda a sua vida ás legiões oppressoras, valendo elle só por um exercito formidavel, — Luiz Gama foi no Brasil o Moysés dos captivos. «Como o heroe hebraico — escreveu o insigne poeta Theophilo Dias, quando Luiz Gama se finou — elle succumbiu ao peso dos seus immensos trabalhos, com os olhos fitos na terra da promissão, que já ao perto antevia.

Contemplando-o na sua morte, o espirito verdadeiramente pensador, que o tenha conhecido, não poderá deixar de penetrar-se do mesmo sentimento de admiração que inspira a agonia do semideus de Pentateuco».

***

Em S. Paulo o centenario do grande paladino da extincção do captiveiro, foi significativamente commemorado, tendo uma commissão de propaganda pró herma Luiz Gama organisado um programma, o qual constou de missa, romaria, conferencia e outros numeros.

Por motivo de força maior a commissão foi obrigada a transferir a inauguração da Herma para o dia 23 de Agosto p. futuro.

O nosso brilhante collega «O Clarim d'Alvorada», commemorando o centenario de Luiz Gama, fez circular um numero especial, estampando em sua pagina de fundo um retrato do grande vulto da abolição, trabalho devido ao lapis de Olavo Xavier, acompanhado de dados biographicos da vida daquelle illustre filho da Bahia que se immortalizou em nosso Estado.

Para o estudo da imprensa negra paulista, autores propõem periodizações diversas, de acordo com os objetivos e o corpus de sua perquisa. Bastide (1951) divide os jornais em três fases. A primeira, de 1915 a 1930, foi iniciada com *O Menelick*, de São Paulo. Essa data coincide com a Primeira Guerra Mundial e o desenvolvimento do ensino gratuito primário no Brasil. O segundo período se extende de 1930 a 1937. No entanto, entre essa fase e a próxima há uma lacuna de oito anos. Com o restabelecimento do regime democrático, a imprensa negra retorna em sua terceira fase, de 1945 em diante.

Diferentemente, Ferrara (1986) considera que o primeiro momento vai de 1915 a 1923. Os jornais negros dessa época, bem como os periódicos provincianos não negros, são essencialmente veículos de comunicação e

divulgação social, como falecimentos, casamentos, festas religiosas, quermesses, mexericos, entre outros. Segundo Bastide (1951), para a classe negra era importante mostrar que eles conheciam as regras de polidez, faziam parte da sociedade e celebravam sua existência, portanto não eram os selvagens que muitos imaginavam. Conforme o periódico, as notícias sociais ocupavam entre 30 e 60% do número de colunas.

No ano de 1923, o jornal *O Getulino* foi fundado em Campinas. Este periódico apesar de ainda trazer as notas sociais dos anteriores, possuia um tom mais reinvidicatório, abrindo, por essa razão, a segunda fase da imprensa negra que perduraria até 1937, quando há a instauração do Estado Novo.

Ainda na segunda fase, em 1924, surge em São Paulo *O Clarim da Alvorada*, fundado por José Correia Leite e Jayme de Aguiar, no qual o carater combativo acentua-se e começa a se aprimorar. A sua intenção era a de reerguer a memória das lutas passadas e convocar a comunidade a reorganizar-se para dar continuidade às mesmas. A esse respeito, Nascimento (2003) cita o seguinte extrato de Correia Leite:

> Se analysamos o valor dos nossos antepassados, veremos, atravez da história, a sublime coragem de uma raça que, embora escravisada, não se deixou dominar na lucta, em conquista de seus direitos. [...] Quantas gottas de lágrimas, custou a liberdade àqueles pobres martyres, que foram um dos primeiros obreiros do progresso e da ordem de nossa patria. O bom nome da nossa classe depende do nosso procedimento. É o nosso dever o de introduzir na evolução social o valor de nossa raça. Devemos trabalhar muito numa concordia infidavel, para que possamos ver o fructo de nossos esforços, refulgir no progresso da nossa terra. Para isso seria preciso uma convocação geral dos homens pretos, e tratar da fundação de uma caixa beneficente, eleger a directoria, enviar manifestos a todos os estados do Brasil e, emfim, fundar a sociedade "Confederação dos homens pretos", segundo as ideias de varios patricios. ("O Clarim da Alvorada", 1924, n.4 *apud* Nascimento, 2003, p. 229)

Apesar do tom reivindicatório, o jornal traz, ainda, as notas socias do primeiro período. José Correia Leite apresenta a seguinte justificativa para tal fato: "O jornal O Clarim oferecia notícias pra que a gente pudesse ter aceitação

no meio das entidades negras. Então eram anunciadas festas, bailes, casamentos... Através desse expediente, conseguíamos que a entidade distribuísse os jornais". (CORREIA LEITE, 1992, p.59).

Em seguida, no ano de 1931, ocorre a fundação do movimento político negro, *Frente Negra Brasileira*[15], cujo orgão oficial é *A voz da raça*. Neste momento, há uma passagem de reivindicação jornalística para reividicação política (cf. BASTIDE, *apud* FERRARA, 1986).

O Clarim da Alvorada foi criado como um "orgão literário, noticioso e humorístico" e tornou-se um veículo de luta contra a situação do negro no Brasil. Em 1928, passa a ter o subtítulo "Pelo interesse dos homens pretos, NOTICIOSO, LITERÁRIO E DE COMBATE". Jayme de Aguiar era seu principal redator e, para dar mais importância ao periódico, assinava os artigos com diversos pseudônimos: Maria Rosa, Moysés Cintra, Jim de Araguary, Praxedes, Ana Maria e Jim do Vale.

Este periódico trouxe a ideia de realizar o "I Congresso à Mocidade Negra" no ano de 1929. A convocação para esse evento aparece, ainda, em *O Patrocínio*, como fora mencionado anteriormente. Para Correia Leite: "Não era mais um jornal de versinhos, de artiguinhos, de ensaiozinhos. Nós estávamos socialmente prestando algum serviço" (*op. cit.* p.80). Segundo Garcia (1997, p.116) o periódico, ainda, tinha abrangência em todo o estado: "Uma das propostas políticas do **Clarin d' Alvorada** era promover a união dos negros para um desenvolvimento conjunto. Por isso o jornal tinha representantes em diversas cidades do interior, como Botucatu, Campinas, Riberão Preto, entre outras".

Em 1945, com a redemocratização do país, os grupos negros começam a se reorganizar e, consequentemente, a imprensa negra ressurge, representada principalmente pelo periódico *Alvorada*, da *Associação dos Negros Brasileiros*, tendo como um de seus idealizadores José Correia Leite. Essa terceira fase

[15] Ferrara (1986) apresenta a seguinte citação de Pedro Paulo Barbosa sobre os primórdios da *Frente Negra Brasileira*: "(...) começou nos baixos do relógio da Sé, com reuniões ao ar livre; de lá fomos para o Palacete Santa Helena e depois para a Rua da Liberdade nº 196 (onde hoje é a casa de Portugal). E lá nós progredimos. Tivemos escola, gabinete dentário, banda de música, teatro, cursos educativos e muitos outros departamentos".

dura até 1963, ano em que a imprensa negra sofre uma paralisação para reorganizar-se e ressurgir na década de 70, porém com um caráter distinto do anterior. Tanto que setores do movimento negro e do meio intelectual dos dias de hoje tomam a década de 70 como o início da militância afro-brasileira.

Além de muitos desses periódicos apresentarem tiragens pequenas e de curta duração, o registro histórico dessa documentação dos movimentos negros da primeira metade do século XX é muito escasso (cf. NASCIMENTO, 2003). Esse fator pode ser confirmado com o acervo disponível de *O Patrocínio*, objeto escolhido para este estudo. Através de informações encontradas ali, esse periódico surgiu em 1925 e perdurou até seu quinquaségimo quinto exemplar, datado do dia 19/10/1930. Contudo, restaram apenas nove exemplares: sete encontrados no Arquivo Edgard Leuenroth (AEL), da Unicamp, e quatro no Arquivo do Estado de São Paulo, sendo dois iguais aos do AEL, perfazendo assim, nove edições.

Como revela seu subtítulo, *O Patrocínio* é um "*orgam, literario, critico e humoristico*" – contava com notas sociais de casamentos, aniversários, batizados, falecimentos, poemas, contos, notas esportivas e anúncios, mas apresentava, ainda, artigos de protesto e reinvidicação, na linha de "O Getulino". Portanto, esse periódico faz parte da segunda fase descrita tanto por Bastide (*op. cit*) quanto Ferrara (*op. cit*).

O redator-chefe dessa folha Alberto de Almeida assina artigos em todos os nove exemplares. Em sua maioria são textos de protesto e concientização da classe negra, como neste exemplo:

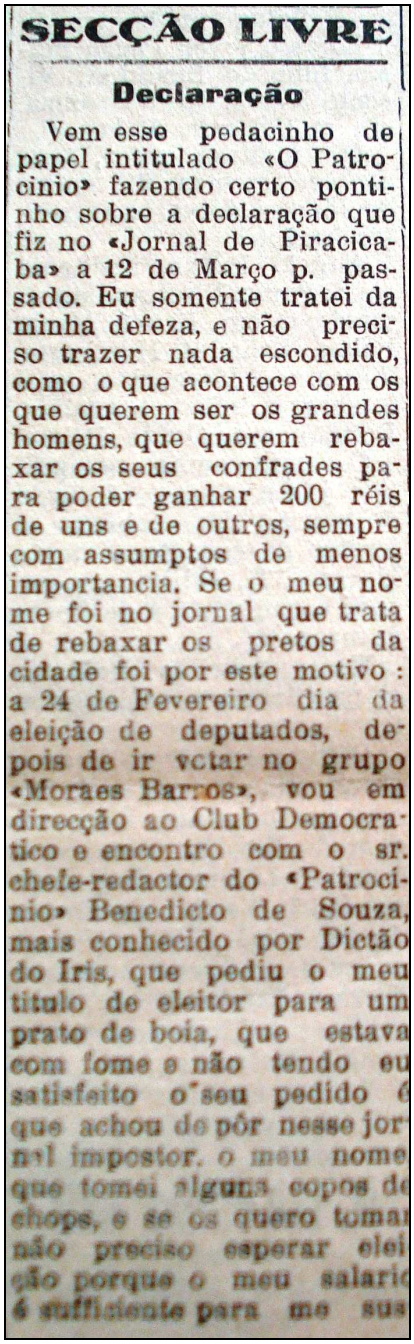
> Quando iniciamos nesta pequena lucta verdadeiramente infausta e desigual, tivemos em mira unicamente um fim: -- prestar pequenissimos e desinteressados serviços á nossa classe, que na opinião de muitos é a ultima na escala social. Queriamos e queremos ver os homens de cor unidos, trabalhando todos para o bem estar commum, reunidos em sociedades que nos educassem e elevassem nos a um certo grau social, de modo a não ficarmos tão distanciados das outras classes.
>
> (Pat. -23/3/1930, p. 2)

O jornal conta com diversos colaboradores inclusive de Campinas e São Paulo, como Gervásio Moraes, Feijó e José Correia Leite. Havia colunas assinadas, a exemplo de “Machadadas” e “Rebarbos” (esta do autor Bento Escobar), sem identificação, bem como diversos outros textos do periódico.

O principal colaborador desta folha é Jayme de Aguiar do jornal paulistano *O Clarim da Alvorada*. Nos nove exemplares coletados, há artigos e poemas do jornalista em seis exemplares, inclusive um em que assina com um de seus pseudônimos - Moysés Cintra. Moura (2002) coletou um depoimento do jornalista a respeito dos jornais *O Patrocínio* e *O Getulino* de Campinas, fundado pelos irmãos Andrade, Lino Guedes e outros:

> Esses dois jornais foram um sucesso. A vinda, logo após a revolução, de jornalistas campineiros negros para São Paulo, como Gervásio Oliveira, Benedito Florêncio, Lino Guedes e outros, possibilitou a sua participação também na grande batalha em prol da grandeza do negro. Todos eles irão participar da imprensa negra paulistana.

O Patrocínio teve, ainda, repercussão, na imprensa local, de algumas notas publicadas. Como é possível verificar na seguinte ‘resposta’ enviada ao *Jornal de Piracicaba* de 8 de abril de 1928:



SECÇÃO LIVRE

Declaração

Vem esse pedacinho de papel intitulado «O Patrocinio» fazendo certo pontinho sobre a declaração que fiz no «Jornal de Piracicaba» a 12 de Março p. passado. Eu somente tratei da minha defeza, e não preciso trazer nada escondido, como o que acontece com os que querem ser os grandes homens, que querem rebaxar os seus confrades para poder ganhar 200 réis de uns e de outros, sempre com assumptos de menos importancia. Se o meu nome foi no jornal que trata de rebaxar os pretos da cidade foi por este motivo: a 24 de Fevereiro dia da eleição de deputados, depois de ir votar no grupo «Moraes Barros», vou em direcção ao Club Democratico e encontro com o sr. chefe-redactor do «Patrocinio» Benedicto de Souza, mais conhecido por Dictão do Iris, que pediu o meu titulo de eleitor para um prato de boia, que estava com fome e não tendo eu satisfeito o seu pedido é que achou de pôr nesse jornal impostor, o meu nome que tomei alguns copos de chops, e se os quero tomar não preciso esperar eleição porque o meu salario é sufficiente para me sus

De acordo com Schwarcz (1987), era característico dos jornais de São Paulo do século XIX trazer a parte editorial na primeira página. *O Patrocínio*, como os outros exemplares da imprensa negra, apresentava nas primeiras colunas os artigos mais relevantes, abordando questões relativas à luta e conscientização da população negra para seus problemas. Possuía o *formato in-*

quarto[16] e suas matérias eram distribuídas arbitrariamente pelas páginas, dando a impressão que o objetivo era ocupar todos os espaços do periódico. Era um jornal quinzenal, saía no sábado ou domingo, e podia ser vendido avulso ou por assinatura.

1.6 A *Gazeta de Piracicaba*

Para efeito de comparação serão analisados dados do jornal da imprensa majoritária *Gazeta de Piracicaba* editado na mesma época de *O Patrocínio*. Esse jornal era o mais antigo da cidade na época, tendo sido fundado em junho 1882 e perdurado até 1938.

A *Gazeta de Piracicaba* era a principal fonte de informação imprenssa da cidade no período de transição do Brasil Império para a República. Circulava três vezes por semana, às terças, quintas e sábados.

Desde seu início, foi um periódico ligado ao ideal republicano, tendo sido divulgador dos propósitos do futuro presidente Prudente de Moraes, natural de Itu e morador da cidade de Piracicaba até seu falecimento em 1902. Durante sua vida política, o jornal *Gazeta de Piracicaba* foi um importante aliado, desde sua candidatura a deputado em 1883, pois divulgava e propagandeava os ideais republicanos na região. O caráter político e republicano desse periódico pode ser confirmado até a data de seu fechamento em 1938.

Essa folha, além disso, foi dirigida pelo sobrinho de Prudente de Moraes, Antônio de Moraes Barros, por seu irmão, Paulo de Moraes Barros, e no período entre outubro de 1928 e janeiro de 1930, seu redator - chefe era o Doutor João Batista Silveira Melo, advogado, casado com a Sra. Maria Amélia Silveira Mello (Dona Lalau), filha de Prudente de Moraes.

---

[16] Segundo Schwarcz (1987) Popkin usou essa denominação para descrever os jornais de quatro páginas na França revolucionária no século XVIII.

2. A COLOCAÇÃO DOS PRONOMES CLÍTICOS

2.1 Introdução

Neste capítulo, pretendo mostrar que a colocação dos pronomes clíticos é um fenômeno característico do processo de evolução e transformação do português brasileiro (PB de agora em diante) em paralelo ao português europeu (PE de agora em diante). Diversos estudos, os quais, inclusive, serão abordados ao longo deste capítulo, comprovaram que as alterações verificadas nesse fenômeno, ao longo da história, o revelam como um dos fatores indicativos de como o PE e o PB evoluíram, transformando-se em duas variantes distintas em muitos aspectos.

Com verbos simples, por exemplo, o PB apresenta, em geral, o clítico anteposto ao verbo, enquanto em PE, há variação entre próclise e ênclise de acordo com regras bem definidas.

(1) A Maria me viu. (PB)
(2) A Maria viu-me. (PE)
(3) * A Maria me viu. (PE)

Em PE, portanto, a próclise só ocorre em sentenças finitas quando há a presença de palavras atratoras antes do verbo, tais como: complementizadores, negação, quantificadores e alguns advérbios. Voltaremos mais adiante a esse conjunto de atratores, porém, não é objetivo deste trabalho estudar qual seria o funcionamento dessas regras[17].

A próclise tornou-se a colocação padrão em PB, enquanto a ênclise aparece em alguns contextos escritos. Essa próclise, entretanto, tem características próprias que a diferem da dos períodos anteriores e da próclise verificada em PE atualmente.

[17] Questiona-se atualmente, se em PB esses operadores realmente têm uma atuação sintática, uma vez que há próclise generalizada.

Com construções com dois verbos, o padrão de colocação também ocorre diferentemente nas duas variantes, como pode ser verificado nos exemplos abaixo:

(4) A Maria pode me encontrar hoje. (PB) e (*PE)

(5) A Maria pode-me encontrar hoje. (PE)

(6) A Maria pode encontrar-me hoje. (PE)

Comprovando a afirmação de que, mesmo quando há próclise, ela não ocorre da mesma forma em PB e PE, Galves (1998, p.83) apresenta os dados abaixo, retirados do corpus do NURC[18]:

(7) Agora não tinha **me** lembrado.

(8) Essas indústrias novas que estão **se** implantando.

Esses dois casos, por conterem operador, requerem próclise mesmo em PE (exemplos 9 e 10) , porém, ela ocorre de maneira distinta dos exemplos anteriores:

(9) Agora não **me** tinha lembrado.

(10) Essas indústrias novas que **se** estão implantando.

A partir dessas sentenças, temos que a próclise em PB e PE não se dá ao mesmo elemento na frase. Em (9) e (10), o pronome encontra-se proclítico ao verbo auxiliar, enquanto em (7) e (8) ele está proclítico ao verbo do qual ele é complemento. Segundo Galves (*op. cit*. p.83), em relação aos dados do PB: "Isso aponta para uma relação mais lexical, com o verbo fonte da interpretação –

[18] Projeto NURC – Projeto de Estudo da Norma Urbana Culta. Seu corpus consiste em mais de 1500 horas de língua falada, registradas durante os anos 70 nas cidades de Porto Alegre, Recife, Rio de Janeiro, Salvador e São Paulo. E todos seus informates possuiam formação universitária.

do que gramatical – com o verbo auxiliar portador dos morfemas de tempo e concordância".

2.2 Língua-I e Língua-E

Para poder desvendar qual teria sido o caminho percorrido pelo PE e pelo PB para chegar no seu *status* atual, primeiramente, é necessário trabalhar com a noção de qual é a gramática do falante a ser considerada. Partindo dos textos de Galves (1998 e 2007), seguiremos a afirmação da autora de que:

> Para inferir a Língua-I[19] de um autor, e da sua época, a partir da Língua-E dos seus textos, a noção de 'competição de gramáticas' introduzida por Kroch (1994, 2001), é essencial porque, em regra geral, os textos não são a expressão pura da Língua-I adquirida pelos seus autores no processo natural da aquisição, mas vêm misturados com elementos produzidos por uma outra gramática, de maior prestígio na comunidade.
>
> (GALVES, 2007, p.513)

Sendo assim, em relação à Língua – I, ou seja, à gramática, o PE e o PB são duas línguas diferentes. Esta questão ficou evidente na análise do corpus de imprensa negra, o que será abordado no próximo capítulo, uma vez que há diversos exemplos em que um autor na mesma sentença apresenta variação. Ou seja, há um embate entre a sua gramática interna e o que é ditado não simplesmente por uma gramática externa, mas por regras gramaticais baseadas em uma norma distinta em muitos aspectos do que é comum ao uso. Esse fator pode ser verificado no exemplo abaixo:

(11) e... numa arrancada brutal, **me** arrebatava, atirando-**me** ao terreno arido da desillusão. (Pat.- 19/10/1930, p.3)

[19] Definição de Bloomfield do que é uma língua, citada por Chomsky (1985 *apud*, GALVES, 1998, p.80): "A língua-E pode ser definida como 'a totalidade dos enunciados que podem ser produzidos numa comunidade de fala'. A língua-I, ao contrário, é um objeto mental, o saber que as pessoas têm da língua, que lhes permite não só falar e entender essa língua, mas também 'atribuir um estatuto a cada evento físico relevante, digamos cada onda sonora'."

Nesse sentido, a colocação dos pronomes clíticos em PB é um dos fenômenos mais caros aos estudos linguísticos, dedicados ao embate entre a Língua-I e a Língua-E. Na variante brasileira, tanto a ênclise como os clíticos de 3ª pessoa seriam adquiridos durante a educação formal. Kato (2006) considera que, no processo de letramento, a escola pretende recuperar 'perdas' linguísticas, uma vez que as inovações podem ocorrer na fala, mas não na escrita. A escolarização, contudo, consegue resgatar com algum êxito as formas clíticas, mas não sua colocação. Desta forma, tanto na linguagem oral, quanto escrita, os falantes brasileiros mantêm a colocação proclítica.

A fim de verificar esses fatores mais adequadamente, Kato, Cyrino e Correa (1994, *apud* KATO, 2006) realizaram um trabalho cruzando dados de diacronia e de aprendizagem escolar, para verificar como a escola conseguia recuperar a perda do clítico de terceira pessoa. As autoras obtiveram o seguinte quadro:

Tabela 2.1[20]: Distribuição (%) de objetos diretos anafóricos por nível educacional em textos escritos (KATO, CYRINO & CORREA, 1994, *apud* KATO, 2006, p.7).

Tipo	1ª /2ª	3ª /4ª	5ª /6ª	7ª /8ª	Letrado
Objeto Nulo	59	64	48	52	10
Pronome Pleno	8	6	14	11	-
NP	33	18	13	5	5
Clítico	-	12	25	32	86

A partir desses dados, Kato (2006, p.7) conclui que:

> (...) embora a escola procure recuperar a gramática do passado, consegue simulá-la apenas parcialmente, produzindo um conhecimento diferente daquele que o falante do século XVIII obteve no desenvolvimento da fala, no qual o movimento longo do clítico existiu enquanto havia clíticos de terceira pessoa.

[20] As tabelas e gráficos reproduzidos de outros trabalhos nesse estudo foram renumerados de acordo com a ordem que aparecem no presente texto.

Além disso, em estudos sobre a escrita de universitários foram encontrados exemplos de ênclise em orações subordinadas, relativas e negativas, nas quais deveria ocorrer próclise. Esses dados apontam que a ênclise reflete uma atitude de hipercorreção por parte de certos indivíduos. Trata-se, portanto, de uma assimilação imperfeita dos padrões normativos da colocação pronominal imposto pelo ensino gramatical.

Ao longo deste capítulo, observaremos diversos estudos linguísticos comprovando que o PE e o PB percorreram caminhos diferentes a partir da época do português clássico, o que acarretou a diferença entre o padrão de colocação pronominal nas duas variantes do português.

2.3. Fatos históricos

2.3.1 Periodização

Há uma grande discussão na literatura acerca da periodização da língua portuguesa. Após diversos estudos, Galves (2007) propõe a periodização que será relatada a seguir, baseando-se justamente na colocação dos pronomes clíticos. A princípio, Martins (1994) fez um estudo da colocação dos clíticos considerando o período entre os séculos XIII e XVI. Para tanto, descarta os contextos em que o verbo está em primeira posição (V1), quando a ênclise é obrigatória, e as sentenças em que há termos desencadeadores de próclise. A autora propõe o seguinte quadro com os seus resultados (MARTINS, 1994 *apud* GALVES, 2007, p.516):

Tabela 2.2: Colocação dos clíticos entre os séculos XIII e XVI.

	1250-99	1300-49	1350-99	1400-49	1450-99	1500-50
Cl-V	6,7%	18,8%	7,8%	71,4%	94,4%	100%
V-Cl	93,3%	81,2%	62,2%	26,8%	5,6%	0%

Como mostra a tabela, o século XIII é essencialmente enclítico. Contudo, a variante pós-verbal vai gradativamente dando lugar à próclise, fator também

atestado por Lobo (1992, *apud* GALVES, 2007) em um corpus de cartas do século XVI.

Para ilustrar a evolução da colocação pronominal do século XVI ao XIX, Martins (1994, *apud* GALVES, 2007, p.517) apresenta o seguinte quadro:

Tabela 2.3: A evolução da colocação pronominal do século XVI ao XIX.

	Cl-V	V-Cl
Afonso de Albuquerque (1462?-1515)	73,5%	26,5%
Damião de Gois (1502-1575)	97,1%	2,9%
Fernão Mendes Pinto (1510?-1583)	98,1%	1,9%
Diogo de Couto (1542 – 1616)	72,5%	27,5%
Francisco Manuel de Mello (1608 – 1666)	92,3%	7,7%
Antonio Vieira (1608-1697)	31,6%	68,4%
Luis Antonio Verney (1713-1792)	27,3%	72,7%
Almeida Garrett (1799-1854)	19,3%	80,7%
Oliveira Martins (1845-1894)	2,4%	97,6%

De acordo com Martins, a gramática do PE moderno – essencialmente enclítico - já podia ser verificada nos sermões do Pe. Antonio Vieira (séc XVII) em que há 45% de ênclise.

Galves (2003, *apud* GALVES, BRITTO E PAIXÃO DE SOUSA, 2005) aponta que a colocação pós-verbal dos Sermões deve-se a um recurso estilístico, apresentando construções nas quais dois termos são contrastados enfaticamente, como nos exemplos abaixo entre *Elles/Christo* e *Deus/os homens:*

(11) *Elles* conheciam-se, como homens, *Christo* conhecia-os, como Deus.

(12) *Deus* julga-nos a nós por nós; *os homens* julgam-nos a nós por si (GALVES, p.519)

Além disso, ao comparar Vieira com outros autores da época como Francisco Manuel de Melo e, mesmo com suas próprias cartas, em que a ênclise aparece em apenas dois porcento das ocorrências, percebe-se que há variação quanto à colocação pronominal.

Galves, Britto e Paixão de Sousa (2005), ao analisar o *Corpus Anotado do Português HistóricoTycho Brahe*[21], afirmam que a evolução em PE para uma colocação cada vez mais enclítica ocorre substancialmente a partir do século XVIII, o que, inclusive, pode ser verificado no quadro de Martins (*op. cit*.). Há, de acordo com Galves (2007, p.520) :

> Várias evidências empíricas que a virada do século 18 representa um marco para a história gramatical do português europeu vêm surgindo a partir de trabalhos recentes com base no corpus Tycho Brahe (...) Temos, portanto, uma convergência de índices de que a mudança gramatical que afetou a colocação de clíticos e a posição do sujeito tem seu início por volta de 1700. Essa mudança, que corresponde ao nascimento do português europeu moderno (PE) e ao fim do chamado português clássico (PCI), (...).

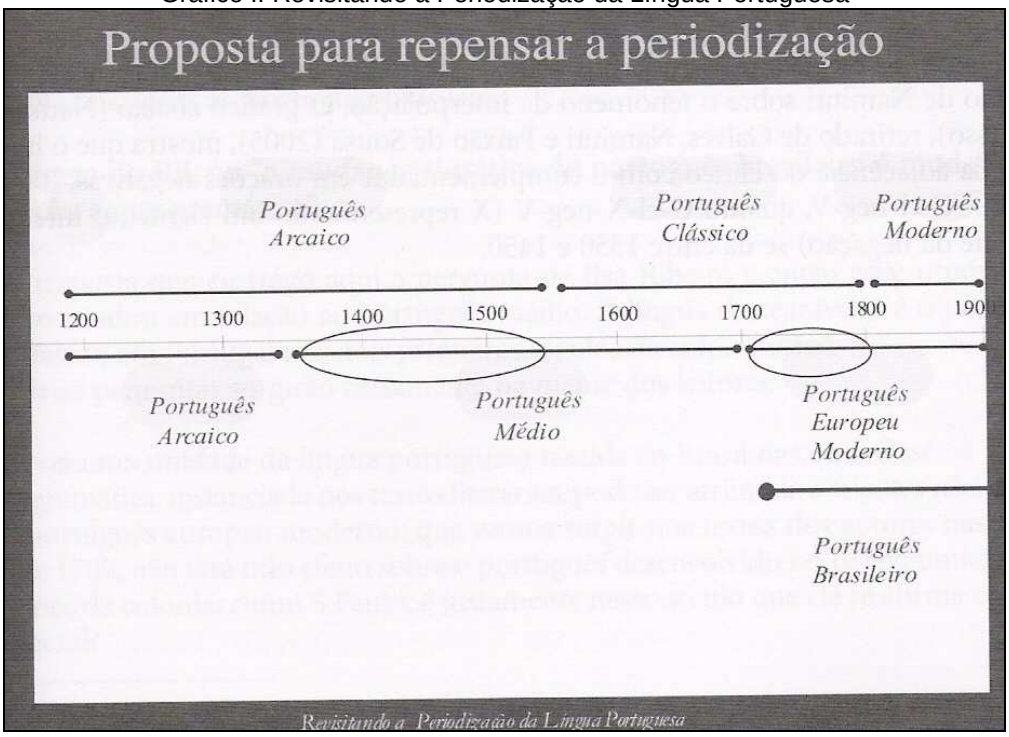
Tradicionalmente, no entanto, o século XVI é considerado o grande divisor de águas do português. Porém, segundo Kroch (1989, *apud* GALVES, BRITTO & PAIXÃO e SOUSA, 2005), quando há competição entre duas variantes por um período de tempo, a mudança gramatical deve ser localizada no começo dessa competição e não no final. Sendo assim, baseando-se em diversos trabalhos[22], as autoras consideram, diferentemente de Martins (1994), que o português europeu moderno teve inicio no final do século XVIII. Uma vez que nessa época constatou-se a queda na frequência do uso de próclise ao mesmo tempo em que a ênclise não era mais somente associada às estruturas V1.

Esse fator aponta para a necessidade de uma fase gramatical intermediária entre o português arcaico e o português moderno, denominada por

[21] Esse corpus reúne textos de 41 autores portugueses nascidos entre a primeira metade do século 16 e a primeira metade do século 19.
[22] Galves e Galves (1995), Galves e al. (1998), Salvi (1990), Torres-Morais (1995) e Britto (1999)

Galves de *português médio*. No gráfico a seguir, Galves (*op. cit*., p.521) apresenta, na linha de cima, as periodizações tradicionais e, abaixo, a sua proposta:

Gráfico I: Revisitando a Periodização da Língua Portuguesa



Para Galves (2007, p.521): "O que distingue fundamentalmente esta proposta das tradicionais é o fato de ela deslocar seu objeto da Língua – Externa para a Língua – Interna, ou seja, de pôr o foco na gramática. Um dos efeitos desse deslocamento é o século 16 perder o estatuto de divisor fundamental."

Segundo a autora, um dos grandes argumentos para essa análise é o fenômeno da interpolação[23]. Entre 1350 e 1450, ocorre a perda da adjacência do clítico com o complementador em orações negativas (cf. NAMIUTE, em

[23] A interpolação define-se como o fenômeno em que uma grande variedade de elementos da frase, entre neles, o sujeito, advérbios, complementos, podem se interpor entre o pronome clítico e o verbo. O fenômeno se manifestou com grande intensidade na fase arcaica do português e tem sido estudado por muitos pesquisadores. Os exemplos abaixo ilustram a interpolação:

(i) negação - ... que me nom n~ebram (NO, 1268)
(iii) o sujeito - Isto que lhes eu mãdo (NO, 1275)
(Martins,1994)

andamento, *apud* GALVES, 2007). Torres – Morais (1995, p.136) em seu estudo a partir de textos do XVIII, afirma que:

> (...) uma das evidências que pode corroborar a hipótese das diferenças entre ênclise e próclise nos vem da fase antiga das línguas românicas ibéricas através da interpolação, um fenômeno que não é mais produtivo.[24] Como vimos, a interpolação é caracterizada como a possibilidade que verbos e clíticos apresentam de ocupar posições sintáticas distintas, permitindo que material fonológico intervenha entre eles. A característica notável da interpolação, porém, foi a de que ela sempre ocorreu em contextos de próclise obrigatória, nunca nos contextos de ênclise.

A partir dos dados expostos, Galves (2007) conclui que o PB evoluiu desse português médio:

> (...)o português brasileiro compartilha ao menos dois traços sintáticos superficiais com o português médio. O primeiro, mais visível, é a próclise nos contextos definidos acima, que distingue ambos tanto do português europeu quanto do arcaico. O segundo, menos óbvio, é o fato de que a posição pré-verbal não é própria do sujeito, entendido como argumento externo do verbo, mas pode ser preenchida por qualquer constituinte do VP. (...) estudos diversos têm afirmado o caráter de língua de tópico do português brasileiro (cf. entre outros Galves, 1987 e Negrão 1999). O português médio também pode ser caracterizado como língua de tópico, no sentido de que o elemento pré-verbal não é, como nas línguas de sujeito, obrigatoriamente o sujeito.
>
> (GALVES, 2007, p.523)

No século XVIII, além disso, ocorreram outras mudanças relevantes para o estatuto do português brasileiro. Em 1758, o Marquês de Pombal, expulsa os jesuítas a fim de tirar os intermediárioa no processo de colonização do Brasil e proíbe o uso da língua geral – daí Galves afirmar que o português falado no século XVIII, cuja gramática já é a do PE, é relevante na formação do PB. Nessa época também, são feitas as primeiras alusões ao português falado no Brasil (cf.

[24] Benincà e Cinque (1990) apresentam ainda outros argumentos para evidenciar as particularidades da ordem enclítica através das estruturas de coordenação. Argumentos semelhantes são apresentados por Rouveret (1992) e Uriagereka (1995).

TEYSSIER, 2007), como, por exemplo, o fato dos brasileiros não distinguirem as pretônicas abertas (ex: pàdeiro, prègar, còrar) e as fechadas (ex: cadeira, pregar, morar). Segundo Galves (2007, p.525):

> (...) o PB atual já estava na mente dos brasileiros do século 18 e (...) a mudança em Portugal não chegará a afetar a aquisição das gerações futuras. O seu papel de fato se limitará a modificar a língua de prestígio e introduzir um terceiro termo na competição de gramáticas instanciada nos textos (cf. CARNEIRO, 2005)

A análise de Galves, Britto e Paixão de Sousa (2005) confirma que a mudança relevante na sintaxe do PE ocorre no século XVIII. Para o seu estudo as autoras consideram três contextos que apresentam variação entre próclise e ênclise: Sujeito-V, Advérbio-V e Sintagma Preposicional-V. A tabela a seguir mostra os resultados da colocação enclítica nos contextos mencionados pelas autoras:

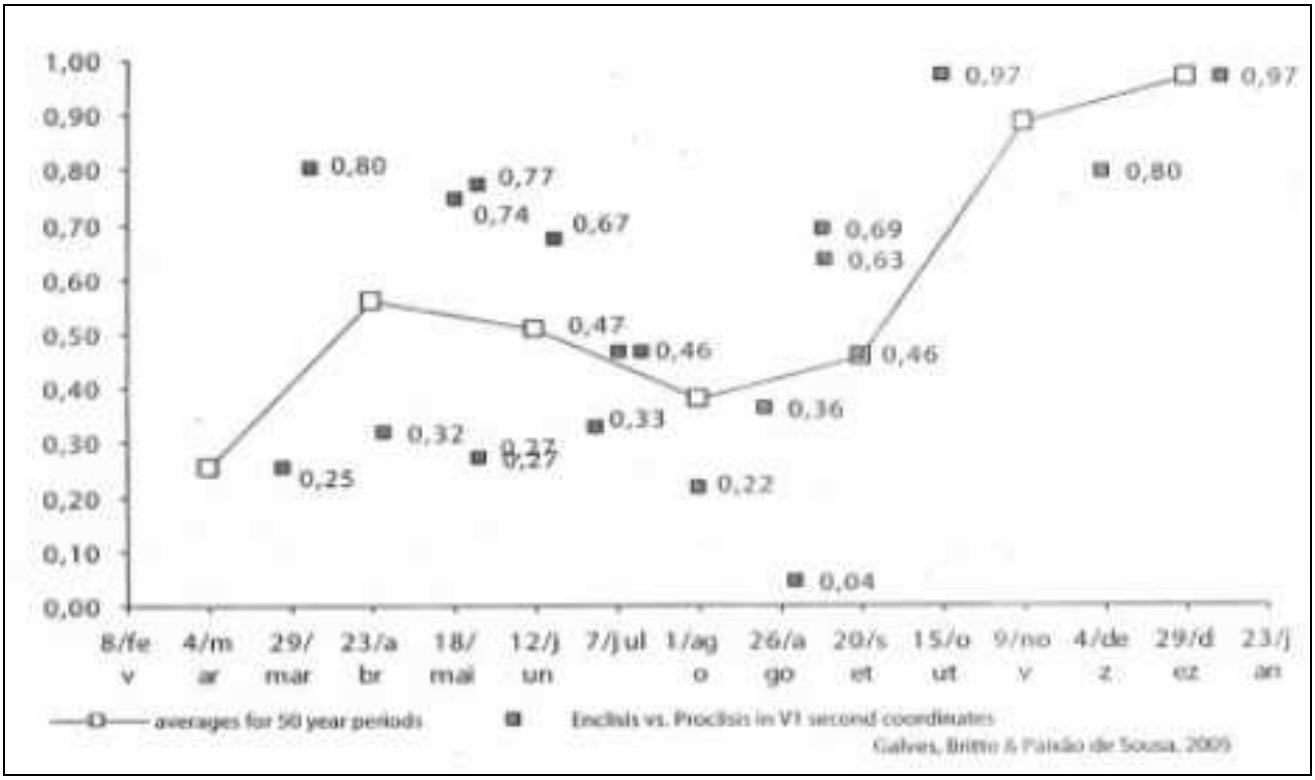
Tabela 2.4: Colocação enclítica com Sujeito-V, Advérbio-V e Sintagma Preposicional-V

	Couto	Sousa	Lobo	Costa	Melo	Vieira Let.	Vieira Ser.	Chagas	Bernardes	Brochado	Céu	Barros	Guzmão	Aires	Costa	Varney	Garção	Alorna	Garrett	Origão	
birthdate	1548	1556	1579	1601	1608	1608	1608	1631	1644	1651	1658	1675	1695	1705	1713	1714	1724	1750	1799	1836	TOT
S-V																					
enclisis	14	02	03	15	05	00	31	04	09	04	03	02	00	63	50	16	07	38	75	79	420
proclisis	85	38	44	33	59	67	26	40	63	56	25	24	32	114	27	08	17	36	13	06	813
	99	40	47	48	64	67	57	44	72	60	28	26	32	177	77	24	24	74	88	85	1233
% E	0,14	0,05	0,06	0,31	0,08	0,00	0,54	0,09	0,13	0,07	0,11	0,08	0,00	0,36	0,65	0,67	0,29	0,51	0,85	0,93	
ADV-V																					
enclisis	05	04	00	00	00	02	02	02	01	00	00	00	00	06	17	02	00	06	07	13	67
proclisis	22	12	10	04	19	15	08	14	15	13	09	37	09	42	09	14	20	05	13	08	298
	27	16	10	04	19	17	10	16	16	13	09	37	09	48	26	16	20	11	20	21	365
% E	0,19	0,25	0,00	0,00	0,00	0,12	0,20	0,13	0,06	0,00	0,00	0,00	0,00	0,13	0,65	0,13	0,00	0,55	0,35	0,62	
PP-V																					
enclisis	02	07	01	08	01	01	22	03	05	02	01	05	03	14	42	08	02	10	12	20	169
proclisis	78	44	59	47	38	50	32	46	46	41	46	59	19	65	29	16	13	18	15	05	766
	80	51	60	55	39	51	54	49	51	43	47	64	22	79	71	24	15	28	27	25	935
% E	0,03	0,14	0,02	0,15	0,03	0,02	0,41	0,06	0,10	0,05	0,02	0,08	0,14	0,18	0,59	0,33	0,13	0,36	0,44	0,80	
TOT																					
Enclisis	21	13	04	23	06	03	55	09	15	06	04	07	03	83	109	26	09	54	94	112	656
Proclisis	185	94	113	84	116	132	66	100	124	110	80	120	60	221	65	38	50	59	41	19	1877
	206	107	117	107	122	135	121	109	139	116	84	127	63	304	174	64	59	113	135	131	2533
% E	0,10	0,12	0,03	0,21	0,05	0,02	0,45	0,08	0,11	0,05	0,05	0,06	0,05	0,27	0,63	0,41	0,15	0,48	0,70	0,85	

As autoras trabalham, ainda, com outros dois contextos que apresentam variação, como é possível verificar nos gráficos abaixo: verbo no início da segunda coordenada (a) e do verbo precedido por uma oração dependente (b) (p.49/50):

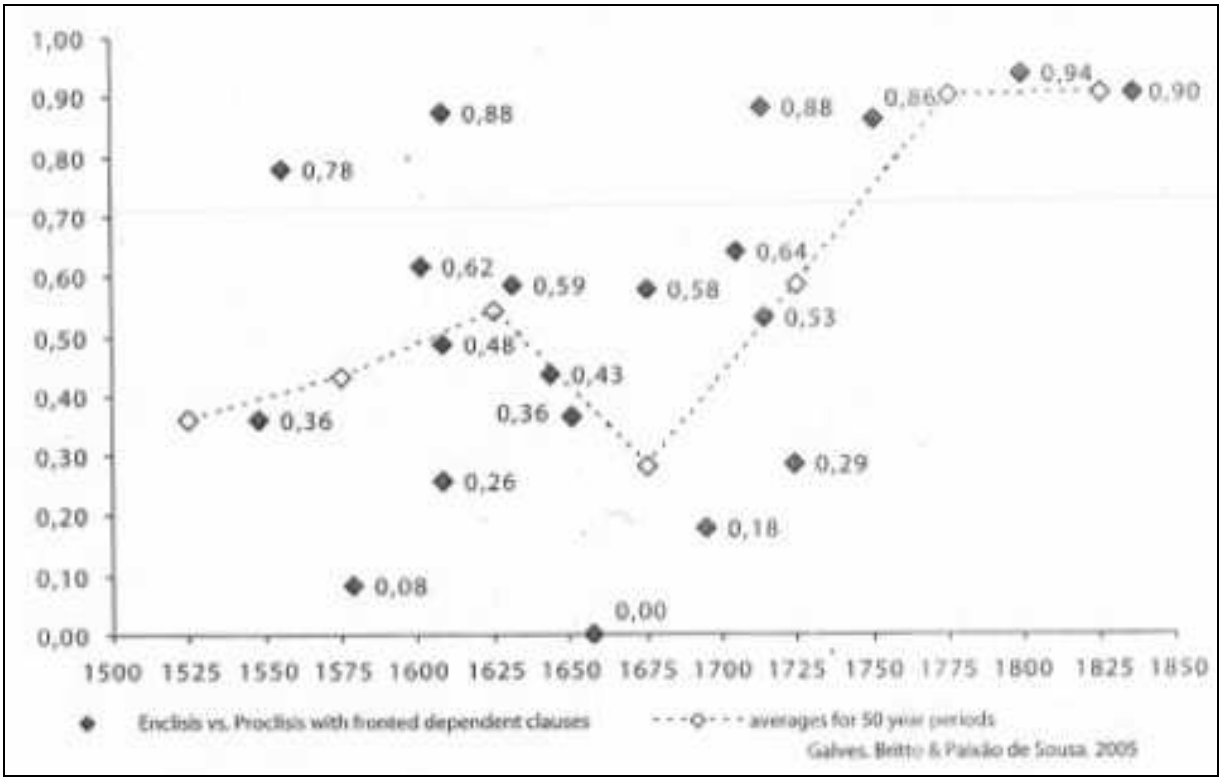
(a) Achou-os ditosamente, falou-lhes, e **rendeu-os** a largarem aquela vida brutal, e virem a ser filhos da Igreja, e vassalos do Império Português. (A. Barros, 1675)

Gráfico II: Próclise vs. Ênclise com verbo no início da segunda coordenada.



b) Para começar a render, animou-os com donativos, língua a todas as Nações não menos intelígivel, que grata. (A. Barros, 1675).

Gráfico III: Próclise vs. Ênclise verbo precedido por uma oração dependente



Apesar da variação entre próclise e ênclise ocorrer nos dois casos mostrados nos gráficos, é interessante notar que há uma grande ocorrência de ênclise desde o século XVI. Galves, Britto & Paixão de Sousa (*op. cit*., p.49) apontam que: "(...) a colocação dos clíticos nesses contextos, que parece muito idiossincrática, é realmente sensível a fatores prosódicos até o século 18".

2.3.2 Percurso histórico do português brasileiro

Em relação ao estudo histórico da colocação dos pronomes clíticos no português brasileiro, serão destacados dois trabalhos em particular:

Cyrino (1990, *apud*, CYRINO, 1993) realizou um estudo sobre objetos nulos em PB, utilizando como corpus peças brasileiras escritas entre os séculos XVIII e XX. A autora analisou, também, a perda do clítico de 3ª pessoa, uma vez que a maior ocorrência de objeto nulo nos textos ocorre concomitantemente a essa perda a partir do século XIX. Portanto, a posição dos clíticos em PB também estaria relacionada ao fenômeno do objeto nulo.

Pagotto (1992, *apud* PAGOTTO, 1993) analisou 1436 dados retirados de cartas e documentos oficiais brasileiros a partir do século XVI. Com grupos verbais (V + Infinitivo, V + Gerúndio e V + Particípio), o autor apresenta os seguintes resultados mostrados na tabela abaixo considerando: a. próclise ao verbo auxiliar, b. ênclise ao verbo auxiliar, c. próclise ao verbo principal e d. ênclise ao verbo principal:

Tabela 2.5: Colocação dos pronomes clíticos com grupos verbais:

		a	b	c	d	T
	I	96%	3%	0	1%	75
XVI	G	100%	0	0	0	6
	P	100%	0	0	0	11
	I	97%	0	0	3%	38
XVII	G	100%	0	0	0	3
	P	100%	0	0	0	27
	I	85%	0	2%	14%	59
XVIII	G	80%	0	20%	0	5
	P	100%	0	0	0	15
	I	67%	17%	0	17%	12
XIX	G	100%	0	0	0	1
	P	89%	11%	0	0	18
	I	11%	3%	50%	36%	36
XX	G	8%	0	84%	8%	13
	P	75%	0	25%	0	8
Total		80%	2%	10%	8%	100%
		(261)	(7)	(33)	(26)	(327)

Os dados mais interessantes para esta discussão são os das colunas *a* e *c*. Como é possível verificar na tabela, a próclise ao primeiro verbo (coluna a) é majoritária do século XVI ao século XVIII (13). Nesta colocação, ocorre a subida do clítico[25] e é possível perceber que, a não ser com o particípio, esse tipo de colocação tornou-se rara em PB.

(13) "... afim deque entrando povo, quesem estabelecimento **o** não quer fazer ..." (Documentos históricos do Espiríto Santo, 1ª metade do século XVIII, *apud* PAGOTTO, 1993, p.191).

A coluna c mostra a colocação inovadora do PB atual, pois com exceção de um dado do século XVIII – que, inclusive, o autor aponta como duvidoso – a colocação com o clítico anteposto ao segundo verbo (tipo *c*) surge somente no século XX (14):

(14) "Estamos **nos** deliciando com a presença da Sylvinha" (Arquivo de cartas pessoais S. L., — 2ª metade do século XX, *apud* PAGOTTO, 1993, p.191)

O autor explica essas colocações da seguinte forma (PAGOTTO, 1993, p.193):

> Ao tentar dar conta da cliticização em estruturas com dois verbos em que o primeiro verbo subcategoriza uma S, os pesquisadores optam por dois caminhos básicos: ou entendem que no processo de cliticização há algum tipo de reestruturação, em que os dois verbos formam uma espécie de complexo verbal, e a cliticização ao primeiro verbo passa a ser lícita, tal como em estruturas em auxiliares (RIZZI, 1976; DUARTE, 1983; e mesmo ROUVERET, 1989); ou optam por trabalhar com um movimento independente do clítico, da sentença mais baixa para a sentença mais alta, razão por que ficou conhecido como subida do clítico (no inglês *clitic climbing*) (cf. KAYNE, 1989). (...)tentarei

[25] Quando o clítico é argumento de um predicado e se cliticiza ao auxiliar ou modal, geralmente pela presença de um atrator, ocorre a subida do clítico. Isto ainda é possível no PE, mas muito raro no PB:
(i) eu disse *que* **lhe** tinha dado o dinheiro. (PE)
(ii) eu disse *que* tinha **lhe** dado o dinheiro. (PB)

argumentar por que, no presente caso, é mais interessante tratar o português clássico pela segunda vertente.

Em relação à questão dos grupos verbais, Cyrino (1993) afirma, confirmando os resultados de Pagotto (*op. cit.*), que no século XVIII, o clítico podia subir para uma posição até acima de NEG (13). No século XX, contudo, ele está sempre proclítico ao verbo mais baixo numa locução verbal (14),

No século XX, além disso, a autora verificou que a variante pós-verbal ficou restrita ao pronome de terceira pessoa quando há um infinitivo. É possível verificar na tabela 2.5 que esta colocação (coluna d) tem, realmente, porcentagens muito baixas.

A fim de confirmar a semelhança nos dados dos dois autores, apresento a seguir uma tabela com os resultados dos estudos de Cyrino (*op. cit.)* e Pagotto (*op. cit.)* quanto às locuções com gerúndio e infinitivo pessoal, na qual é possível verificar a semelhança no resultado de ambos os estudos:

Tabela 2.6: Ênclise com gerúndio

	Cyrino	Pagotto
1ª met. séc. XVIII	100%	96%
1ª met. séc. XIX	100%	100%
2ª met. séc. XIX	100%	89%
1ª met. séc. XX	25%	89%
2ª met. séc. XX a	66%	67%
2ª met. séc. XX b	0%	-

Tabela 2.7: Ênclise com infinitivo pessoal

	Cyrino	Pagotto
1ª met. séc. XVIII	100%	94%
1ª met. séc. XIX	100%	100%
2ª met. séc. XIX	86%	93%
1ª met. séc. XX	56%	100%
2ª met. séc. XX a	25%	25%
2ª met. séc. XX b	0%	-

Em seguida, Cyrino apresenta uma tabela de resultados com o pronome proclítico ao verbo principal em locuções verbais, equivalente à coluna c de Pagotto (*op. cit.)* na tabela 2.5:

Tabela 2.8: Pronome proclítico ao verbo principal em locuçãoverbal estrutura matriz

1ª met. séc. XVIII	0%
1ª met. séc. XIX	7,7%
2ª met. séc. XIX	17,6%
1ª met. séc. XX	52,9%
2ª met. séc. XX a	63,6%
2ª met. séc. XX b	100%

Esses dados com locuções verbais mostram, portanto, um aumento no uso da próclise ao verbo auxiliar e decréscimo no uso da ênclise tanto ao verbo auxiliar quanto ao verbo principal ou a próclise ao verbo auxiliar. Sendo assim, no século XX o clítico se fixa no verbo mais baixo. Como, também havia atestado Pagotto (1993) na tabela 2.5.

Sendo assim, Cyrino afirma que, na primeira metade do século XVIII são comuns sentenças como:

(15) João queria falar-**lhe.**

(16) João queria-**lhe** falar.

(17) João **lhe** queria falar.

No decorrer do tempo sentenças do tipo (18) começam a aumentar, como mostra a tabela acima:

(18) João queria **lhe** falar

A autora confirma que, mesmo quando há partícula atratora de próclise, o clítico, no século XX, mantém a tendência de fixar-se à esquerda do verbo principal:

Tabela 2.9: Posição do clítico em presença de partícula atrativa

	NEG/CP cl "AUX" [26] V	NEG/CP "AUX" cl V
1ª met. séc. XVIII	100%	0%
1ª met. séc. XIX	87,5%	12,5%
2ª met. séc. XIX	90%	10%
1ª met. séc. XX	0%	100%
2ª met. séc. XX a	20%	80%
1ª met. séc. XX b	0%	100%

Os dados da autora mostram, portanto, que no PB atual, em uma oração com verbo simples o clítico está afixado ao V que carrega concordância. Já em uma locução verbal, o clítico está afixado ao V mais baixo que não carrega concordância.

(19) João **me** deu o livro.

(20) João vai **me** dar o livro.

(21) * João **me** vai dar um livro.

A esse respeito, Cyrino (1993, p. 170 / 171) afirma que:

> Uma vez que (10)[27] é impossível em PB atual, mas costumava ocorrer no PB do século XIX e séculos anteriores, propus naquele estudo, que a mudança que houve em relação à cliticização do pronome átono em PB estaria relacionada ao fato de este pronome ter sido livre para, ou subir, ou manifestar-se em alguns casos (imperativas afirmativas, estruturas gerundivas ou com infinitivo pessoal) com ênclise. Atualmente, porém, o clítico é quase exclusivamente afixado à esquerda do V mais baixo.

[26] A autora considera "auxiliar" tanto os verbos auxiliares como os modais e aspectuais também.
[27] (10) está renumerado neste trabalho como 21.

Minha proposta incluía a observação de que para esta mudança ocorrer, houve uma reanálise para a posição do clítico, a partir de sentenças matrizes (*root*) contendo locução verbal, onde a ênclise era possível ao verbo "auxiliar". Assim, ao ouvir sentenças do tipo:

(11) João vai-me dar um livro

a criança pode ter interpretado o pronome não como enclítico ao verbo "auxiliar", mas como proclítico ao principal.

Cyrino (*op. cit*.) argumenta que esses resultados dão fortes indícios que a mudança da posição dos pronomes clíticos, de ênclise majoritária em PB para próclise está relacionada ao fenômeno do objeto nulo e apresenta a seguinte tabela com seus resultados:

Tabela 2.10: Objetos nulos no tempo (dados Cyrino, 1990a, apud 1993)

Século	Objetos Nulos (%)
1ª met. XVIII	14.2
1ª met. XIX	41.6
2ª met. XIX	23.2
1ª met. XX	81.7

De acordo com a autora, seus dados mostram que no século XVIII havia 85% de ocorrência de clíticos contra 17% de posições vazias – objetos nulos, na primeira metade do século XIX, a ocorrência dos clíticos cai para 58% contra 42% de sentenças sem clítico.

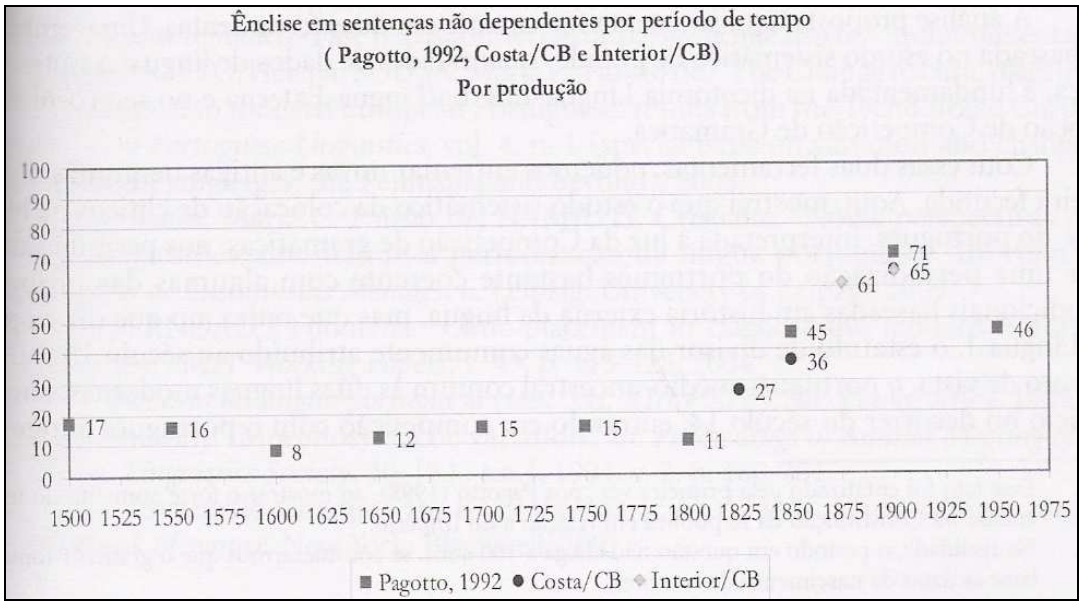
Finalmente, após o relato do percurso histórico percorrido pelo PE e pelo PB, temos que, ao longo do século XVII, emergiu em Portugal uma nova gramática que se estabelece nos textos escritos no século XIX e acarreta uma nova competição das gramáticas utilizadas nos textos brasileiros.

Há, no Brasil, do século XVIII ao XIX um aumento considerável de ênclise seguido imediatamente de seu decréscimo. Este é um dado incomum, em situação de competição de gramáticas, pois há, primeiramente, uma mudança

gramatical, no caso de próclise para ênclise e logo em seguida a língua volta a usar a variante pré-verbal.

Carneiro (2005, *apud* GALVES, 2007, p.525), em sua analise de cartas pessoais escritas entre 1809 e 1907, confirma esse aumento da ênclise em textos brasileiros escritos no século XIX, como se pode verificar no gráfico a seguir:

Gráfico IV: Ênclise em sentenças não dependentes por período de tempo



A esse respeito, Galves sugere que essa alteração – próclise - ênclise – próclise novamente - não é resultado do efeito de uma mudança gramatical e sim “de um empréstimo crescente, durante o século 19, de construções produzidas por uma gramática de maior prestígio” (GALVES, 2007, p.526). Logo, essa mudança ocorrida em Portugal no século XVIII não influencia a Língua Interna desenvolvida no Brasil, mas somente a Língua Externa, como é possível verificar na competição entre duas gramáticas atestada nos textos escritos no século XIX no Brasil.

Por sua vez, o estudo de Pagotto e Duarte (2004) confirma as constatações anteriores. Os autores analisaram a colocação dos clíticos em um conjunto de cartas escritas entre 1879 e 1892 pelo casal Cristiano Benedito

Ottoni (nascido em 1811) e Barbara Albina Ottoni (nascida em 1822) aos seus netos. De acordo com Pagotto e Duarte (*op. cit*., p.2): “Suas cartas representam uma espécie de instantâneo entre dois mundos: o do português brasileiro vernáculo e o do português normativo. Ambos estavam em formação nesse período (...)”

Os brasileiros daquela época tinham que optar ou por uma norma culta que ainda se encontrava em construção e tinha características marcantemente europeias (com padrão enclítico), ou por um português popular (proclítico) que, apesar de não receber respaldo normativo, cada vez mais fazia parte dos seus hábitos liguísticos.

Foi atestada uma diferença substancial entre os avós, como pode ser visto na tabela abaixo (PAGOTTO & DUARTE, 2004, p.7):

Tabela 2.11. Posição dos clíticos vs contexto sintático

	Avó		Avô	
	Próclise	Ênclise	Próclise	Ênclise
Operadores	27(100%)	0	25(100%)	0
Prep+infin.	2 (100%)	0	1 (17%)	5 (83%)
Sprep	8 (100%)	0	1 (50%)	1 (50%)
Coord.	6 (86%)	1 (14%)	1 (14%)	6 (86%)
SN sujeito	4 (80%)	1 (20%)	2 (50%)	2 (50%)
Iníciode oração	1 (100%)	0	0	4 (100%)
Início absolute	3 (60%)	2 (20%)	0	9 (100%)
Total	51(93%)	4 (7%)	30 (53%)	27(47%)

Através desses dados, os autores concluem que o casal (PAGOTTO & DUARTE, *op. cit.,* p.11):

> (...) se encontra em campos opostos: o avô senador do império, cioso de seu papel na educação dos netos, procuraria imprimir a seu texto uma marca linguística modelar, a fim de que eles aprendessem a boa linguagem. Já a avó traduziria nas cartas uma gramática mais próxima do português coloquial de então.

Como veremos no capítulo seguinte, o corpus desse estudo, apesar de representar o início do século XX têm características próximas aos padrões

verificados no final do século XIX. Observa-se que o padrão culto se apia na norma lusitana para a língua escrita, porém, é possível verificar, mesmo em textos escritos com características próprias do português brasileiro vernacular do período, bem como nas cartas da avó.

A seguir, será apresentado um apanhado dos trabalhos linguísticos que abordaram a colocação dos pronomes clíticos em períodos mais recentes. Será realizado um contraponto entre esses estudos e as regras prescritas pelas gramáticas normativas para o fenômeno em questão, e sua interação com outras características da língua, tais como: o tipo de pronome analisado e o rearranjo no quadro pronominal brasileiro devido à entrada do *você* no lugar do *tu* e do *a gente* em concorrência com *nós*.

2.4 A colocação dos pronomes clíticos no século XX

2.4.1 Questões fonológicas, morfológicas e sintáticas.

A investigação da colocação dos clíticos, na verdade, deve ser compreendida como um tema que possui diversas interfaces, por essa razão vem sendo estudado por tantos pesquisadores. Além disso, por também abranger questões fonológicas e morfológicas, seu posicionamento não pode ser analisado como um fenômeno estritamente sintático. Do ponto de vista fonológico, por exemplo, é necessário averiguar quais são os elementos prosódicos e acústicos que determinam o parâmetro da colocação. Quanto à morfologia, deve-se verificar qual é a natureza dos pronomes átonos em cada uma de suas variedades. Já em relação à sintaxe, é preciso considerar as estruturas gramáticais internas da língua (cf. Galves e Abaurre, 1996).

A esse respeito, Said Ali (1957) já afirmava que o deslocamento do pronome se dá devido a uma atração puramente fonética:

> Vagamente falando, não se erra dizendo que é questão de ouvido. Escapam, de fato, à sintaxe, escapam à gramática tradicional, mas não se engana na aplicação prática quem tem o sentimento da linguagem. (...) Que o ouvido tem de ser consultado prova-o melhor ainda o caso do infinitivo com flexão

> pessoal. Basta a sílaba átona da desinência para que ao português clássico repugne o acréscimo do pronome, isto é, de outra sílaba átona.
>
> (SAID ALI, 1957, p. 29,30)

Dessa forma, o autor reconhece que esta questão não pode ser analisada apenas sob o viés sintático, mas, sim, através de uma perspectiva sintático-fonológica: "(...) a pronúncia brasileira diversifica da lusitana; daí resulta que a colocação pronominal em nosso falar espontâneo não coincide perfeitamente com a do falar dos portugueses" (Said Ali, 1969, p.279 *apud* Bechara 2002[1999]:587).

Paulo Duarte, no prefácio do *Dialeto Caipira,* de Amadeu Amaral (1976 [1920], p.32) faz a seguinte afirmação, no mesmo viés do raciocínio de Said Ali:

> Fato inegável é a grande diferenciação entre a prosódia brasileira e a portuguesa. Os nossos acentos, lembra Amadeu, na prolongação total de um grupo de palavras, não são os mesmos que teria esse grupo em boca portuguesa; as pausas que dividem tal grupo na linguagem corrente são mais abundantes e diferentemente distribuídas entre nós. O mesmo relativamente à duração das vogais duas vezes mais longas, talvez no falar brasileiro.

Galves e Abaurre (1996) realizaram um estudo sobre essa questão, e afirmam que em Portugal, os pronomes são realmente átonos, o *e* final em *me, te, se* é tão abafado que mal se ouve. Já no Brasil, há uma certa acentuação quando o pronome vem antes do verbo, pronunciando-se *mi, ti, si.* Os portugueses possuem um ritmo mais acelerado na fala, portanto a ligação entre as palavras é mais comum, enquanto a pronúncia brasileira é mais cadenciada.

Outro estudo, que aborda a questão fonológica na colocação dos clíticos é Nunes (1993). O autor observa que a cliticização no português brasileiro passou a ser direcionada fonologicamente da esquerda para a direita e não o contrário, como é o caso do português europeu. Portanto, em exemplos com locuções verbais como (22) do PB e (23) do PE, tem-se no primeiro caso próclise ao verbo principal e no segundo ênclise ao verbo auxiliar, que é inclusive marcada pelo hífen.

(22) João tinha **me** visto

(23) João tinha**-me** visto

(NUNES, 1993, p.214)

De acordo com Carvalho (1989, *apud* NUNES, 1993), em PE os clíticos estão sempre enclíticos fonologicamente, portanto a cliticização ocorre da direita para a esquerda. Essa é uma das razões que bloqueiam as sentenças iniciadas por clíticos em PE. Trabalhos de Mattos e Silva (1990, *apud* NUNES, 1993) sustentam a hipótese de que em português antigo a cliticização também ocorria da direita para a esquerda. Em PB moderno, contudo, a direção da cliticização é da esquerda para a direita, portanto permite que os clíticos ocorram em início de sentença.

Autores de gramáticas normativas, como Bechara (2002 [1999]), também admitem que para explicar este fenômeno no português brasileiro é preciso considerar um conjunto de fatores rítmicos, estilísticos e históricos, entre outros.

Cunha & Cintra (2001), ao final da sua explicação acerca da colocação pronominal, fazem observações quanto às diferenças entre o PB coloquial e o PE. Eles atentam, por exemplo, para o fato da possibilidade do pronome átono iniciar a sentença (24); indicam a prefêrencia pela próclise em sentenças absolutas, principais e coordenadas, mesmo não havendo atratores (25); e observam a próclise ao verbo principal em locuções verbais (26).

(24) – **Me** desculpe se falei demais.

(Érico Veríssimo, *apud* CUNHA &CINTRA, 2001, p.317)

(25) – Se Vossa Reverendíssima me permite, eu **me** sento na rede.

(José Montello, *apud* CUNHA &CINTRA, 2001, p.317)

(26) Será que seu pai não ia **se** dar ao respeito?

(Autran Dourado, *apud* CUNHA &CINTRA, 2001, p.317)

Esses autores valem-se de uma citação do Professor Martinz de Aguiar para justificar esta última colocação. Bechara (*op. cit*) utiliza o mesmo trecho, porém também como explicação do pronome átono em posição inicial no período:

> A colocação de pronomes complementos e português não se rege pela fonética, nem é o ritmo, o mesmo binário-ternário, em ambas as modalidades, brasileira e lusitana, que impõe uma colocação aqui, outra ali, não. Ela obedece a um complexo de fatores, fonético (rítmico), lógico, psicológico (estilístico), estético, histórico, que às vezes se entre-ajudam e às vezes se contrapõem. Numa frase como *ele vem-me ver*, geral em Portugal, literária no Brasil, o fator lógico deslocou o pronome *me* do verbo *vem*, para adjudicá-lo ao verbo *ver*, por ser ele determinante, objeto direto, do segundo e, não, do primeiro. Isto é: deixou a língua falada no Brasil de dizer *vem-me ver* (fator histórico, por ser mera continuação do esquema geral português), para dizer *vem me-ver* (escrito sem hífen), que também vigia na língua, ligando-se o pronome ao verbo que o rege (fator lógico). Esta colocação de tal maneira se estabilizou, que pouco se diz *vem ver-me* e trouxe consequências imprevistas:
>
> 1ª) Pôde-se juntar o pronome ao particípio, procliticamente:
>
> Aqueles *haviam se-corrompido*.
>
> 2ª) Pôde-se pôr o pronome depois dos futuros (do presente e do pretérito: *Poderá se-reduzir, poderia se-reduzir)*. Deixando de ligar-se aos futuros, para unir-se ao infinitivo, deixou igualmente de interpor-se--lhe aos elementos constitutivos.
>
> 3ª) Em frases como *vamos nos-encontrar*, deixando o pronome de pospor-se à forma verbal pura, para antepor-se à nominal, deixou igualmente de determinar a dissimilação das sílabas parafônicas, podendo-se então dizer *vamo-nos* encontrar.
>
> (MARTINZ DE AGUIAR, *apud* BECHARA, 2002 [1999],p. 591 e CUNHA &CINTRA, 2001, p.318)

Apesar destas considerações finais, no entanto, os gramáticos normativos não citam os diversos resultados de pesquisas linguísticas desenvolvidas acerca da colocação pronominal no PB. Assim, para a gramática tradicional, a norma para o uso dos pronomes clíticos no português brasileiro continua baseada nas constatações a respeito do padrão lusitano. Apesar de apresentarem algumas

observações sobre o PB, essas obras não adotam como corretas algumas variações que já são verificadas, inclusive, entre falantes letrados.

Além disso, também desconsideram os trabalhos que demonstram que o uso dos clíticos depende não somente de fatores linguísticos, mas também de aspectos extralinguísticos, tais como a escolaridade e a região de onde provem o indivíduo, como, mais uma vez, já havia notado Said Ali:

> As línguas alteram-se com a mudança de meio; e o nosso modo de falar diverge e há de divergir, em muitos pontos da linguagem lusitana. (...) A verdadeira conclusão científica não pode ser senão esta: em Portugal é certa a colocação peculiar dos pronomes por ser de uso geral; no Brasil também é certo o nosso modo de empregar os pronomes por ser igualmente de uso geral. Em que pese aos gramáticos, o único critério para julgar da correção da linguagem é, como muito bem diz o filólogo SAYCE: Custom alone can determine what is right and wrong, not the dictum of grammarians, however eminent. (SAID ALI, 1957, p.53)

O PB, como já mencionado anteriormente, apresenta próclise generalizada ao verbo principal, flexionado ou não. Para corroborar esta afirmação, vale lembrar o estudo de Schei (2003), também baseado no material do projeto NURC. A autora mostra que a próclise é predominante, ocorrendo em cerca de 90% dos casos.

Assim, a variante pré-verbal tornou-se o padrão básico nos domínios finitos e não finitos, tanto em orações independentes ou coordenadas como em orações subordinadas e imperativas. Vieira (2004) é outro estudo em que encontramos a afirmação de que a próclise no PB é a colocação categórica, mesmo com a presença de elementos não atratores em posição pré-verbal, entre eles, um SN sujeito, como mostra o exemplo (27).

(27) <u>O menino</u> **se** referiu ao fato (VIEIRA, 2004, p.198)

Ademais em PB, também são comuns casos em que o pronome aparece em posição inicial absoluta da sentença (V1) no lugar do verbo, sendo essa a grande inovação do português brasileiro, uma vez que não há nenhum exemplo

desse tipo de colocação na história do português europeu. Essa propriedade também influenciou a perda da próclise, ou ênclise, ao auxiliar em determinadas locuções verbais (cf. TORRES – MORAIS & RIBEIRO, 2005)[28]:

(28) – **Me** devolva o livro – disse. (PB)

(29) – Devolva**-me** o livro – disse. (PE)

(30) – Tem sonhos, **se** emociona, e está apaixonado por uma mulher do deserto. (PB)

(31) – Tem sonhos, emociona **-se**, e está apaixonado por uma mulher do deserto. (PE)

(TORRES – MORAIS & RIBEIRO, 2005, p.32,33)

Contudo, apesar do uso da variante pré-verbal ser mais produtivo em PB, a variação ainda existe. A escrita e a fala cultas ainda mantém a ênclise, principalmente quando a ocorrência da variante pré-verbal é estigmatizada, como no caso dos contextos do verbo em posição inicial (V1).

Segundo Galves e Abaurre (1996), com a base no corpus do NURC, os falantes, em situação formal, parecem sustentar a restrição do clítico em primeira posição, porém as razões pela escolha entre próclise e ênclise não parecem ser as mesmas do PE. As autoras afirmam que (p.291):

> Esses fatos mostram que mesmo quando a sintaxe dos falantes cultos parece aproximar-se da norma portuguesa, ela tem características próprias (...) as alternativas próclise / ênclise parecem derivar, também no PB, de condicionamentos prosódicos.

Além disso, os pronomes acusativos de terceira pessoa estão sempre enclíticos quando são o objeto de um verbo no infinitivo. Alguns estudos

[28] Nesse estudo, as autoras fizeram um levantamento dos dados da obra original *O Alquimista*, de Paulo Coelho, e sua versão 'adaptada' para o português europeu. Voltaremos a tratar desse estudo mais adiante.

verificaram ainda que o pronome *se indeterminador* e o *apassivador*[29] do sujeito ocorrem enclíticos com maior frequência que o *se reflexivo* e o *inerente* (cf. SCHEI, 2003; VIEIRA, 2003 e 2004; TORRES – MORAIS & RIBEIRO, 2005). Schei (2003) afirma, portanto, que três contextos apresentam maior variação entre próclise e ênclise no PB: posição inicial (V1), conjunção coordenativa e advérbio não proclisador[30].

Como apontado anteriormente, apesar destas considerações, as gramáticas tratam a ênclise, ao invés da próclise, como a posição lógica e normal do pronome em relação ao verbo, uma vez que o pronome átono ocupa a função de objeto direto ou indireto do verbo (cf. CUNHA & CINTRA 2001). Baseando-se no padrão europeu, as gramáticas normativas fundamentam-se na tradição literária, sem considerar, principalmente, as tendências particulares da variante falada do português brasileiro.

Dessa forma, para a gramática tradicional a ênclise é obrigatória quando o verbo abre o período (32), o sujeito vem antes do verbo (33) e nas orações coordenadas sindéticas (34). Contudo, nos dois últimos casos a anteposição pode ocorrer, por puro arbítrio ou gosto do falante (cf. ROCHA LIMA, 1962), não havendo os chamados "elementos proclisadores". A mesóclise, por sua vez, é a posição obrigatória quando o tempo verbal da sentença é o futuro do presente ou pretérito (condicional) (35).

(32) Deu-**me** a notícia (BECHARA, 2002 [1999], p. 587)

(33) Os dois amavam-**se** desde criança. (ROCHA LIMA, 1962, p.475)

(34) Persegui-o, *mas* ele fugiu-**me**. (ROCHA LIMA, 1962, p.476)

---

[29] Nesse estudo será adotada a seguinte nomenclatura para os diversos tipos de *se*: se reflexivo - o João **se** machucou; se apassivador - o anel **se** quebrou ; se indeterminador - discutiu – **se** o aumento da mensalidade;) e se inerente - ele **se** arrependeu do preço que cobrou.

[30] A autora considera que advérbios como *agora, então* e *aí (*no sentido de *então*) não provocam próclise, como outros advérbios o fazem. Na fala essas palavras funcionariam como marcadores conversacionais.

(35) Teodomiro recordar-**se**-á ainda de qual foi o desfecho do amor de Eurico. (Alexandre Herculano, *apud* BECHARA, *op. cit.,* p.589).

Com o infinitivo solto, a escolha da ênclise ou próclise é facultativa, porém Cunha & Cintra (*op. cit.*) apontam que há uma tendência para a primeira (36). Rocha Lima (*op. cit*.) também prescreve a posposição, exceto no caso do infinitivo estar na forma pessoal (37). Quanto ao gerúndio solto, o pronome mais uma vez deve vir posposto ao mesmo (38) :

(36) Viver é adaptar-**se**. (ROCHA LIMA, 1962, p.478)

(37) Não **nos** cansarmos demais – foi a recomendação primeira do médico. (ROCHA LIMA, 1962, p.479)

(38) O Professor entregou o prêmio ao filho, abraçando**-o** com emoção. (ROCHA LIMA, 1962, p.479)

A próclise é preferencial nos seguintes casos, em que há os chamados "ativadores de próclise":

a. quando o pronome é precedido palavras negativas, como *não, nunca, jamais, ninguém* e *nada*:

(39) Ninguém **nos** convencerá da tua culpa.
(ROCHA LIMA, 1962, p.477)

b. em orações iniciadas por pronomes e advérbios interrogativos, do tipo *quem, por que* e *como*:

(40) Quem **me** explicará a razão dessa diferença?
(Machado de Assis, *apud* BECHARA, 2002 [1999], p.589)

c. em orações iniciadas por palavras exclamativas, bem como nas que exprimem desejo (optativas):

(41) Bons ventos **o** levem! (BECHARA, 2002 [1999], p. 591)

d. nas orações subordinadas desenvolvidas, mesmo que a conjunção esteja oculta:

(42) Confesso que tudo aquilo **me** pareceu obscuro.
(Machado de Assis, *apud* BECHARA, 2002 [1999], p. 588)

e. com gerúndio regido pela preposição *em:*

(43) Ninguém, desde que entrou, em **lhe** chegando o turno, se conseguirá evadir à sala.
(Rui Barbosa, *apud* BECHARA, 2002 [1999], p.591)

f. com certos advérbios,como *bem, mal, ainda, já, sempre, só, talvez*, ou com expressões adverbiais (44) – quando não há pausa que os separe, pois esta entre o atrator e o verbo licencia a ênclise(47) (cf. CUNHA & CINTRA, 2001) :

(44) Sempre **me** recebiam bem. (BECHARA, 2002 [1999], p. 589)

(45) Ele esteve alguns instantes de pé, a olhar para mim; depois estendeu-**me** a mão com um gesto comovido.
(Machado de Assis, *apud* BECHARA, 2002 [1999], p. 589)

g. quando a oração se inicia por objeto direto ou predicativo:

(46) Tiram mais que na ceifa; isso **te** digo eu.
(Alves Redol, *apud* CUNHA & CINTRA, 2001, p.309)

h. quando o sujeito da oração contém o numeral *ambos* ou algum dos seguintes pronomes indefinidos: *todo, tudo, alguém, outro, qualquer*, etc :

(47) **Todos** os barcos **se** perdem,
entre o passado e o futuro.
(Cecília Meireles, *apud* CUNHA & CINTRA, 2001, p.313)

i.nas orações alternativas:

(48)– Das duas uma: **ou as** faz ela **ou as** faço eu.
(Sttau Monteiro, *apud* CUNHA & CINTRA, 2001, p.313)

Segundo estudos linguísticos, porém, para compreender melhor a colocação dos pronomes clíticos em PB, é preciso verificar: 1. mudança do paradigma dos pronomes pessoais 2. características intrísecas de cada pronome clítico; 3. características particulares de certos verbos e de determinadas construções; e 4. certos contextos sintáticos;

2.4.2 Quadro dos pronomes pessoais

Para uma melhor abordagem da questão da colocação dos pronomes clíticos, faz-se necessária a apresentação do quadro dos pronomes pessoais como um todo. De acordo com estudos linguísticos, mudanças ocorridas com os pronomes tônicos acarretaram variação em relação ao uso dos pronomes átonos.

Em relação aos pronomes tônicos, gramáticas como a de Cunha & Cintra (2001), Rocha Lima (1962) e Bechara (2002 [1999]) apresentam um quadro amplo dos pronomes pessoais. Curiosamente, os autores acrescentam formas pouco usadas ou em desuso no território nacional, como *tu* e *vós*, em detrimento a formas amplamente utilizadas como *você(s) e a gente*. Inclusive, a respeito dessas, são feitas apenas pequenas observações, comumente apresentando a primeira na sessão sobre pronomes de tratamento, e a segunda apenas

caracterizada como o substantivo *gente* precedido de *a*, utilizado coloquialmente para fazer referência a um grupo de pessoas que inclui a que fala (cf. Bechara 2002 [1999]).

Lopes e Rumeu (s/d) afirmam que diversos estudos comprovam que o uso majoritário do *tu* é substituído por *você* por volta dos anos 20-30 do século XX. Contudo, Menon (s/d) aponta que já no século XVIII, *você* era utilizado ao lado de *tu*, como na peça *Esopaída*, de 1734.

Verificou-se também um retorno do pronome *tu* à fala carioca sem marca flexional de segunda pessoa no século XX. De acordo com Machado (2006), o português do Rio de Janeiro apresenta três momentos: a variação entre *tu e você*, a consolidação de *você* e o ressurgimento do pronome *tu,* sem a marca flexional de segunda pessoa em classes mais baixas.

Ademais, observa-se certa frequência no uso de *tu* em Florianópolis, onde sua utilização é menor que a de *você*, mas apresenta flexão marcada. E em Porto Alegre, onde *tu* é mais comum, porém sem a flexão verbal.

Nas gramáticas tradicionais, os pronomes átonos são apresentados com características e funções bem definidas. O clítico acusativo ocupa a função de objeto direto anafórico (49) ou sujeito anafórico de orações infinitas reduzidas de infinitivo (50) ou de gerúndio (51) que completam os verbos denominados causativos e sensitivos.

(49) Nunca **a** encontramos em casa. (Cunha & Cintra, 2001:277)

(50) Mandei-**o** entrar. (Rocha Lima, 1962:304)

(51) Deixei-**as** dormindo. (Rocha Lima, *op. cit*)

Outra forma licenciada de realização do objeto direto de terceira pessoa é a utilização do pronome reto precedido da preposição *a* (52), ou do pronome indefinido *todos* (53) ou do advérbio *só* (54). De acordo com Bechara (*op. cit*), o pronome *ele*, no português moderno, pode ser objeto direto se dotado de acentuação enfática em prosa ou verso (55).

(52) Nem ele entende **a nós**, nem nós **a ele**.

(Camões, *apud* ROCHA LIMA, 1962, p.302)

(53) No latim eram quatro os pronomes demonstrativos. **Todos eles** conserva o português. (BECHARA, 2002 [1999],p.175)

(54) Em meio a tanto barulho, queria ouvir só **ela**. (FREIRE 2000, p.5)

(55) Olha **ele**! (Eça de Queirós, *apud* BECHARA 2002 [1999]:175)

Os gramáticos rejeitam a combinação da formas átonas *se* e *o* (e flexões) (56), apresentando como alternativa a omissão do pronome objetivo direto (57a) ou substituição do pronome *o* (e flexões) por *ele* (e flexões) (57b).

(56) * Não se **o** quer

(57a) Não se quer ___

(57b) Não se quer **ele** (cf. BECHARA, 2002 [1999],p.180)

Freire (2000), contudo, aponta para o fato de que a categoria vazia e o pronome reto nas construções (57a) e (57b) são aceitas pelos gramáticos porque são, na verdade, sujeitos da passiva. Essas sentenças configuram uma voz passiva sintética ou pronominal, pois o clítico *se* está junto a verbos transitivos.

Assim, apesar das exceções descritas acima, as gramáticas normativas não admitem outra realização do objeto direto se não o uso dos clíticos acusativos. Não há menção acerca da possibilidade de omitir o objeto anafórico, nem de retomar o sintagma nominal ou utilizar demonstrativos – estratégias amplamente utilizadas, inclusive, por falantes cultos, para evitar tanto o uso de formas estigmatizadas do tipo “vi ele” , como os clíticos acusativos de terceira pessoa, como veremos nas seções seguintes.

Por sua vez, os clíticos dativos ocupam a função de objetos indiretos anafóricos (58a) podendo ser substituídos pelo pronome reto regido pela preposição *a* (58b) e também podem ser utilizados com valor possessivo (59):

(58a) Ninguém **lhe** disse a verdade. (BECHARA, 2002 [1999], p. 589)

(58b) Ninguém disse a verdade **a ela.**

(59) Escutaste-**lhe** a voz? Viste-**lhe** o rosto?
Osculaste**-lhe** as plantas?
Tocaste**-lhe** os vestidos resplendentes?
(Fagundes Varela, *apud* CUNHA & CINTRA, 2001, p.303)

Os pronomes átonos, na forma de objeto indireto, podem substituir adjuntos adverbiais (60) e (61) (cf. BECHARA, 2002 [1999]).

(60) Deu um abraço **no pai** - Deu-**lhe** um abraço

(61) Fugiu **de mim** - Fugiu-**me**

Quanto ao clítico *se*, este tradicionalmente pode ocupar três funções: de reflexivização (62), formação da voz passiva sintética ou pronominal (63) e a indeterminação do sujeito (64):

(62) Viu-**se** ao espelho, cadavérico.
(Tavares Rodrigues, *apud* CUNHA & CINTRA, 2001, p.305)

(63) Fez-**se** novo silêncio.
(Coelho Netto, *apud* CUNHA & CINTRA, 2001, p.306)

(64) Vive-**se** ao ar livre, come-**se** ao ar livre, dorme-**se** ao ar livre.
(R.Brandão, *apud* CUNHA & CINTRA, 2001, p.306)

Além de todos os casos supracitados, há, ainda, verbos que têm como parte integrante pronomes átonos, por exemplo: *admirar-se, apiedar-se, arrepender-se, indignar-se, queixar-se, suicidar-se, vangloriar-se,* etc. Segundo Cunha & Cintra (op. cit.) são verbos que geralmente exprimem sentimento ou mudança de estado, e para Rocha Lima (*op.cit*.) estes são pronomes sem função, estão "fossilizados".

2.4.2.1 Mudança no paradigma e uso dos pronomes clíticos

Além de desconsiderar a introdução e o uso frequente das formas *você* e *a gente* pelos falantes de PB, como abordado na seção anterior, a tradição gramatical ignora o desaparecimento gradativo das formas pronominais átonas de 3ª pessoa e aparecimento das formas nulas. Levando esses fatores em consideração, nesta seção, portanto abordarei estudos que descrevem o estatuto dos pronomes clíticos no PB atual.

Cyrino (1993, p.175), citando o estudo de Duarte (1986) e Corrêa (1991), faz a seguinte afirmação:

> Uma mudança paramétrica deve estar relacionada a outras mudanças na língua. Através da análise de dados diacrônicos, há motivos para supor que a reanálise que levou ao objeto nulo do PB estaria relacionada às reanálises diacrônicas que levaram à mudança no sistema de clíticos dessa língua. Todas essas mudanças teriam tido como consequência, então, a refixação do parâmetro relacionado ao objeto nulo.

A autora, em seguida, apresenta a seguinte tabela para mostrar a mudança na ocorrência dos clíticos no período entre os séculos XVI e XX:

Tabela 2.12: Tipo de preenchimento através do tempo (% sobre total de preenchimento
* = uma ocorrência; ** clítico plural

Período	Cl. 1ª p.	Cl. 2ª p.	Cl. 3ª p. (NP)	Cl. "o" (prop)	Tônico 1ª p.	Tônico 2ª p.	Tônico 3ª p.
1ª XVI	29.0	29.4	34.8	6.8	-	-	
2ª XVI	30.6	12.6	43.3	13.5	-	-	
XVII	20.3	16.4	52.3	11.0	-	-	
1ª XVIII	36.5	19.3	37.8	6.4	-	-	
2ª XVIII	40.1	15.8	37.0	7.1	-	-	
1838-44	32.5	10.7	51.2	5.1	-	-	0.5*
1857	23.3	11.4	57.9	2.8	0.6*	-	4.0
1891	15.9	12.1	48.1	2.8	-	-	11.1
1940	49.1	22.4	26.7	-	0.9*	-	0.9*
1960	51.1	-	16.3	-	2.2*	11.9	18.5
1973	28.0	24.0	4.0**	-	-	-	44.0

Diversos trabalhos confirmam os resultados do quadro, uma vez que constataram a queda na frequência dos clíticos dativos e acusativos de 3ª pessoa no português brasileiro. Além disso, nas raras vezes em que os dativos são utilizados, a forma é mantida, porém o uso é de segunda pessoa (cf. GALVES, TORRES-MORAIS & RIBEIRO, 2005). Ainda, observa-se que este fato influenciou no desaparecimento, na língua falada, dos grupos de clíticos: *mo, to, lho, lha, no-lo, se-lhe, etc.* Galves e Abaurre (1996, p.90) notam que a quantidade de clíticos de 3ª pessoa no corpus brasileiro é muito menor que no europeu, confirmando esses fatores expostos acima. E concluem:

> (...) a menor frequência de uma construção pode ser devida ao fato de ser tal construção não mais um produto da gramática do falante (sua língua-I), mas um vestígio de estágios anteriores da língua. É o caso dos clíticos de terceira pessoa, que os seguintes fatos, além de sua raridade nos corpora, evidenciam como fóssil:
>
> - são totalmente ausentes da fala de crianças em idade pré-escolar (Duarte, 1989), o que aponta para sua aprendizagem tardia.

- na língua dos adultos escolarizados, aparecem nitidamente como uma escolha estilística. No corpus do projeto NURC usado por Abaurre e Galves, que totaliza quinze entrevistas, uma só locutora é responsável por metade das ocorrências.

- é fortemente favorecido pela forma infinitiva do verbo, que também condiciona a posição rara do clítico, a ênclise. No PE, todos os clíticos apresentam a mesma distribuição.

- em próclise, obedece a uma regra de colocação distinta da dos outros clíticos (ele tem que se adjungir ao auxiliar, quando os outros se adjungem ao verbo temático).

- os grupos clíticos formados de um clítico dativo e um clítico acusativo de terceira pessoa *mo, to, lho, no-lo, vo-lo,* são totalmente ausentes da fala dos locutores do PB.

Todos os fatos arrolados acima constituem evidências de que o PB e o PE correspondem a duas Línguas – I diferentes.

A ausência dos objetos clíticos de terceira pessoa é, inclusive, um aspecto importante do PB falado. Diversos estudos[31] já atestaram que a perda deste pronome é praticamente terminante na língua oral, independente da escolaridade, faixa etária ou sexo do falante. Contudo, Monteiro (1994, *apud* MORITO MACHADO, 2007) atesta que os alomorfes dos clíticos acusativos de 3ª pessoa ainda são muito utilizados, pois se tratando de texto escrito, pode-se dizer que os pronomes *o, a (s)*, após infinitivo verbal, são a estratégia preferencial dos estudantes para os contextos de ênclise. Sendo assim, é possível concluir que a escola busca implementar não só o clítico acusativo de terceira pessoa, mas também este na posição enclítica.

Existem três estratégias para a substituição dos clíticos: uso pronome nulo anafórico no lugar do clítico (65a e b); a retomada do próprio sintagma nominal (66a e b); e o uso do pronome tônico (67a e b). Neste último caso, o uso da preposição evita que o pronome seja usado na posição de objeto direto, pois esta ocorrência, muito comum na língua falada, é altamente estigmatizada na escrita. No entanto, como se pode verificar na tabela 2.12 de Cyrino (1990, *apud*

[31] Cf. Omena (1978), quanto ao Rio de Janeiro, Duarte (1986 e 1989), quanto a São Paulo e Malvar (1996) quanto ao Distrito Federal, todos os textos *apud* Freire (2000).

ALVES, 1993, p.390) esse tipo de preenchimento tornou-se altamente produtivo no século XX.

(65a) O rapaz acordou uma a uma **–** (PB) (as ovelhas)
(65b) O rapaz acordou-**as** uma a uma (PE)

(66a) Então começaram a bater no rapaz. Espancaram **o rapaz** ...(PB)
(66b) Então começaram a bater no rapaz. Espancaram-**no** ... (PE)

(67a) Vamos, pergunta a ela! (PB)
(68b) Vamos pergunte-lhe! (PE)
(GALVES, TORRES-MORAIS & RIBEIRO, 2005, p.153,154)

O apagamento das formas lexicais afeta também os clíticos dativos de terceira pessoa, que são simplesmente apagados (69a e b) ou substituídos por pronomes possessivos (70a e b):

(69a) Um certo amigo tinha **–** indicado a loja ... (PB)
(69b) Um certo amigo tinha-**lhe** indicado a loja... (PE)
(GALVES, TORRES-MORAIS & RIBEIRO, 2005, p.153)

(70a) ... a velha segurava **suas** mãos (PB)
(70b) ... a velha **lhe** segurava as mãos (PE)
(TORRES-MORAIS & RIBEIRO, 2005, p.30)

Quanto à relação entre o tipo de pronomes clítico e a sua colocação na sentença, Lobo (1992) observou que em posição inicial o pronome *se* aparece enclítico mais frequentemente do que *me*. Na mesma linha, Vieira (2004) atesta que, tanto em PE como em PB, o clítico acusativo de terceira pessoa aparece enclítico às locuções verbais com mais frequência que os outros. O que leva a autora a considerar que este pronome teria características sonoras “frágeis” que o desfavoreceriam dentro de um complexo verbal, por exemplo.

Além desse caso, observa-se que o *se reflexivo* e o *inerente* tendem a ficar adjacentes ao verbo principal tanto no PE (71) como no PB (72), ao tempo que o *se indeterminador* e o *apassivador* costuma aparecer ligado ao verbo auxiliar PE (73) e (74) e PB (75) e (76):

(71) vai encontrar**-se**
(72) vai **se** encontrar
(73) tinha**-se** falado do caso
(74) não **se** tinha falado do caso
(75) tinha **se** falado do caso
(76) não tinha **se** falado do caso

Ainda nesse âmbito, Morito Machado (2007), em seu estudo a partir de redações escolares de estudantes do Rio de Janeiro, verificou que principalmente o pronome *o/a(s)* favorece a ênclise, seguido de *lhe* e de *se*, uma vez que com o clítico acusativo de terceira pessoa a frequência é de 48%, *se indeterminador* 23% e *lhe* 20%. Já os pronomes de primeira e segunda pessoas desfavorecem a variante pós-verbal.

De acordo com Morito Machado (*op.cit.*), estes resultados confirmam o trabalho de Vieira, Nunes & Barboza (2004, *apud* MORITO MACHADO, 2007), que também estudaram os fenômeno em redações escolares, concluindo que o aprendizado da ênclise na escrita escolar começa pelos contextos menos comuns em relação ao seu uso na fala, como na utilização dos pronomes *o, a (s)* em estruturas acompanhadas de infinitivo verbal.

A esse respeito, Nunes (1993, p.217/218) apresenta duas tabelas adaptadas do trabalho de Corrêa (1991) que demonstram a relevância da escolaridade na manutenção dos clíticos acusativos de terceira pessoa em PB escrito:

Tabela 2.13: Objetos diretos anafóricos encontrados na fala.

Tipo de Objeto	Adultos analfab. %	Série %					Total %
		1ª / 2ª	3ª / 4ª	5ª / 6ª	7ª /8ª	Univers.	
Obj. Nulo	66,6	72,4	77,7	71,2	71,1	67,8	72,0
Pron. Tônico	25,6	24,1	8,6	19,1	20,1	7,1	18,2
NP Anafórico	7,6	3,4	13,6	7,4	7,6	14,2	8,3
Clíticos	-	-	-	2,1	0,9	10,7	1,3

Tabela 2.14: Objetos diretos anafóricos encontrados na escrita.

Tipo de Objeto	Série %					Total %
	1ª / 2ª	3ª / 4ª	5ª / 6ª	7ª /8ª	Univers.	
Obj. Nulo	57,5	65,6	52,3	53,5	9,5	51,4
Pron. Tônico	7,5	6,2	15,3	10,7	-	9,8
NP Anafórico	35,0	18,7	13,8	5,3	4,7	15,4
Clíticos	-	9,3	18,4	30,3	85,7	23,3

A tabela 2.13 mostra que os clíticos não ocorrem na fala dos adultos analfabetos e começam a surgir na fala dos alunos somente na quinta e sexta séries, em uma fase em que já concluiram o período de aquisição da linguagem. Além disso, o autor aponta que em uma das instâncias computadas dessa faixa etária há hipercorreção:

(77) para **o** identificá-**lo.**

Na tabela 2.14, o uso do clítico por alunos de quarta a oitava são referentes à 32 instâncias de uso correto. Além deles, Corrêa registrou oito casos de hipercorreção como em (77). Na escrita dos universitários, contudo, a autora não encontrou nenhum dado de hipercorreção.

Outros estudos, porém, sobre a escrita de universitários apontam para exemplos em que há o uso da ênclise em orações subordinadas, relativas e negativas, nas quais deveria ocorrer próclise. Este fator confirma as pesquisas

que demonstraram que tanto a ênclise como os clíticos acusativos e dativos de 3ª pessoa são adquiridos durante a educação formal. Desta maneira, a ênclise tem uma imagem de forma culta e correta de colocação dos clíticos. Vieira (2003, p.44) afirma que: "(...) embora se aprenda o Português, no Brasil, como língua materna, adquiri-se na escola, uma norma muito diferente da que é naturalmente aprendida, o que sugere uma espécie de situação de 'diglossia'".

Schei (*op. cit.)*, no entanto, faz uma observação interessante acerca do nível de formalidade do texto. Em seu levantamento dos estudos com o corpus do NURC, a autora verificou que, considerando os diversos tipos de pronome, a ênclise é mais comum nos DID e D2[32] dos que nas EF, portanto o nível de formalidade não estaria favorecendo a variante pós-verbal.

2.4.3. Contextos sintáticos para o estudo da colocação dos clíticos

Anteriormente, a questão da colocação dos pronomes clíticos foi abordada sob o viés de estudos diacrônicos acerca do tema. Nesta última parte desta subseção, abordarei o fenômeno em diferentes corpus de língua escrita e oral, a fim de traçar uma sequência para a realização da analise dos dados no capítulo 3.

Assim, primeiramente, apresentarei características particulares de alguns verbos que influenciam na colocação do clítico na sentença. Em seguida, abordarei os contextos relevantes quanto à colocação pronominal. Então, tratarei dos verbos simples e por fim dos grupos verbais.

2.4.3.1 Características Particulares

Como já mencionado, a ênclise não é somente favorecida por alguns pronomes, mas certos verbos colaboram com essa variante (cf. SCHEI, 2000 e

[32] Abreviações EF, DID e D2 foram utilizadas pelo projeto NURC para denominar três tipos de inquéritos: EF-elocução formal (palestras e aulas); DID - diálogo entre informante e documentador; D2 – diálogo entre dois informantes.

2003). Em português brasileiro há certas "formas cristalizadas" [33] que seriam verbos favorecedores da variante pós-verbal[34].

Em 1925, Mário de Andrade já havia observado este fato: "Nós brasileiros, geralmente antepomos o pronome ao verbo. Geralmente. Tem porém alguns verbos em que se formou como uma locução de pronome e verbo com este antes. Assim como o verbo sentar" (*apud* PINTO, 1990, p. 233,234). São exemplares dessa categoria: *casar-se, chamar-se, tornar-se*. No corpus compartilhado do projeto NURC, foram encontrados três exemplos em que o pronome está posposto ao verbo em uma frase subordinada, ou seja, em contexto favorecedor de próclise (cf. Schei, 2003).

Para confirmar a hipótese apresentada, Schei (*op. cit*) analisa dados do corpus PEUL[35]. Nas 15 ocorrências encontradas, as "formas cristalizadas", mais uma vez, apresentam maior ocorrência de ênclise (33%) do que os verbos com *se* reflexivo/pronominal (7%).

Vieira (2003, 2004), também analisou a questão da colocação pronominal a partir de corpora de três variantes para a língua falada: Corpus de Referências do Português Contemporâneo (CRPC)– para o português europeu; Panorama do Português Oral de Maputo (PPOM) – para o português moçambicano (doravante PM); o NURC, o PEUL e o Atlas Etnolinguístico dos Pescadores do Estado do Rio de Janeiro (APERJ) – para o português brasileiro. Para a modalidade escrita foram analisados editoriais e crônicas de jornais e revistas dos três países.

A autora verificou que a ênclise pode ocorrer na oralidade, porém não necessariamente de acordo com a norma prescritiva. Encontra-se ênclise com formas de futuro (78) e em contextos com "atratores" (79). Sendo assim, não se sustenta a suposição de que a ênclise no PB pertence esclusivamente à modalidade escrita.

---

[33] A denominação "formas cristalizadas" foi adotada por Pereira (1981), Schei (2003) aponta para o fato desta nomenclatura talvez não ser a mais adequada, uma vez que estes verbos não tornam a ênclise obrigatória, mas apenas a favorecem.

[34] Os estudos sobre este assunto não esclarecem se a ênclise com estes verbos é favorecida com todos os pronomes clíticos ou se apenas com *se*.

[35] PEUL – Programa de Estudos do Uso da Língua. Desta amostra constam gravações com informantes do Rio de Janeiro cuja escolaridade é menor que os do NURC.

(78) estudaria**-se** a questão ... (VIEIRA, 2004, p.198)

(79) o médico viu que trata**-se** de doença grave (VIEIRA, 2004, p.198)

Estudos sobre o assunto trabalham com a hipótese de hipercorreção nesses casos, ou seja, os falantes usam a ênclise para parecerem eruditos, mas erram ao usá-la em contextos de próclise ou mesóclise. Contudo, a autora observa que não são somente os falantes letrados, que possuem uma noção da norma prescritiva, que produzem esse tipo de enunciado. Em seu corpus, grande parte nas ocorrências de ênclise com verbo na 3ª pessoa do singular e se indeterminador e o apassivador foram realizadas por falantes analfabetos (80) e (81) (cf. VIEIRA, 2002 *apud* VIEIRA, 2004).

(80) aqui trata-**se** embarcação

(81) aqui encontra-**se** muito camarão (VIEIRA, 2004, p.198)

A autora aponta como possíveis explicações a eufonia, ou que a estrutura da ênclise com *se* poderia estar se gramaticalizando em uma estrutura específica de indeterminação, seguindo o raciocínio de estruturas "cristalizadas" proposto por Schei (*op. cit.).*

2.4.3.2 Estruturas com verbos simples

2.4.3.2.1. Contextos V1 e V>1[36]

Como dito anteriormente, em sentenças com verbo em posição V1, a ênclise é categórica em PE, enquanto em PB ela apresenta variação. A próclise com V1, por sua vez, é favorecida pelo imperativo (82 a e b), no qual os clíticos acusativos de terceira pessoa *o/a(s)* comportam-se diferentemente dos outros

[36] Considerarei contextos V>1 neste capítulo e no seguinte, as sentenças em que há algum elemento antecedendo o verbo, tais como SN Sujeito, sujeito pronominal, topicalização, uma oração, um advérbio ou uma conjunção coordenada.

clíticos – é possível encontrar a sequência inicial *me viu*, mas não *o viu*. Ademais, na variante brasileira, há uma preferência pela realização do sujeito pronominal, evitando o clítico em posição inicial (83a e b), o que ocorre para todas as formas de clíticos.

(82a) **Me** dê um décimo de suas ovelhas (PB)
(82b) Dá-**me** um décimo de tuas ovelhas (PE)
(TORRES-MORAIS & RIBEIRO, 2005, p.32)[37]

(83a) Ele **me** pede coisas e não me deixa dormir ... (PB)
(83b) Pede-**me** coisas e não me deixa dormir ... (PE)
(TORRES-MORAIS & RIBEIRO, 2005, p.33)

Com a ordem V1, o PB apresenta variação na colocação de acordo com o contexto em que aparecem: se estão em formas verbais simples ou duplas. Com as primeiras, a próclise ao verbo flexionado é padrão; com formas complexas, o pronome aparece proclítico à forma nominal do verbo. Sendo assim, em PE o pronome está sempre enclítico ao verbo principal, no PB há variação próclise/ênclise ao verbo principal.

Em contextos com algum elemento antecedendo o complexo verbo + clítico, em PE, a ênclise é categórica em orações afirmativas raíz (84a e b) a menos que o verbo esteja no escopo de alguma oração focalizada ou quantificada (caracterização destes tipos de quantificadores que geram próclise cf. MARTINS, 1992 e DUARTE,2003).

(84a) Ele **me** parece mais velho e mais sábio (PB)
(84b) Ele parece-**me** mais velho e mais sábio (PE)
(GALVES, TORRES-MORAIS & RIBEIRO, 2005, p.146)

[37] A maior parte dos exemplos dessa seção foram retirados do estudo de Torres-Morais & Ribeiro, já citado anteriormente, por haver em todo trabalho um interessante parelelo entre construções do PB e do PE.

No PB, a variação próclise/ênclise, nestes dois contextos, em que o verbo encontra-se em posição V1 ou possue antecedente, pode ser interpretada como efeito de gramáticas em competição, nos moldes de Kroch (2001). Apesar da ênclise ocorrer em variação com a próclise, ela não seria parte da gramática adquirida na fase de aquisição da língua materna, e, sim, integrante de uma outra gramática aprendida na escola, como atestam Corrêa (1991) e Kato (1994) (*apud* , TORRES-MORAIS & RIBEIRO, 2005).

Em orações iniciadas por conjunções coordenadas aditivas, adversativas ou alternativas, a forma pós-verbal é obrigatória no PE. Já no PB, apesar da variação, a próclise é a colocação normal (85 a e b). Em Portugal, no entanto, a próclise é evitada, inclusive, através o uso da mesóclise (86a e 86b).

(85a) – ... e **me levava** até as Pirâmides do Egito. (PB)
(85b) – ... e **levava-me** até às Pirâmides do Egito. (PE)

(86a) – O dinheiro permite que eu viva melhor, e **lhe devolverá** as suas ovelhas em pouco tempo. (PB)
(86b) – O que eu ganho permite-me viver melhor, e *devolver-te-á* as tuas ovelhas em pouco tempo. (PE)

(TORRES-MORAIS & RIBEIRO, 2005, p.31)

Na presença de advérbios de modo, tempo, lugar antecedendo o complexo verbo + clítico, a ênclise é categórica no PE. No PB predomina a próclise, apesar de não ser categórica.

(87a) Depois **me** ensinou belas coisas. (PB)
(87b) Depois ensinaste-**me** belas coisas. (PE)

(TORRES-MORAIS & RIBEIRO, 2005, p.32)

2.4.3.2.2 Sentenças reduzidas de infinitivo, gerúndio e particípio

Nas orações infinitivas*,* a próclise ao verbo principal continua sendo o padrão em PB (88 a e c). Em PE, o clítico pode estar enclítico ao verbo no infinitivo (principal) (88b)**,** ou adjungido ao verbo flexionado (auxiliar) (88d) – neste último caso, a escolha de ênclise segue a regra geral das orações finitas.

Como em outras línguas românicas, o alçamento do clítico ao verbo flexionado depende do tipo de verbo, mas não é obrigatória, como pode ser verificado nos seguintes exemplos do PE:

(88a) Entretanto, quero **lhe pedir** um favor. (PB)
(88b) Entretanto, quero **pedir-te** um favor. (PE)

(88c) E quando ela **foi me** mostrar o local exato. (PB)
(88d) E quando ela **me foi** mostrar o local exato. (PE)
(GALVES, TORRES-MORAIS & RIBEIRO, 2005, p.150)

No estudo de Galves, Torres-Morais & Ribeiro (2005), as orações preposicionadas apresentam diferença entre a colocação em PB e PE, pois há uma grande variação em ambas as variantes. Com as preposições *para* e *de* ,ocorre variação entre próclise e ênclise tanto em PE como em PB. Em PB, há variação com a preposição *a*, porém, a ênclise é particularmente favorecida neste contexto com os clíticos acusativos de terceira pessoa *o/a(s).* Já em PE, a ênclise com esta preposição é categórica. Nesse contexto, a variação também é uma questão de gramáticas em competição.

(89a) ... o único conselho que eu tenho <u>para</u> **lhe** dar ... (PB)
(89b) ... o único conselho que tenho <u>para</u> **te** dar ... (PE)

(90a) Começou <u>a</u> **lhe** contar as coisas. (PB)
(90b) Começou <u>a</u> contar-**lhe** as coisas. (PE)
(GALVES, TORRES-MORAIS & RIBEIRO, 2005, p.151,152)

Em relação à influência aos tipos de oração na colocação pronominal, Lobo (1992) observou que, quando o pronome é objeto de um gerúndio não preposicionado, a ênclise é favorecida, uma vez que ocorre em 69% dos casos. Contudo, a autora também observa que a maioria dos gerúndios aparece no início da frase, o que particularmente explicaria a maior frequência de ênclise.

2.4.3.3 Grupos Verbais

Voltando aos grupos verbais, Teyssier (2007 [1980]) em seu estudo já apontava que outro aspecto importante na diferença entre PE e PB é a colocação dos pronomes clíticos em sequências verbais. Nessa seção, portanto, apresentarei mais dados e exemplos que serão posteriormente relacionados com os dados retirados do corpus deste estudo.

Como visto anteriormente, a colocação dos clíticos em grupos verbais pode ser divida em quatro grupos. Nessa seção e no capítulo seguinte, adotarei a seguinte nomenclatura: 1. clítico anteposto ao grupo – cl V1 V2 (91); 2. o pronome entre os verbos, porém ligado ao V1 por hífen – V1-cl V2 (92); 3. o clítico entre os verbos, mas sem o hífen – V1 cl V2 (93); e por fim, o pronome enclítico a todo o grupo verbal – V1 V2 cl (94)

(91) suponho eu... claro que não **me** tenho dedicado aos problemas do ensino (PE oral, inq. 1378, *apud* VIEIRA, 2003)

(92) Dias Loureiro não queria regressar à estrada mas ao ver como candidato presidencial o homem que permitiu o bloqueio da ponte deve ter**-se** lembrado de Pedro Abrunhosa: “Não posso mais!” *(*PE escrito, Diário de Notícias, 28/05/2000, p.2*, apud* VIEIRA, 2003*)*

(93) mamãe não podia **me** acompanhar... então nem cheguei a ir (PB oral/NURC, inq 261, *apud* VIEIRA, 2003)

(94) porque posso dizer que é a partir do namoro que pode vir a manter-se um casamento rijo que dificilmente será – poderá divorciar-**se** (PM oral, inq AM23VRA, *apud* VIEIRA, 2003)

De acordo com Vieira (2003, 2004), tanto na variante lusitana como na moçambicana[38], a colocação preferida é a V1-cl V2 (92), de forma que a maioria dos casos apresentem ênclise ao verbo auxiliar. Há, ainda, ocorrências da variante 1. cl V1 V2 (91), influenciada pela presença do atrator no contexto anterior à locução verbal, quando o clítico em questão é o *se indeterminador* ou o *apassivador* e o segundo verbo está no particípio.

A colocação pós-verbal (94), por outro lado, apresenta variação entre PE e PM. Na variante europeia ela é privilegiada quando a segunda forma do verbo é infinitiva e os clíticos são os acusativos de terceira pessoa (*o/a(s)*) e o *se* reflexivo e o *inerente*. Já no PM oral, a variável extralinguística "faixa etária" mostra que com o passar do tempo os falantes utilizam cada vez mais a variante pré-verbal em detrimento da pós-verbal.

A colocação predominante, também nesse estudo, na variante brasileira, é a três. V1 cl V2 (93), ocorrendo em 90% dos casos. Contudo, diversamente do PE e do PM, como já falado anteriormente, o clítico parece estar proclítico ao V2 e não enclítico à V1, devido aos contextos de interposição de elementos no complexo verbal. Na verdade, as construções pós-verbais estão relacionadas ao fator escolaridade: quanto maior a instrução do informante maior a possibilidade de ocorrência desta variante. A variante quatro é ainda mais rara, surgindo apenas quando a segunda forma verbal está no infinitivo e com o clítico acusativo de 3ª pessoa.

Outros estudos que apresentam exemplos interessantes com grupos verbais são os de Torres-Morais & Ribeiro (2005) e Galves, Torres-Morais & Ribeiro (2005), a respeito da colocação pronominal no livro *O Alquimista* de

[38] Estamos fazendo referência apenas à variante moçambicana em detrimento das outras variantes de português encontradas na África, pois essa foi a variante utilizada pela autora da obra referida neste trabalho.

Paulo Coelho (1988), cuja versão original e sua versão “adaptada” em Portugal serviram de base a um estudo comparativo.

Apesar da preferência do PB pela variante pré-verbal em contextos nos quais a variante pós-verbal é categórica em PE, o autor apresenta uma variação entre ênclise e próclise. Essa variação na colocação dos clíticos se mantém, inclusive, na presença de pronome pessoal ou demonstrativo neutro quando exercem a função de sujeito sintático.

(95a) Os cavalos vão **se cansando** aos poucos. (PB)
(95b) Os cavalos **vão-se** cansando aos poucos. (PE)
(TORRES-MORAIS & RIBEIRO, 2005, p.38)

2.4.3.3.1 Grupos com verbo auxiliar, de controle, causativo e perceptivo.

Galves, Torres-Morais & Ribeiro (2005) analisam, dentro dos grupos verbais, o par *auxiliar* + *particípio*. A príncipio, neste caso, a diferença parece estar relacionada à presença ou ausência de hífen. Em PB, a falta do hífen mostra que o clítico está proclítico ao verbo principal no particípio, enquanto em PE o pronome encontra-se enclítico ao verbo auxiliar. Esta é outra inovação da variante brasileira, pois o português europeu não permite que o clítico se ligue a particípios.

(96a) E tinham **se entendido** perfeitamente (PB)
(96b) E **tinham-se** entendido perfeitamente (PE)
(GALVES, TORRES-MORAIS & RIBEIRO, 2005, p.148)

Em presença de conjunções subordinadas como, *onde, cada vez mais*, entre outras, não há variação na colocação dos clíticos em PB, o pronome continua ligado ao verbo temático, independentemente do que ocorre na periferia esquerda da oração (cf. GALVES e ABAURRE, 1996). No entanto, em PE, os clíticos passam a apresentar próclise ao verbo auxiliar:

(97a) Como tinha ***se*** comportado de maneira correta ... (PB)

(97b) Como **se** tinha comportado de maneira correta ... (PE)

(TORRES-MORAIS & RIBEIRO, 2005, p.39)

Outro grupo verbal levado em consideração é o que apresenta *verbos de controle*, com significação modal ou aspectual, constituído por predicados epistêmicos, volitivos e conativos, como *querer, desejar, prometer, poder, dever*. Tais verbos permitem a subida do clítico, podendo estar tanto proclítico quanto enclítico ao verbo principal. Dessa forma, o clítico se move da sua posição argumental para uma posição mais alta na estrutura frasal para ser licenciado, uma vez que não encontra tais codições dentro da completiva. Segundo Torres-Morais & Ribeiro (2005, p.41): "os verbos de alçamento do clítico estabelecem uma dependência semântica em relação ao verbo da completiva que não se manifesta nos casos em que não ocorre o movimento". Daí em PE ocorrer ênclise ao verbo principal não finito e em PB haver próclise ao verbo principal – outra inovação desta variante:

(98a) ... e prometiam **me ensinar** os segredos da Arte. (PB)

(98b) ... e prometiam **ensinar-me** os segredos da Arte. (PE)

Apesar de fazerem parte deste subitem de grupos verbais, os *verbos causativos* (*mandar, fazer, deixar*) e *perceptivos* (*ver, ouvir, sentir*), fazem parte das orações substantivas objetivas diretas, de acordo com a gramática tradicional. As orações completivas que estes verbos selecionam são construídas com verbos no infinitivo flexionado e não-flexionado, diferentemente dos verbos de controle em que o sujeito da completiva deve ser realizado:

(99a) O policial quer [PRO][39] multar o ciclista

(99b) O policial viu [PRO] fugir

(99c) O policial viu [o ciclista fugir]

(99d) O policial viu ele fugir (PB coloquial)

Constata-se, ainda, que essa inovadora construção do PB coloquial é bastante estigmatizada na variante escrita.

No PE, portanto o pronome pode ocorrer enclítico ou proclítico ao verbo da oração principal dependendo da presença ou não de operador de próclise. Já no PB, o pronome aparece proclítico ao verbo da oração principal. Torres – Morais & Ribeiro (2005, p.44) observam: "O interessante é que, tanto a ênclise lusitana, quanto a próclise brasileira com verbos perceptivos ou causativos, configuram o fenômeno da subida dos clíticos".

(100a) As sentinelas **o deixaram** passar (PB)

(100b) As sentinelas **deixaram-no** passar (PE)

(101a) As pessoas **me viam** chegar e me recebiam bem (PB)

(101b) As pessoas **viam-me** chegar e recebiam-me bem. (PE)

(TORRES-MORAIS & RIBEIRO, 2005, p.44)

As gramáticas normativas, no entanto, afirmam que devem ser repeitados alguns princípios gerais em relação às locuções verbais, ignorando as questões

---

[39] PRO é uma categoria pronominal nula fonologicamente, gerada como sujeito de frases infinitivas completivas ou adjuntos. Nestes contextos sua interpretação é controlada pelo sujeito ou complementos da sentença principal. PRO pode também ser sujeito de subordinadas subjetivas:

(i) O José decidiu [PRO abandonar esta idéia]
(ii) O José abandonou esta idéia [para PRO economizar grana]
(iii) [PRO abandonar esta idéia] ajudaria o José

PRO também pode ter uma interpretação arbitrária:

PRO é proibido fumar

apresentadas acima e desconsiderando os diferentes tipos de verbos presentes nos grupos verbais:

Nas locuções do tipo auxiliar + infinitivo, o pronome pode estar tanto proclítico (102) quanto enclítico (103) ao verbo auxiliar, ou posposto ao verbo principal (104), sempre ligado ao verbo por hífen nos casos pós-verbais. Ainda, o pronome pode ocorrer posposto ou anteposto ao verbo quando o infinitivo surge acompanhado de preposição (105a e b).

(102) Eu **lhe** quero falar.

(103) Eu quero-**lhe** falar.

(104) Eu quero falar-**lhe**. (BECHARA, 2002[1999], p.590)

(105a) Jamais deixei *de* ajudar-**te**.
(105b) Jamais deixei *de* **te** ajudar. (ROCHA LIMA, 1962, p.480)

Nas locuções verbais com gerúndio, observam-se: ênclise ou próclise ao auxiliar (106a) (106b) e ênclise ao gerúndio (106c):

(106a) As visitas foram-**se** retirando.
(106b) As visitas **se** foram retirando.
(106c) As visitas foram retirando-**se.** (ROCHA LIMA, 1962, p.480)

Quanto às locuções com particípio, o pronome pode estar enclítico ou proclítico ao auxiliar (107a) (107b):

(107a) Os alunos tinham-**se** levantado.
(107b) Os alunos **se** tinham levantado. (ROCHA LIMA, 1962, p.481)

2.5 Propostas teóricas recentes para a abordagem da colocação dos clíticos.

Nesta seção, pretendo traçar um panorama de abordagens que alguns linguistas gerativistas têm apresentado para tratar a questão da colocação dos clíticos em PE e PB. Como já mencionado, o PE se diferencia de outras línguas românicas, entre elas o francês, espanhol e o italiano, e do PB, por apresentar a ênclise categórica no contexto dos verbos finitos, na ausência de elementos proclisadors pré-verbais.

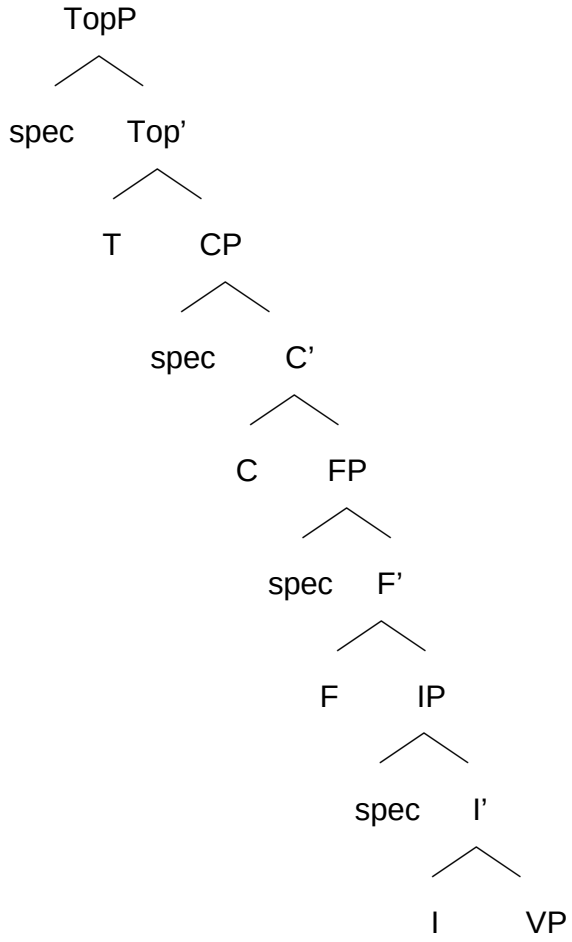
De acordo com o Programa Minimalista de Chomsky (1995), a variação linguística pode ser consequência da variação morfológica refletida na sintaxe. Dentro desta perspectiva, diversos autores, entre eles, Raposo (2000), Barbosa (1996, 2000) e Duarte & Matos (2000) assumem que a distribuição dos clíticos talvez não possa ser explicada apenas pela morfologia: os fatores de natureza sintática também são relevantes. Em particular, destacam-se os fatores relacionados ao movimento dos clíticos, as restrições deste movimentos em relação ao movimento dos verbos, para o diferentes núcleos funcionais que se projetam na estrutura frasal.

2.5.1 O português europeu

Na década de 90, diversos autores tentaram solucionar a questão de se os clíticos deveriam ser colocados em uma categoria funcional que se situasse numa posição frasal entre os núcleos C e I. Esta categoria foi proposta principalmente para dar conta dos fatos da ênclise no PE.

Desta forma, Raposo (2000), seguido de Costa e Martins (2003, *apud* GALVES, TORRES-MORAIS & RIBEIRO, 2005), baseando-se nos estudos de Uriagereka (1995b), propõe um núcleo funcional F (Foco) , projetado entre Infl e C, como representado na estrutura (A):

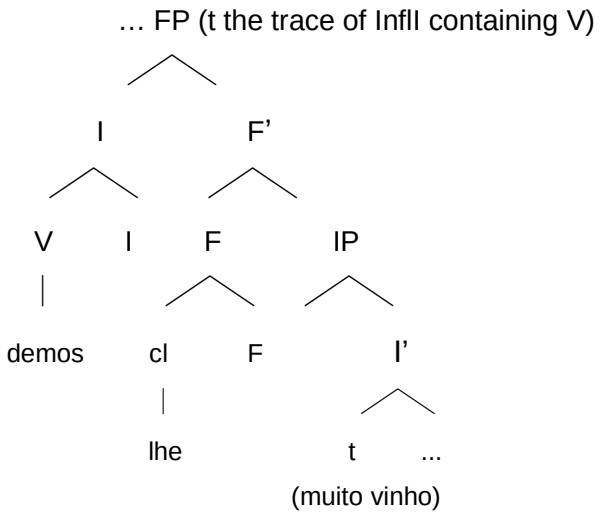
(A)



Na representação (A) há uma posição periférica para sujeitos e elementos deslocados à esquerda, chamados de tópicos, acima de CP. Para Raposo, esta projeção de tópico encontra-se na projeção funcional mais alta, cujo Spec é a posição para os elementos em questão. Para a questão da ênclise e da próclise, o autor sugere a ocorrência do seguinte: quando [Spec, F] é preenchido por um operador ocorre próclise, enquanto quando [Spec, F] está vazio ocorre ênclise. Para Raposo, portanto, [Spec, F] está sempre preenchido em Português Europeu (PE), tanto quando há próclise ou ênclise, uma vez que ou ele é preenchido pelo clítico ou por um operador de próclise.

A ênclise seria o resultado da movimentação do verbo através do clítico para o especificador de F, como em (B):

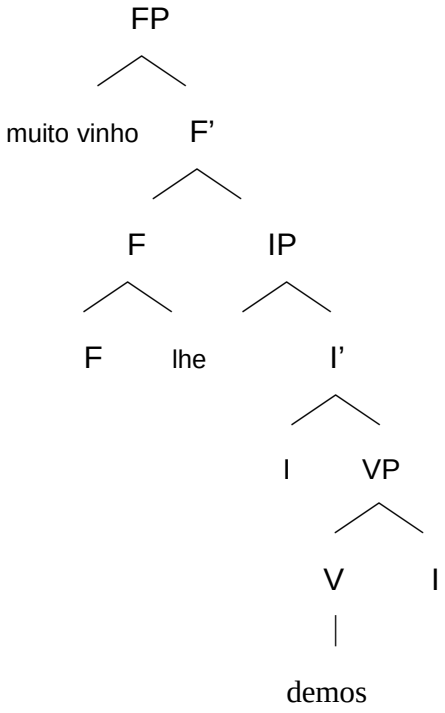
(B)



O autor argumenta que quando a ênclise é selecionada e o sintagma encontra-se à esquerda do verbo, isso acontece porque o sintagma não está em uma posição que poderá abrigar F. Esse fato ocorre com NP fronteados, sintagmas preposicionados e advérbios. Com sujeitos preverbais, no entanto, a situação requer outra análise, uma vez que de acordo com Barbosa (1991, 1993, *apud* RAPOSO, 2000), esses sujeitos ocupam uma posição periférica em PE – spec/TOP.

Na próclise, considerando os trabalhos de Uriagereka (1995b) e de Martins (1994), o verbo está em Infl e nunca em F, somente quando ocorre ênclise o verbo é alçado para F:

(C)



Em outra abordagem acerca do PE contemporâneo, Duarte e Matos (2000), apresentam os chamados clíticos argumentais e não argumentais encontrados em outras Línguas de Objeto Nulo. Como é possível perceber através do contraste apresentado nas sentenças (108) e (109). Os clíticos não-argumentais obedecem às mesmas condições de localização de clíticos argumentais, sendo a ênclise o padrão básico de frases com ou sem tempo verbal. E a próclise é obtida através do c-comando[40] do operador:

(108) a. Nós rimo-**nos** da Maria.
b. O gelado derreteu-**se** (com o calor).
c. Estes livros vendem-**se** bem.

[40] A definição clássica de c-comando é:

α c- comanda β se e somente se:

(i) α não domina β e β não domina α;
(ii) cada nódulo ramificante de γ que domina α também domina β

Esta é uma noção fundamental para explicar de várias relações entre os constituintes, incluindo as que dizem respeito à distribuição de pronomes e anáforas

d. Venderam-**se** ontem 100 cópias do artigo dela.

e. Diz- **se** que o parido do governo vai perder as eleições.

(109) a. Todos nós **nos** rimos da Maria.

b. O gelado não **se** derreteu (com o calor)

c. Estes livros também **se** vendem bem.

d. Sei que **se** venderam ontem 100 cópias do artigo dela.

e. Raras vezes **se** diz que o partido do governo vai perder as eleições.

Sendo assim, percebe-se que o PE tem um comportamento diverso de outras Línguas Românicas, bem como o PB, em relação ao posicionamento dos clíticos. As autoras argumentam que em PE, os clíticos podem ser considerados elementos similares a afixos que são gerados diretamente abaixo de um núcleo ou são núcleos de DPs gerados como argumentos de algum verbo e depois movidos para V ou para alguma projeção funcional focado pelo verbo.

Este comportamento especial dos clíticos em PE foi explicado por diversos autores através da presença ou força de projeções funcionais a cima do Sistema I (cf. Madeira 1992; Rouveret 1992; Martins 1994; Uriagereka 1995), como já foi colocado anteriormente.

A próclise, portanto, pode ser o resultado de duas configurações distintas. Em uma, o WP não é projetado – este é o caso das interrogativas Qu com V/2, e em sentenças com orações focadas em Spec de F(oco)P, em que a próclise deriva de uma adjunção à esquerda do clítico ao V em AgrS e de alçamento posterior do complexo clítico-V à C ou F.

No caso (110), o clítico e o verbo são dois núcleos funcionais diferentes (W e AgrS, respectivamente), portanto cliticização é um processo PF.

(110) a. Afirmo [CP [C que] [WP ele [W *o*] [AgrSP leu...]]].

say-I sing that he CL-accus-3singmasc reas-PAST-3sing

'I say that he read it.'

b. [CP Que livro [WP o João [W *lhe*] [AgrSP ofereceu ...]]]?
which book the João CL-dat-3sing gave-3sing?
'Which book did João give him/her?'

c. [Se [WP a memória [W me] não falha, ...]]]
if the memory CL-dat-I sing not betrays ...
'If memory does not betray me …'

A ênclise em PE contemporâneo seria o resultado de alçamento de V a um núcleo externo à AgrSP, deixando o clítico preso em AgrS. Desta forma, os pronomes enclíticos são apenas clíticos fonológicos, uma vez que nem no Spell-Out nem em LF eles ocorrem no mesmo núcleo funcional do verbo.

2.5.2 Uma proposta teórica para a colocação pronominal em português brasileiro

A príncípio, em português medieval, a ênclise surgia apenas quando se corria o risco de violação da lei *Tobler Mussafia*[41]

Em seu estudo, Galves, Britto e Paixão de Sousa (2005, p.51) propõem que há duas derivações possíveis para a ênclise. Em português clássico, a ênclise se dava somente em estruturas em que o verbo estava na primeira posição no CP, sendo a próclise a outra opção nos demais contextos:

(111) # [V → V cl
[XV → X cl V

Para que essa análise também seja possível em estruturas XV, X deve ser sempre um adjunto, que se encontra interno à oração, podendo ser, um NP fronteado ou um sintagma preposicionado ou um advérbio. Daí temos:

[41] Essa lei garante que o clítico não pode der o primeiro constituinte de um sintagma. Nas línguas em que essa lei opera, próclise é a posição default e a ênclise ocorre apenas em estruturas iniciadas por verbo.

(112) X # [V → X V cl

(113) # [XV → X cl V

Barbosa (1996, 2000, *apud* GALVES, BRITTO & PAIXÃO de SOUSA, 2005) propõe que os sujeitos pré-verbais[42]. sejam analisados como adjuntos Sendo assim, em estruturas SV, a ênclise é a colocação padrão em PE, como atestam diversos estudos (cf. DUARTE E MATTOS, 2000; GALVES, 1992, 2000; RAPOSO, 2000)

As autoras propõem que em PE a ênclise não está somente condicionada a V1, mas está relacionada à seguinte restrição em nível morfológico: "O clítico não pode ser o primeiro elemento da primeira oração X-barra" (p.52), portanto toda vez que I-barra é a primeira X-barra, ocorre ênclise:

(114) [CP [IP [I V cl

Como essa restrição é aplicada em nível X-barra, a presença do sujeito em *spec* de IP é irrelevante, sendo assim, a ênclise é produzida:

(115) [CP [IP *sujeito* [I V cl

A próclise ocorre quando há uma projeção X-barra mais alta, com a presença dos operadores de próclise, como nas subordinadas, que requerem a projeção de uma categoria mais alta que Infl, aqui representada por Σ:

(116) [CP *XP* [C [IP [I cl V
[CP [*que* [IP [I cl V
[CP [Σ XP [IP [I cl V

[42] Barbosa (2000) concorda com a observação de Raposo (2000), de que a sintaxe dos sujeitos e dos clíticos estão relacionadas. Para Barbosa os sujeitos em Português nunca se encontram em Spec, IP. Na verdade, eles seriam deslocados à esquerda, sendo adjungidos ao CP. Daí a autora sugere que a cliticização está relacionada ao Parâmetro do Objeto Nulo, quando Spec, IP é ocupado por *pro* o clítico tem que seguir o verbo.

A ênclise em português clássico e no português europeu atual deriva de condições distintas. Como demonstrado acima, em PC o domínio é o primeiro XP, em que a ênclise pode aparecer somente com adjuntos e sujeitos topicalizados. Em PE, no entanto, o domínio é o primeiro X-barra, no qual a ênclise pode surgir apenas com sujeitos sem adjuntos:

(117) PC S # [V → S V cl
PE # [S V → S V cl

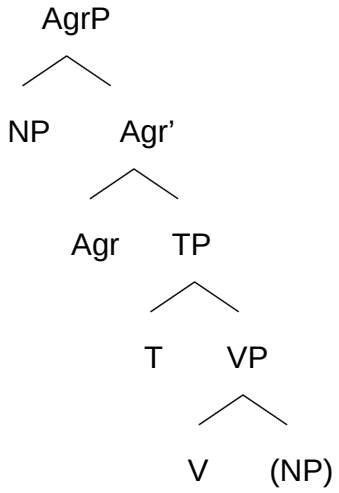
Já no século XVIII há um aumento significativo de ênclise com verbos em posição V3, levando a um novo padrão de organização dos constituintes XSV. Esse fator confirma que o aumento do uso da ênclise fora acompanhado por uma mudança na posição do sujeito.

Essas evidências reinforçam que o PB não evoluiu a partir do PE, pois a mudança gramatical que levou ao PE atual foi verificada nos autores da primeira metade do século XVIII. Para que essa mudança ocorresse no Brasil, ela deveria ter sido trazida pelos emigrantes portugueses e daí seguir-se a mudança na direção oposta ao que ocorreu em Portugal. Portanto, a conclusão plausível é a de que tanto o português europeu como o brasileiro evoluiram independentemente do português clássico.

Para explicar como funciona a colocação no português brasileiro, Galves (1991, *apud* 1993, p.395) considera o elemento de concordância da flexão do PB como “fraco”: “(...) definindo essa noção da seguinte maneira; é fraca a concordância que não contém pessoa, ou contém pessoa como um traço puramente sintático.” Esse tipo de concordância, já foi atestada em textos da segunda metade do século XIX no Brasil.

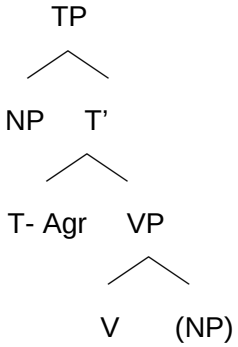
A flexão (IP) pode ser dividida em dois componentes: Tempo (T) e Concordância (Agr):

(D)



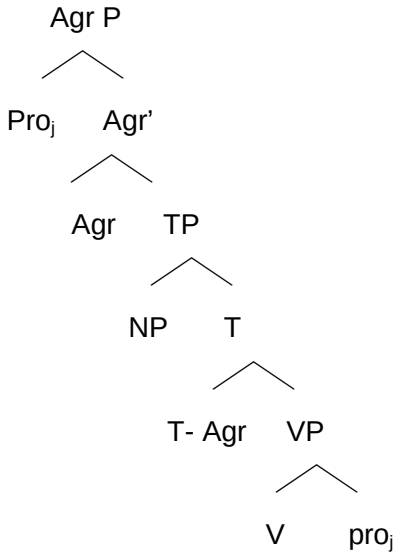
A autora argumenta que um componente de concordância 'fraco' é gerado como um simples afixo de T, logo no início da derivação, abaixo da flexão:

(E)



Em uma língua cuja concordância é forte o sujeito recebe caso nominativo na posição de especificador de Agr. Quando a concordância é fraca, há uma dissociação entre o morfema Agr e o núcleo Agr e a posição Comp torna-se de difícil acesso para o verbo, uma vez que um núcleo se coloca entre a posição normal do verbo (Tempo) e Comp. Esses fatores levam a língua à tendência Sujeito-Verbo, fator verificado a partir do século XIX. Assim, o objeto nulo, fenômeno característico do PB, é legitimizado pelo núcleo de Agr (cf. GALVES, 1991). E através dessas considerações é possível relacionar o surgimento do pronome objeto nulo à fraqueza da concordância.

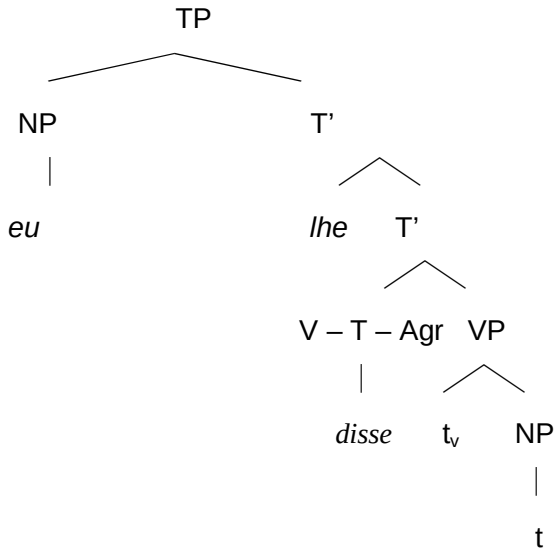
(F)



A questão dos clíticos está intimamente relacionada à do objeto nulo em PB. Os clíticos são pronomes cuja caracterização lexical é serem núcleos, e não sintagmas, que se movem para a flexão no momento da derivação sintática, o que implica uma concordância forte.

Alguns clíticos, como mencionado anteriormente, mesmo com um uso diminuto, sobreviveram em PB, portanto, por poderem ser reinterpretados como pronomes plenos e não mais como núcleos, movendo-se para Agr. A seguir a posição do clítico com um só verbo:

(G)



Segundo Galves, Torres-Morais e Ribeiro (2005, p.164), contudo, os clíticos acusativos de terceira pessoa, por serem adquiridos tardiamente na escola, tendem a seguir o padrão europeu, ou seja, juntam-se à Infl. As autoras consideram, portanto, a frase (118b), mais natural que (118a), contrastando com dados como (119), (120) e (121) (p.148/149), pois os clíticos de primeira, segunda pessoa e o reflexivo parecem não apresentar o mesmo padrão:

(118) a. *? Não tinha **o** visto.
b. Não **o** tinha visto.

(119) a. E você está **me** guiando em silêncio ... (PB)
b. O senhor está-**me** a guiar em silêncio ... (PE)

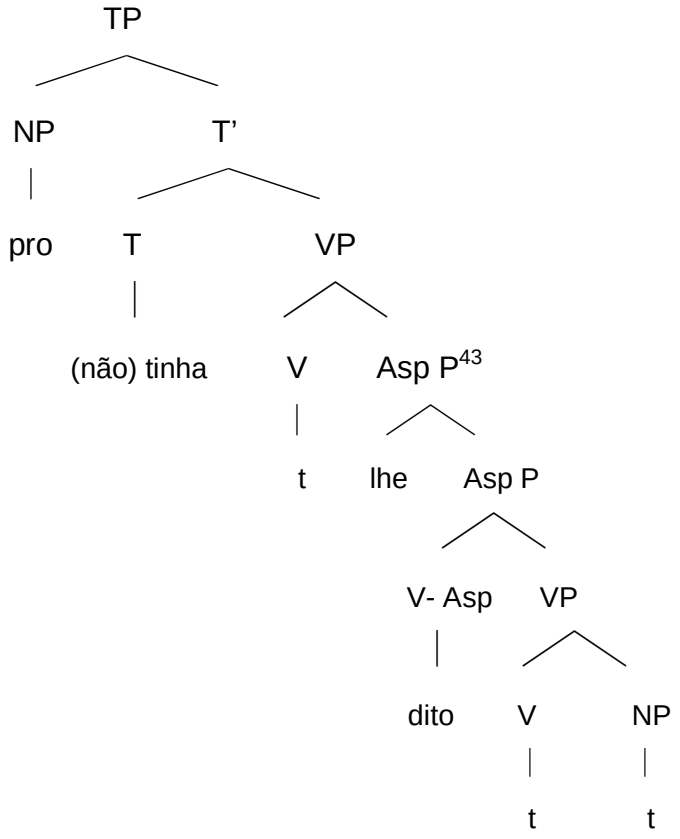
(120) a. Como tinha **se** comportado de maneira correta ... (PB)
b. Como **se** tinha comportado de maneira correcta ... (PE)

(121) a. e da praça onde haviam **se** encontrado um dia; (PB)
b. e da praça onde **se** tinham encontrado um dia;

A posição preverbal dos clíticos no português brasileiro moderno, portanto, não se encontra na mesma estrutura do português clássico, apesar de ambas variantes serem essencialmente proclíticas. Como foi possível observar, as construções com locuções verbais reinteram essa afirmação.

No português clássico, o clítico juntava-se à forma flexionada do verbo, ou seja, é um elemento ligado à Agr. Em PB, o clítico é gerado sempre com o verbo principal, na posição de adjunção à categoria funcional, como ilustrado a seguir:

(H)



Os clíticos em PB, portanto, não são alçados até Infl, mas ligam-se ao V. Para Galves, Torres-Morais & Ribeiro (2005), esses fatores apontam para uma evidência de que a colocação dos clíticos não seria governada apenas pela sintaxe, mas pela morfologia, uma vez que os clíticos apresentam comportamento de afixos, (p.165): "Assumimos que os clíticos não são elementos sintaticamente autonomos, mas a consequência morfológica de traços funcionais, como qualquer outro afixo".

Seguiremos para análise do corpus, tendo em mente todas as questões levantadas nesse capítulo.

[43] Asp P aqui é o sintagma aspectual complemento do verbo auxiliar ter.

3 ANÁLISE DOS DADOS

3.1 Introdução

Neste capítulo, serão analisados contrastivamente os exemplos de colocação dos clíticos encontrados no jornal de imprensa negra *O Patrocínio* e os da imprensa de circulação mais ampla a *Gazeta de Piracicaba.*

Tal contraponto será apresentado a fim de verificar a hipótese de que nos jornais de imprensa negra poderia haver um distanciamento maior da norma culta, baseada na língua lusitana, trazendo, assim, características mais próximas do português vernacular do período. Acredita-se que a imprensa majoritária, por ser considerada fruto de indivíduos que possuíam maior escolaridade na época, representaria o padrão considerado culto da língua.

A análise linguística será pautada nos trabalhos apresentados no capítulo anterior. Para o detalhamento da ordem dos pronomes clíticos, as informações foram divididas nos diversos aspectos e contextos analisados por outros estudos linguísticos do tema. Contudo, os dados com verbos simples em que havia operadores de próclise foram desconsiderados[44], uma vez que tais contextos não apresentam variação por esses atratores tornarem a próclise obrigatória em ambas as variantes. Nos exemplos com grupos verbais, porém, como há variação em relação à presença destes elementos proclisadores, as sentenças com atratores foram consideradas.

Dos nove exemplares de *O Patrocínio*, foram computados 394 dados em que há a ocorrência de clíticos nos contextos abordados no capítulo anterior. Para esse estudo, foram selecionados nove exemplares da Gazeta *de Piracicaba*, entre os muitos disponíveis no *IHPG – Instituto Histórico e Geográfico de Piracicaba*. Foram escolhidos exemplares com datas semelhantes as dos nove números do jornal de imprensa negra. Na *Gazeta de Piracicaba* há 312 ocorrências de clíticos nas condições expostas.

[44] Foram descartados também os poucos dados em que ocorria mesóclise, pois essa colocação não pertence propriamente ao fenômeno de cliticização, uma vez que nesses casos o clítico de comporta mais como um afixo.

3.2 Características particulares da linguagem de cada periódico

Antes de entrar propriamente na análise da colocação dos pronomes clíticos, abordarei alguns aspectos dos dois periódicos que já revelam o uso do característico do PB em seus textos, tais como o uso informal das formas de *você* e *a gente*, e a presença ou ausência de hífen junto ao pronome enclítico.

Foram encontradas no corpus de *O Patrocínio* 38 ocorrências do pronome *você (s).* Dessas, 29 (76%) encontram-se em uma seção específica do jornal denominada *Machadadas* – coluna diferenciada por ser extremamente coloquial e apresentar diversos traços, possivelmente característicos do vernáculo da época. Tais textos – bastante semelhantes à coluna do jornalista José Simão, do jornal *A Folha de São Paulo* – fazem comentários sobre a postura de algumas figuras da cidade, retratando-as como personagens de tiras humorísticas.

Veja a seguir um exemplo do texto em questão, retirado de *O Patrocínio* de 28/9/1929, no qual há oito ocorrências do pronome você:

Machadadas

Nezio, parece-me que desta vez sahe alguma cousa; olhe que estou com vontade de comer doces.

***

Chiquinha, voce pensou que o jogo era só para voce? Não menina, era para todos que estavam lá.

***

Nena quando viu que o 28 estava ganhando, só gritava o nome de Izaias. Esqueceu, entetanto que elle não é jogador.

***

Ormindo quando viu a M. no campo, jogou que não foi brincadeira.

***

O que eu vejo é que Cida vae no campo para torcer «pra» Luiz Dias e não para o 28.

***

Tenha paciencia, Cilla! o Xingo logo estará aqui.

***

Ouvi dizer que o Zeca 4 pedrinhas, arranjou um «bond» na villa; é por isso que elle anda fora da cidade.

***

O Vanim e o Zeca Cardoso estavam no jardim muito aborrecidos. Creio que era por causa de duas moreninhas que moram na rua Regente Feijó.

***

Dizem que o Nezio vae tratar dos dentes no alfaiate. Não pregue-a-cara Nezio!

***

O Bidu está substituindo o Rodolpho Valentão; e por causa delle P. P. está querendo se pegar com M...nha.

***

Olhe seu Pedro Isca! as meninas andam dizendo que voce é John Gilbert com os cabellos repartidos no meio da créca.

***

Dictão, quando é que voce larga de fallar daquella menina da rua do Porto; pelo que vejo voce tem dois corações.

***

A Malvininha anda querendo bancar Josephine Baker. Não adianta, menina!

***

Prado, trate de cavar outro, que desta vez voce fica sem o seu amor velho.

***

Arre! que voces estão deixando de tomar quentão. São quatro meninas que não se largam D. C. M. N.

***

Luiz, que «bond» é aquelle seu com a menina lá do bairro; voce não sabe que ella é filha do Trovão?

B. A.

Foi possível, além disso, verificar no corpus de *O Patrocínio* a presença da forma nominal *a gente* sendo usada em detrimento do pronome *nós* em nove ocorrências, encontradas aleatoriamente em seis dos nove periódicos analisados, como no poema abaixo, extraído do exemplar do dia 20/10/1929:

ESTA MENINA PINTA

A B. P.

E' assim mesmo;
Cada um da seu quinhão
A gente lhe pede carinho
Ella responde que não.

Pedi-lhe uma gotta de amor
Para curar minha dor.
Foi peor, foi um horror
— Mechi com anjo peccador.

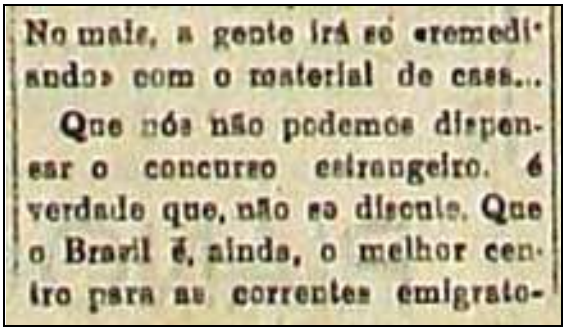
Para agradar a coitadinha
Mandei um presente catita
— Amarrou a linda carinha
E não quiz saber de fita.

Depois quando a gente grita
Que esta menina pinta
Dizem que é fazer intriga
De lapis, canneta e tinta.

14/9/29. V. P.

Na *Gazeta de Piracicaba*, não foi encontrada nenhuma ocorrência de *você*. Esse dado pode nos levar a supor que a maior ocorrência do *você* em *O Patrocínio,* somada a um maior número de pronomes de primeira e segunda pessoa, como veremos na seção seguinte, poderia indicar um caráter mais informal dos textos do periódico de imprensa negra, com uma presença maior do vernáculo do período.

Há na *Gazeta*, no entanto, cinco ocorrências de *a gente* em todo o corpus como no final do primero parágrafo do trecho a seguir, retirado de um artigo entitulado “Correntes emigratórias”, do exemplar do dia 20/8/1930:


No mais, a gente irá se «remedi-
ando» com o material de casa...
Que nós não podemos dispen-
sar o concurso estrangeiro. é
verdade que, não se discute. Que
o Brasil é, ainda, o melhor cen-
tro para as correntes emigrato-

Outro fator interessante no corpus analisado é o uso do hífen, que não segue um padrão em ambos os periódicos. Apesar da regra padrão regulamentar o uso do mesmo, quando o clítico se encontra enclítico ao verbo, tanto em *O Patrocínio* quanto na *Gazeta de Piracicaba*, em muitos casos, o pronome não vem acompanhado de hífen. Além disso, para caracterizar a falta de um padrão claro, na *Gazeta de Piracicaba*, em muitas ocorrências, o hífen é substituído por apóstrofo, como no exemplo (01) a seguir, no qual a marca gráfica também é usada como acento agudo:

(01) E' assim que meia hora depois, caso não haja numero na primeira assembleia, eleger'**se**'ão, como já o dissemos os novos directores. (Gaz. – 23/3/1930, p.4)[45]

(02) Mais barato e ... melhor, deve'**se** accrescentar, não só pelo capricho com que foram feitas as compras, como por se tratar de sortimento recentemente feito. (Gaz. 23/3/1930, p.2)

Em *O Patrocínio*, de 235 dados com ênclise em sentenças com apenas um verbo, 163 (69%) estão com hífen e 72 (31%) sem. Na *Gazeta de Piracicaba*, das 188 ocorrências com ênclise, um número menor está sem hífen 27 (14%) e 161 (86%) está acompanhado do mesmo.

[45] A referência obedecerá ao seguinte padrão: o jornal *O Patrocínio* será abreviado por *Pat.* e a *Gazeta de Piracicaba* por *Gaz.*, em seguida será apresentada a data e a página em que o item se encontra.

Em relação aos grupos verbais, no exemplar da imprensa negra, das 31 ocorrências com o clítico entre os dois verbos 11 (35%) está com hífen e 20 (65%) sem. No periódico de imprensa majoritária o resultado é praticamente o mesmo, em seis (40%) dos 15 dados há a marcação e em nove (60%) não. A falta do hífen ao verbo auxiliar, na maioria dos dados de ambos os jornais, revela que os mesmos já seguiam a tendência do PB atual – na locução verbal, o pronome está na realidade proclítico ao verbo principal, e não enclítico ao auxiliar como mencionado no capítulo anterior.

(03) ... em dado momento a linha azul e branco investe com firmeza contra a cidadella setembrina e Ary de posse da pelota atira á meta, indo esta cahir nas mãos de Miguel que segura mal, deixando**-a** cahir para ver então varada a sua cidadella.

(Pat. – 7/7/1929, p.4)

(04) Para se evitar a grippe e os resfriados, deve-**se** tomar de manhã e À noite um calice pequeno de Cognac de Alcatrão Xavier.

(Gaz. – 28/9/1929, p.2)

(05) — E' Alcides; quer **me** parecer que voce tem um pouco de razão.
— Tenho toda, moço. (Pat. – 22/4/1928, p.2)

(06) Por enquanto vamos **nos** contentando com as leis de esgottos e de construcções, ... (Gaz. – 13/5/1928, p.1)

É possível questionar se a presença ou ausência do hífen seria, realmente, uma evidência valida para caracterizar a colocação dos clíticos com grupos verbais. Contudo, apesar dessa limitação, essa é uma hipótese viável, uma vez que, como abordado no capítulo anterior, a próclise e a colocação V1 cl V2 é o padrão normal do PB moderno.

Quando o clítico está depois do grupo verbal a presença do hífen é maior. Em *O Patrocínio*, dos 24 casos, 18 (75%) têm hífen e seis (25%) não. Na *Gazeta de Piracicaba*, a porcentagem de uso é ainda maior – dos 27 dados, 25 (93%) apresentam a marcação e dois (7%) não.

(07) Com tudo isso sou de accorde, mas,... a *saudade*, oh! a *saudade*... esse termo que somente no idioma portuguez poderemos encontral**-o**, significa o pezar e a magua que sentimos pela perda de um bem que ja foi nosso.

(Pat. – 29/6/1930, p.1)

(08) O unico remedio que conseguiu livral**-a** desses tormentos foi a prodidiosa *Cafiaspirina*. (Gaz. – 19/10/1929, p.2)

(09) A principio foi apenas a dor do ciume (sic.) de quem ama; porém, quando fui tiral **a** para dançar o nosso tango, "ella" toda indifferente, respondeu-me que ja estava compromettida.

(Pat. – 23/3/1930, p.1)

(10) Continua a falta de dinheiro, portanto urge suavisal **a**.

(Gaz. 13/5/1928, p.3)

As ocorrências mais interessantes no corpus, contudo, são aquelas em que o autor opta pela ênclise na construção desconsiderando a presença do operador de próclise na sentença. Em *O Patrocínio*, foram encontrados 11 exemplos em que os pronomes estão enclíticos ao verbo, mesmo havendo um operador de próclise na sentença. Já, na *Gazeta de Piracicaba*, há cinco dados:

(11) Ella também segurou**-o** e gritou, o guarda noturno acudiu.

(Pat.-7/4/1928, p.3)

(12) Assim fez o meu Antonio que esquecendo-**se** do patrão, em defeza do rico jardim. (Pat. – 22/4/1928, p.3)

(13) Tudo findou-**se**, tudo foi arrazado pela mão cruel e inexorável do destino. (Pat. – 7/9/1928, p.1)

(14) Foi forte, resistiu todos os embates que então apresentou-**se**, mais um foi mais forte que aniquilou-o por completo.
(Pat. –7/9/1928, p.1)

(15) Foi forte, resistiu todos os embates que então apresentou-se, mais um foi mais forte que aniquilou**-o** por completo.
(Pat. –7/9/1928, p.1)

(16) Não sou egoista, por isso julguei que elle distinguia-**a** assim, para me ser agradavel. (Pat. – 7/7/1929, p.2)

(17) Um dia soube que ele trahia**-me,** duvidei; era impossivel que elle que eu adorava me fosse infiel. (Pat. – 7/7/1929, p.2)

(18) Quando lá chegámos eu fiquei satisfeitissima por encontrar todas as minhas amiguinhas, que acolheram-**me** com os seus afaveis sorrisos, provas evidentes de sinceridade. (Pat. – 7/7/1929, p.2)

(19) Elle de olhar sombrio, e aprehensivo o que me fez suppor que algo extraordinario passava-**se** no seu intimo.
(Pat. – 7/7/1929, p.2)

(20) Passa uma mulher, bella mulher, todos erguem**-se**, offerecem seus amores, com olhares apaixonados; (Pat. – 7/7/1929, p.3)

(21) Qual não foi porém, a minha dor, quando procurando **a** com os olhos pelo salão repleto, vejo-a dançando nos braços de outro.
(Pat. – 23/3/1930, p.1)

Os exemplos do (16) ao (19) são de um mesmo texto, escrito por Laura de Brito Santiago, uma colaboradora de São Paulo - a página em questão está no anexo *C*.

Na *Gazeta de Piracicaba* foram encontrados os seguintes exemplos:

(22) Para o mesmo fim realizou se hontem um esplendido sarau dansante que prolongou **se**, com harmonia e cordialidade, até altas horas. (Gaz. – 8/4/1928, p.2)

(23) ... era o dr. Borges de Medeiros, um caracter sem igual , um dos maiores brasileiros mas, agora que S. Excia, collocou**-se** no ponto de vista unico que o bem publico aconselha, todas as virtudes lhe negam. (Gaz. – 23/3/1930, p.1)

(24) No Rio prevalece ainda o emigrante portuguêz que por mil e uma razões de ordem effectiva, achar**-se** lá como em a sua patria de origem. (Gaz. – 20/8/1930, p.1)

(25) Recommendando-a aos que se dedicam a taes estudos, nada mais fazemos que render-**lhe** justiça. (Gaz. – 20/8/1930, p.1)

(26) Do contrario, ver'nos'emos forçados a não publical'**as**.
(Gaz. – 19/10/1930, p.4)

Em seu corpus de cartas pessoais brasileiras escritas entre 1809 e 1907, Carneiro (2005, *apud* 2007, p.526) encontrou o mesmo tipo de construção com

operadores de próclise e o pronome enclítico[46]. A autora notou em seu estudo que os textos com mais construções típicas do PB, com próclise em posição inicial e ao verbo não finito em grupos verbais, são os que mais apresentam ênclise:

> (...) inclusive em contextos onde a ênclise é impossível em português europeu moderno, como nas orações introduzidas por um operador. Isso aponta para uma aquisição imperfeita da língua de prestígio, que se expressa principalmente nos autores menos cultos, exatamente os mesmos que mais deixam escapar o vernáculo.

A hipótese mais viável para explicar essas ocorrências, portanto, é a de hipercorreção, pois esses dados demonstram que os autores dessas sentenças não dominam a norma padrão lusitana. Ao tentarem se adequar à norma culta para mostrar plena habilidade com a língua, o indivíduo comete equívocos, utilizando a ênclise em contextos de próclise ou mesóclise.

[46] Vieira (2004) encontrou o mesmo tipo de construção em seu corpus, como mencionado no capítulo anterior.

3.3 Características intrísecas dos pronomes encontrados no corpus

A seguir serão apresentados dois gráficos com a distribuição geral dos pronomes clíticos em *O Patrocínio* e na *Gazeta de Piracicaba:*

Gráfico V: Distribuição dos pronomes clíticos em *O Patrocínio.*

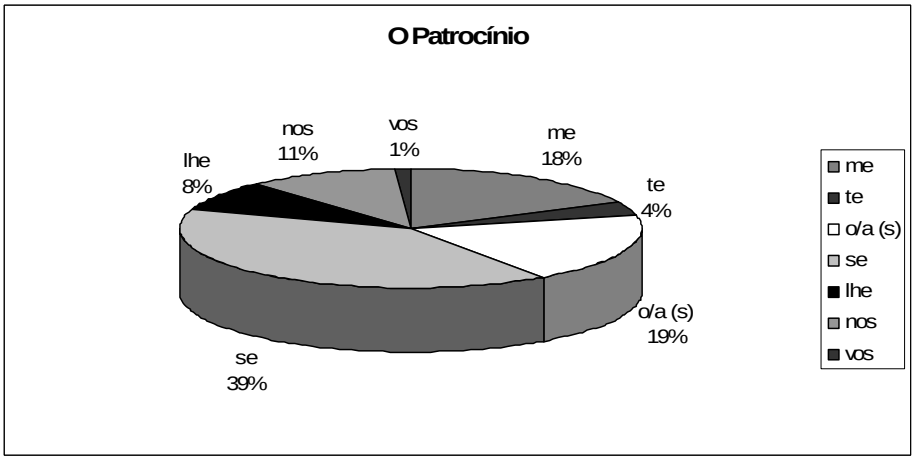
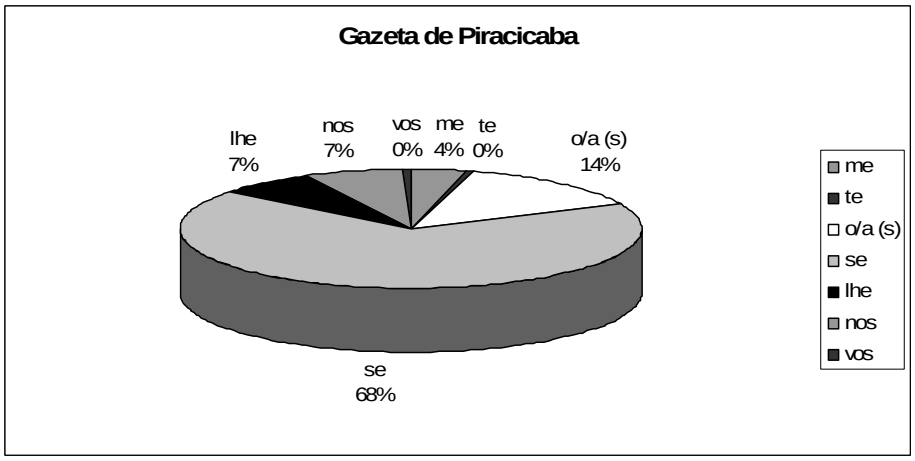


Gráfico VI: Distribuição dos pronomes clíticos em a *Gazeta de Piracicaba.*



Verifica-se na diferença percentual dos dados dos dois periódicos que *O Patrocínio* apresenta uma quantidade maior de pronomes de primeira pessoa perfazendo 29% e de segunda pessoa, cinco porcento do total de seu uso de

pronomes. Além disso, foram encontradas 31 ocorrências do pronome *lhe*, dativo de terceira pessoa, sendo que destas, cinco dão de segunda pessoa, o que resulta em 16% do total, exemplo (27).

Apesar deste percentual não parecer tão significativo, ele mostra que o uso do *lhe* como segunda pessoa, comentado no capítulo anterior, já se fazia presente e estava "invadindo" o âmbito da língua escrita. Além do mais, esses exemplos foram retirados de diálogos, o que, portanto, poderia ser composto no intuito de aproximar-se da língua oral da época, tal o item abaixo:

(27) – Eu, afinal vim até aqui para **lhe** convidar a dar uma chegada até a nossa sede, hoje ha baile por lá e nós fazemos gosto que o Snr, compareça. (Pat – 7/4/1928,p.2)

Na *Gazeta de Piracicaba*, no entanto, a taxa de clíticos de primeira pessoa é bem menor, perfazendo 11% do total. A quantidade dos de segunda pessoa foi de 0,5% com ocorrência de *te* e *vos* – percentual tão baixo que no gráfico apresentado foi computado como zero.

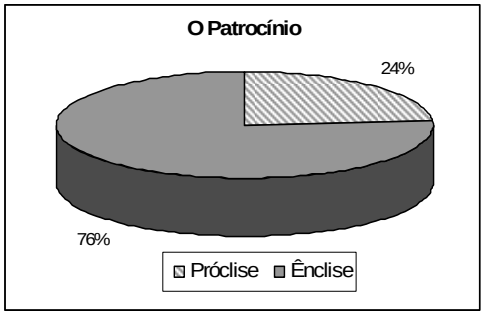
Em ambos os jornais, a maior incidência é do clítico *se*, 39% em O Patrocínio e 68% na Gazeta de Piracicaba. Como abordado no capítulo anterior o pronome *se* é um dos clíticos que ainda sobrevive no português brasileiro atual. Em seu estudo, Schei (2003) apresenta a hipótese de que há estruturas em PB que são cristalizadas com as quais sempre ocorre ênclise, independente da presença de um operador ou não. A autora apresenta como exemplos dessa categoria verbos como: sentar-se, casar-se, chamar-se, e tornar-se.

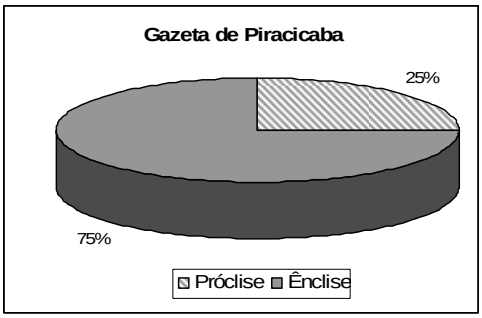
A porcentagem de clíticos de primeira e segunda pessoa em *O Patrocínio*, portanto, mostram o caráter mais pessoal do jornal, que realmente traz muitos textos de orientação literária e humorística em que, como mencionado no item anterior e no capítulo dois, apresentam uma linguagem mais próxima do vernáculo da época. A *Gazeta de Piracicaba* apresenta pouquíssimos textos literários, a maioria são artigos sobre política e há muitos anúncios. É possível afirmar que a grande ocorrência do clítico *se* associada a

esses fatores demonstra que esse periódico tem características mais impessoais que *O Patrocínio*.

Em relação a colocação geral dos pronomes clíticos, contudo, as porcentagens são praticamente idênticas, como se pode verificar nos dois gráficos a seguir:

Gráficos VII e VIII: Resultado geral da colocação dos clíticos no corpus.





A fim de uma análise mais completa, faz-se necessária a junção dos dois fatores abordados acima: a frequência dos pronomes e sua colocação nas sentenças. Cruzando esses dois pontos temos os gráficos em seguida:

Gráfico IX: A colocação dos pronomes de acordo com o tipo de clítico.

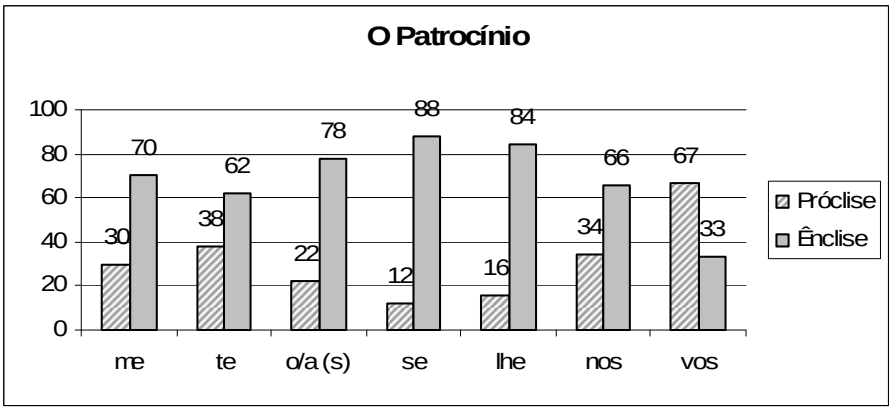
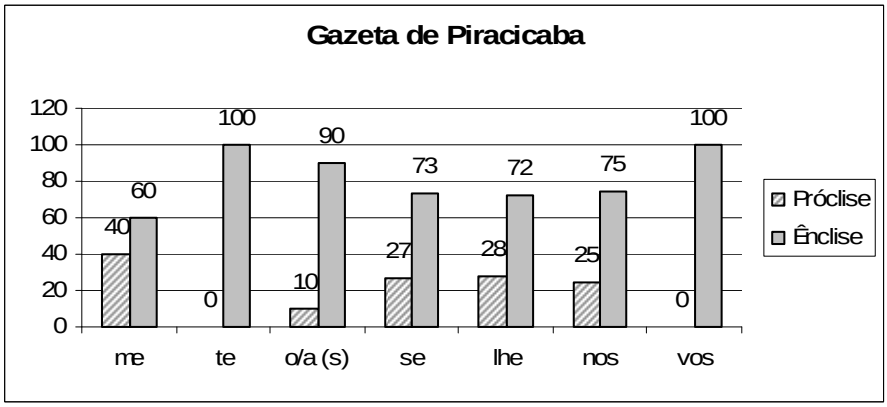


Gráfico X: A colocação dos pronomes de acordo com o tipo de clítico.



Nunes (1993) argumenta que, em relação ao seu posicionamento nas frases, os clíticos acusativos de terceira pessoa apresentam um comportamento diferenciado dos demais, como exemplificado abaixo:

(28) a. **Me** chame amanhã
b. **Te** chamo amanhã
c. **Lhe** telefono amanhã
d. * **O** chamo amanhã.

O autor mostra que essas diferenças existem porque em PB, como mencionado no capítulo anterior, houve uma mudança na direção da cliticização fonológica ocorrida no século passado, que impossibilitou o licenciamento da sílaba dos clíticos afirmativos de terceira pessoa em início de oração.

No corpus analisado, nota-se, portanto, que essa diferença começa a se mostrar em textos escritos, pois a ocorrência de ênclise com os clíticos de terceira pessoa (80% das 176 ocorrências de clíticos de terceira pessoa em *O Patrocínio* e 75% dos 205 dados na *Gazeta de Piracicaba*) é maior se compararmos aos de primeira e segunda no corpus (68% de 70 dados em *O Patrocínio* e 63% de 11 ocorrências na *Gazeta*). Apesar da diferença não ser muito grande, é inegavel que temos um dado relevante.

3.4 Análise dos contextos de colocação dos pronomes clíticos

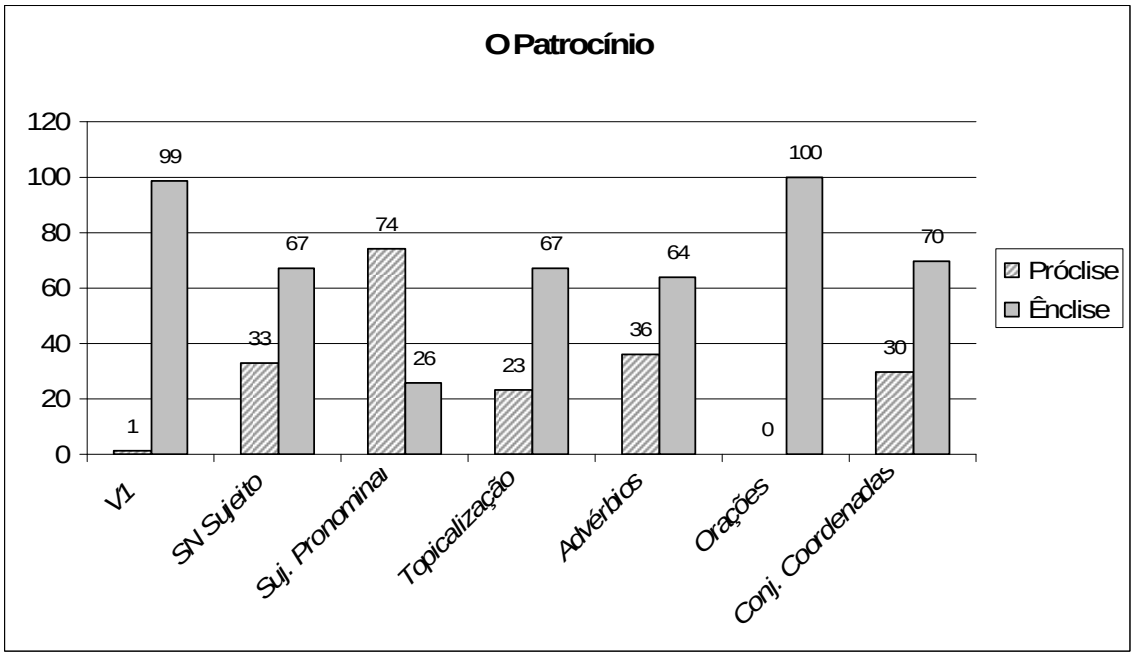
Para a análise dos dados deste corpus, seguiremos a divisão adotada na exposição dos resultados dos estudos linguísticos do capítulo anterior.

3.4.1 Verbos Simples

3.4.1.1 Contextos V1 e V>1

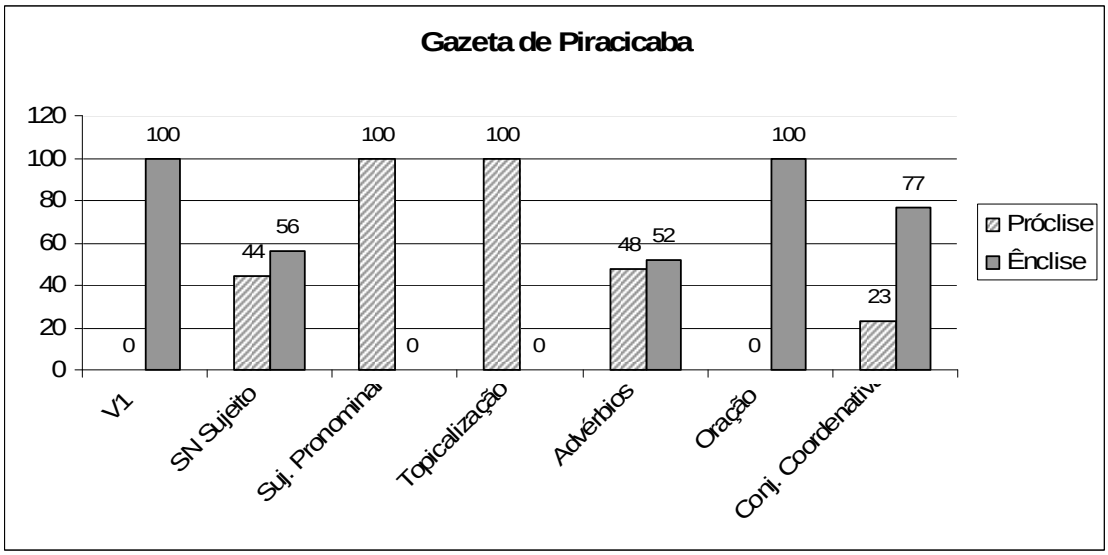
Primeiramente, será apresentado um gráfico com os resultados gerais da colocação dos pronomes clíticos com verbo em posição inicial V1(P:96; G:91)[47] e com elementos que podem anteceder o verbo em orações com verbos simples, sendo eles: SN sujeito (P:37; G:36), sujeito pronominal (P:19; G:4), topicalização (P:3; G:1), advérbios (P:25; G:23), orações (P:7; G:11) e conjunções coordenadas (P:39; G:22):

Gráfico XI: A colocação dos pronomes clíticos com verbos simples, nos contextos selecionados em *O Patrocínio.*



[47] Entre parênteses está a quantidade de dados encontrada no corpus de O Patrocínio, abreviado por P. e a Gazeta de Piracicaba, abreviada por G.

Gráfico XII: A colocação dos pronomes clíticos com verbos simples, nos contextos selecionados na *Gazeta de Piracicaba.*



Como atestaram diversos estudos, uma das grandes inovações do português brasileiro do século XX é a possibilidade do pronome encontrar-se proclítico ao verbo que inicia uma oração, ou seja, em posição V1. No corpus estudado, porém, nos dois periódicos, há apenas a ocorrência de 1 caso de próclise em posição V1 em *O Patrocínio* e nenhum caso na *Gazeta*. Essa inovação do PB, portanto, ainda não conseguira transpor totalmente a norma reguladora da linguagem escrita.

(29) — E' verdade; **me** esqueci que a professora está na obrigação de apresentar o discipulo. (Pat. – 23/3/1930, p.1)

Em relação às construções com sujeito referencial (SN) e sujeito pronominal, o padrão europeu apresenta a ênclise, como exemplifica Mira Mateus (2003, p.827):.

(30) As crianças lavaram-**se** rapidamente antes de ir para a escola.

(31) Ele viu-**me** ontem na praia.

De acordo com Galves, Britto e Paixão de Sousa (2005), este é o padrão majoritário desde o século XIX. Contudo em PB, quando o verbo é antecedido por um sujeito referencial, a colocação comum é a próclise. Em seu estudo das cartas dos avós, abordado no capítulo anterior, Duarte & Pagotto (2004) atestaram que já havia variação no PB do século XIX. Com SN Sujeito, a avó realiza próclise em 80% dos casos e o avó em 50% dos casos.

No corpus analisado, em *O Patrocínio*, ocorre 33% de próclise com SN Sujeito (32). Já, com sujeito pronominal ((33) – retirado de um poema de Jayme de Aguiar), a porcentagem aumenta para 74%, assemelhando-se aos dados de Duarte e Pagotto (*op. cit*.). Na *Gazeta de Piracicaba*, há próclise em 44% dos casos com SN Sujeito (34), além disso, nos quatro dados com sujeito pronominal (35), ocorre próclise.

(32) Afasto a com repugnancia e pavor. <u>Esta mulher</u> **me** aterrorisa...
Corro vertiginosamente. Estou nervoso, corro mais ainda.
(Pat. –23/3/1930, p.3)

(33) A um céo aberto, ja me fez transpor,
de ardentes labios, divinaes... querida!
<u>eu</u> **te** daria a minha propria vida,
por esse beijo teu, querido amor.
(Pat. – 28/4/1928, p.3)

(34) Quando eu era pequenina, <u>meus Paes</u> **me** deram Emulsão de Scott. Continuei a tomal-a quando ás vezes me sentia atacada da menor debilidade e por isso poucas vezes estive adoentada.
(Gaz. – 23/3/1930, p.2)

(35) — Vendo-te assim remoçada, <u>eu</u> **me** revolto com a sorte que foi tão injusta commigo: deu-me os peores Incommodos Uterinos aos quaes devo este aspecto vencido, de velhice prematura.
(Gaz. – 23/3/1930, p.4)

Em relações às construções de tópico, Torres-Morais (1995, p.112) afirma:

> (...) um dos aspectos que mais nos interessam em relação à construção de TOP é o de que ela envolve a ênclise obrigatória dos pronomes complementos tanto na sentença principal como na sentença encaixada, caracterizando uma propriedade única do PE em oposição, por exemplo, ao espanhol, francês, italiano e português brasileiro.

Com tópico, portanto, ocorre ênclise em PE e próclise em PB. No corpus estudado há apenas quatro ocorrências dessa natureza que, inclusive, não revelam um padrão ordenado entre próclise e ênclise, como pode ser verificado a seguir:

(36) Si a gente de esperar **se** cança
Por um bem que nunca alcança.
Deve tirar o coração esta esperança
Sem odio, sem rancor e sem vingança.
(Pat. – 23/3/1930, p.2)

(37) Estas considerações conhece **as** o redactor, é um moço negro, sonhador. (Pat. – 29/6/1930, p.3)

(38) O amor que nutria, atirou-**o** para sempre
no lamaçal do olvido, inutilisando para
sempre um desgraçado coração, ...
(Pat. – 7/9/1928, p.1)

(39) ... era o dr. Borges de Medeiros, um caracter sem igual, um dos maiores brasileiros mas, agora que S. Excia, collocou-se no ponto de vista unico que o bem publico aconselha, todas as virtudes **lhe** negam. (Gaz. – 23/3/1930, p.1)

A respeito das sentenças com conectivos, Torres-Morais (1995, p.167) analisa as ocorrências com os conectivos *e* e *mas*. Segundo a autora, quando há próclise com esses elementos, eles podem ser analisados como advérbios que atuam na sentença 'salvando' o clítico da posição inicial, licenciando a próclise. Em seu corpus, verifica que há mais ocorrências de próclise com o conectivo *e.*

Em seu estudo Pagotto & Duarte (2004) verificaram que, nas sentenças com esses elementos, a avó realiza próclise em 86% dos dados e o avô, igualmente, apresenta ênclise em 86% dos casos.

No corpus deste trabalho, tanto no exemplar de imprensa negra como no de imprensa majoritária, a ênclise é predominante na presença da conjunção *e* (40) e (41), como verificado na tabela abaixo. Na *Gazeta de Piracicaba* não há dados com *mas*, e em *O Patrocínio*, nos cinco dados com essa conjunção, três apresentam próclise e dois ênclise (42) e (43). Esses dados mostram que, apesar da preferência pela ênclise, já há variação no corpus.

Tabela 3.1: Próclise e ênclise em sentenças coordenadas com as conjunções *e* e *mas*.

	Conjunção	**Próclise**	**Ênclise**
O Patrocínio	E	9 (28%)	23 (72%)
	Mas	3 (60%)	2 (40%)
Gazeta de Piracicaba	E	5 (28%)	13 (72%)
	Mas	Ø	Ø

(40) Escravisaram no, libertou-se; queriam-no ignorante, aprendeu a ler <u>e</u> instruiu **se**; puzeram-lhe a cabeça a premio; redobrou-lhe o vigor e a audacia na defesa da grande e nobre causa de que se constituira paladina. (Pat. – 29/6/1930, p.2)

(41) Procuremos evitar a tuberculose, fortificando os nossos pulmões <u>e</u> alcatroando-**os** com Cognac de Alcatrão Xavier.

(Gaz. – 28/9/1929, p.2)

(42) Não digo com certeza quem é o felizardo, porque não sou linguarudo; mas **me** parece que é o Luiz Dias.

(Pat. – 29/9/1929, p.2)

(43) Mas, vindo esta em meu auxilio, trouxe-**me** ás mãos um volume.

(Pat. – 19/10/1930, p.3)

Os advérbios de tempo, modo e lugar não são ativadores de próclise, mas os elementos sentenciais terminados em *–mente* o são. Nesses casos, a colocação comum em PE é a ênclise, e, segundo Torres-Morais & Ribeiro (2005), apesar da próclise predominar em PB, esta não é categórica.

No corpus, houve maior ocorrência de ênclise, porém a quantidade de próclise é bastante significativa. Dos 25 exemplos verificados no exemplar de imprensa negra 36% apresentam próclise e 64% ênclise. No periódico da imprensa majoritária, dos 23 casos, 40% dos clíticos antecedem os verbo e 60% estão pospostos.

(44) ...; depois, passado alguns annos, **nos** separamos por motivo de sua mudança para outro bairro.

(Pat. – 7/4/1928, p.1)

(45) A tempos tive a necessidade de ir a S. Paulo, e por acaso la encontrei-**me** no Jardim da Luz com o nosso heroe, o Pedro Isca. (Pat. – 7/9/1928, p.2)

(46) Lá **se** achavam todos: mandados e mandões.

(Gaz. – 8/4/1928, p.2)

(47) Desse modo procurou-**se** alliar a cortezia de um convite ao respeito ás crenças alheias. (Gaz. – 7/9/1928, p.2)

Por fim, quando o antecedente do par verbo-clítico é uma oração, todos os dados do corpus apresentaram ênclise:

(48) Destas, <u>o homem deve sorrir</u> menosprezando-**as** e, com enthusiasmo e ardor, avançar na senda do progresso.
(Pat. – 29/6/1930, p.1)

(49) <u>Pede-se a quem o encontrou</u> entregal-**o** nesta refacção, que será bem gratificado. (Gaz. – 23/3/1930, p.2)

3.4.1.2 Sentenças infinitivas preposicionadas e reduzidas de gerúndio

No caso das orações infinitivas preposicionadas, estudos atestam que tanto na variante brasileira quanto na europeia, há alternância entre próclise e ênclise, com as preposições *para* e *de*. Em relação à preposição *a,* o uso da variante pós-verbal é taxativo em PE, enquanto em PB ocorre variação.

Os gráficos a seguir apresentam os resultados obtidos com a análise do corpus em questão:

Gráfico XIII: Colocação dos pronomes clíticos em sentenças preposicionadas de *O Patrocínio*.

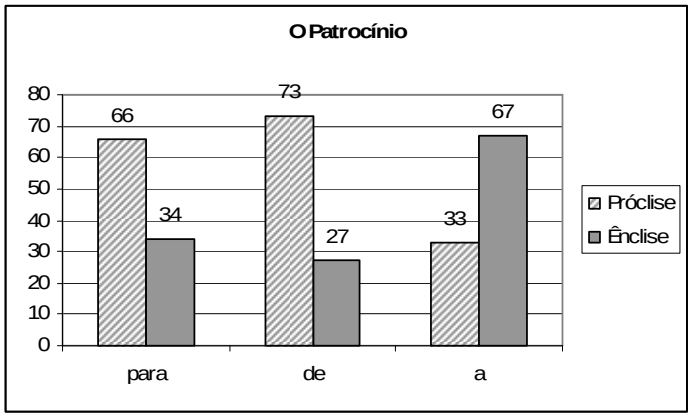
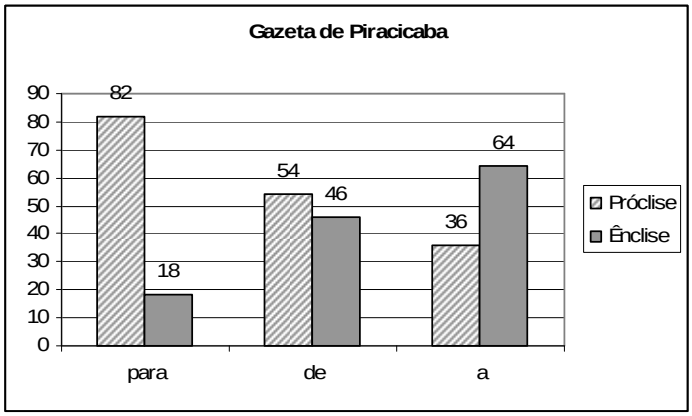


Gráfico XIV: Colocação dos pronomes clíticos em sentenças preposicionadas da *Gazeta de Piracicaba*.



Os dados revelam que, com *para* – (50) a (53) – e *de* – (54) a (57) – há variação, porém parece haver uma preferência pela próclise em ambos os jornais. Já, com a preposição *a* – (58) a (61) – maioria dos casos apresenta ênclise.

(50) Possuindo-se esta indispensavel qualidade, por certo todas as barreiras serão movidas e vencidos todos os obstaculos que apparecerem <u>para</u> **se** anteporem ao nosso intento!

(Pat. – 20/10/1929, p.8)

(51) A's 11 horas, sob a marcação do apreciado Jazz S. José, tiveram inicio as contra dansas que decorreram animadissimas, interrompendo se a 1 hora, <u>para</u> proceder-**se** a escolha da senhorita Patrocinio, a qual recahiu em Esmeralda de Campos, que foi acclamada vencedora por maioria de votos.

(Pat. – 20/10/1929, p.5)

(52) <u>Para</u> **se** evitar a grippe e os resfriados, deve-se tomar de manhã e à noite um calice pequeno de Cognac de Alcatrão Xavier.

(Gaz. – 28/9/1929, p.2)

(53) E agora, já avançada em annos, para livrar**-se** dos achaques da velhice, continúo a tomar a **Emulsão de Scott.**
(Gaz. 23/3/1930, p.2)

(54) Entretanto, è de **se** esperar que, a comprovada generosidade dos corações bem formados da maioria do povo piracicabano não permittirá certamente que este modesto jornalzinho sossobre nas aguas turvas da indifferença e do esquecimento como infelizmente ja tem acontecido a outros. (Pat. – 7/4/1928, p.1)

(55) É o dia em que a mulher negra brasileira das gerações futuras, ha de encher **se** de orgulho pelas tradicções dos seus antepassados.
(Pat. – 28/9/1929, p.1)

(56) Os progressos da sciencia conseguiram descobrir o meio de **se** evitar a tuberculose e que consiste em se evitar as grippes e os resfriados. (Pat. – 28/9/1929, p.2)

(57) ... declaro aos interessados que passei temporariomente meu cargo de presidente do Tiro de Guerra 542 desta cidade ao sr. Severiano Alberto Ferraz actual secretario, afim de apresentar**-me** sob as ordens do sr. Tenente-coronel Grimualdo Teixeira Favilla ...
(Gaz. – 19/10/1930, p.2)

(58) E quando o vento tornar a **vos** trazer outra vez a estes lugares, talvez haja passado já muito tempo! (Pat. – 19/10/1930, p.2)

(59) O teu andar é fascinante. Parece possuir no movimento, duas correntes attrativas que nos impelem a seguir **te** despreocupadamente. (Pat. – 28/9/1929, p.1)

(60) ... são convidados a comparecerem nesta Faculdade ... e bem assim os que estejam com a idade de 16 a 20 annos e não tiverem os seus nomes na presente lista a **se** apresentarem, afim de não prejudicarem ... (Gaz. – 13/5/1928, p.2)

(61) ... procedido hoje ao sorteio dos vinte e oito jurados que devem servir na segunda sessão ordinaria do Jury, desta comarca, no corrente anno, a iniciar **se** no dia 7 de Maio vindouro, às onze horas, ... (Gaz. – 8/4/1928, p.3)

De acordo com Galves, Torres-Morais & Ribeiro (2005, p.152), a variação nesse contexto entre próclise e ênclise em PB é: "(...) uma questão de competição de gramáticas. A ênclise é resultado de uma aquisição tardia tanto em sentenças finitas como infinitivas, e é favorecida pelo clítico "o/a", também adquirido tardiamente".

Quanto ao gerúndio, Lobo (1992) observou que tanto o português europeu quanto o brasileiro parecem favorecer a ênclise. Esse fator pode ser confirmado com os dados desse corpus, uma vez que entre as 62 ocorrências de gerúndio em ambos os jornais, há apenas um caso de próclise em *O Patrocínio*, em que a construção é acompanhada da preposição *em* (62):

(62) O momento não é mais de se fazer silencio em **se** tratando de assumpto tão importante para a classe negra de S. Paulo... (Pat. – 20/10/1929, p.7)

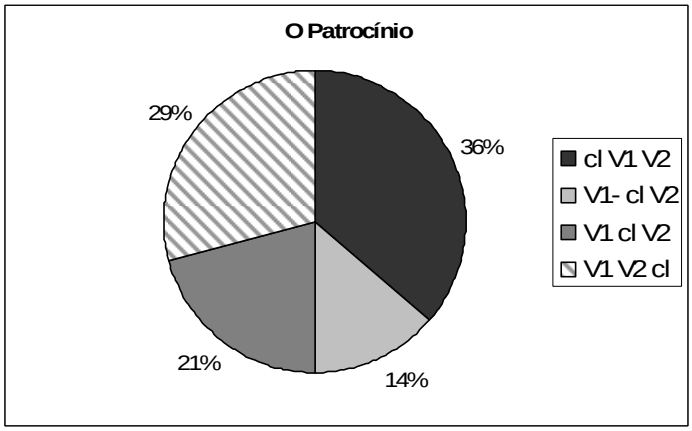
(63) Sou eu quem humildemente vos peço, amparar a modesta folha, dai o vosso generoso concurso, o vosso apoio decidido, assignando **– a** e fazendo propaganda dos seus nobres fins (Pat. – 7/4/1928, p.1)

(64) Todavia, declamou bem, recebendo muitos applausos todos os numeros, destacando **se** “O baile das sete cores”, “Xoxô Papão”, e “Dindinha Lua” que viveram na sua vóz momentos de rara felicidade. (Gaz. 28/9/1929, p.2)

3.4.2 Grupos Verbais

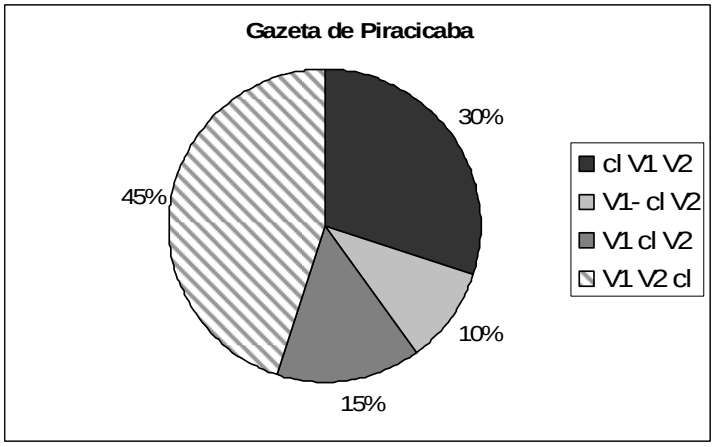
Como apontado no capítulo anterior, a colocação dos pronomes clíticos em grupos verbais em PB atual difere em diversos aspectos do PE moderno e do que é prescrito pelas gramáticas normativas. Para esta análise consideraremos o primeiro verbo da construção V1 e o segundo V2. Como explicitado no capítulo anterior, há quatro possibilidades de colocação dos pronomes clíticos com grupos verbais: 1. clítico anteposto ao grupo – cl V1 V2; 2. o pronome entre os verbos, porém ligado ao V1 por hífen – V1-cl V2; 3. o clítico entre os verbos, mas sem o hífen – V1 cl V2; e por fim, o pronome enclítico a todo o grupo verbal – V1 V2 cl[48].

Gráfico XV: Resultado geral com grupos verbais em *O Patrocínio*.



[48] Esse dados algumas vezes apresentam hífen e em outras não, porém como nesse caso esse fator não interfere na interpretação dos dados, ele não será computado.

Gráfico XVI: Resultado geral com grupos verbais na *Gazeta de Piracicaba*.



De acordo com diversos estudos já mencionados, a colocação usual dos clíticos em PB atual com grupos verbais é a terceira (V1 cl V2) em que o pronome encontra-se, na realidade, proclítico ao segundo verbo e não enclítico ao primeiro, como é o padrão normativo.

No corpus analisado, essa colocação acontece com mais frequência em *O Patrocínio*, onde ela aparece em 21% dos casos. Esse padrão somado ao valor do grupo V1-cl v2 resulta em 35%, a maior porcentagem nos dados. Na *Gazeta de Piracicaba,* por outro lado, a colocação majoritária é a quarta, com 45%, porém, 15% dos dados já apresentam o padrão V1 cl V2. Isso revela, portanto, que o vernáculo do período já pode ser notado nesse corpus escrito.

Para analisar com mais clareza esses contextos, na seção a seguir os verbos serão divididos primeiramente em verbos auxiliares (P: 26; G:17) , de controle (P:38; G:31), causativos e perceptivos (P: 21; G:12)e, em um segundo momento, os dados serão redivididos em verbo + infinitivo (P:69; G:47), verbo + gerúndio (P:7; G:7) e verbo + particípio (P:9;G:6).

3.4.2.1 Grupos com verbo auxiliar, de controle, causativo e perceptivo

Observe os gráficos gerais de colocação dos pronomes clíticos com grupos verbais no periódico *O Patrocínio* e na *Gazeta de Piracicaba*:

Gráfico XVII: Resultados gerais de colocação com verbos auxiliares, de controle, causativos e perceptivos em *O Patrocínio*.

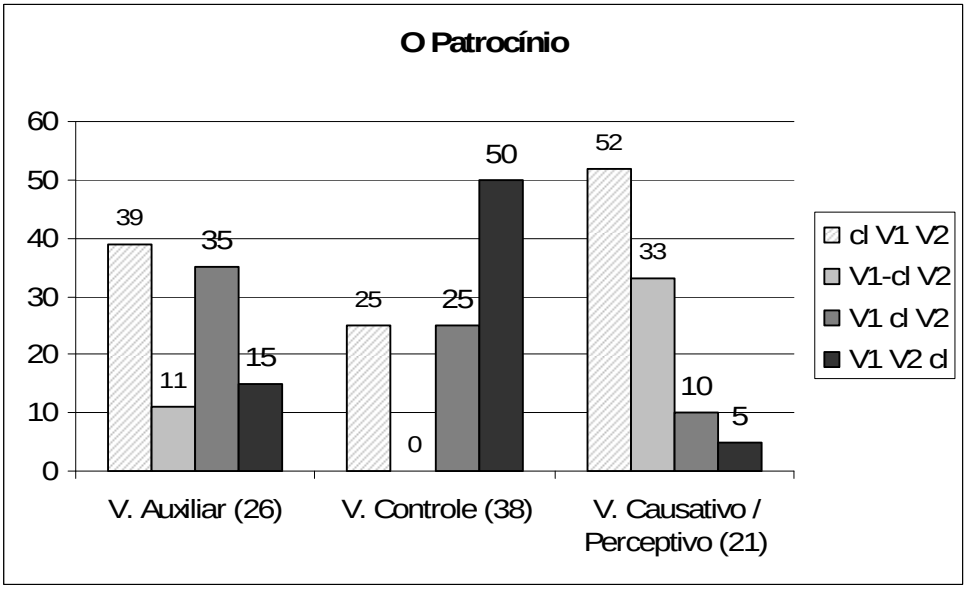
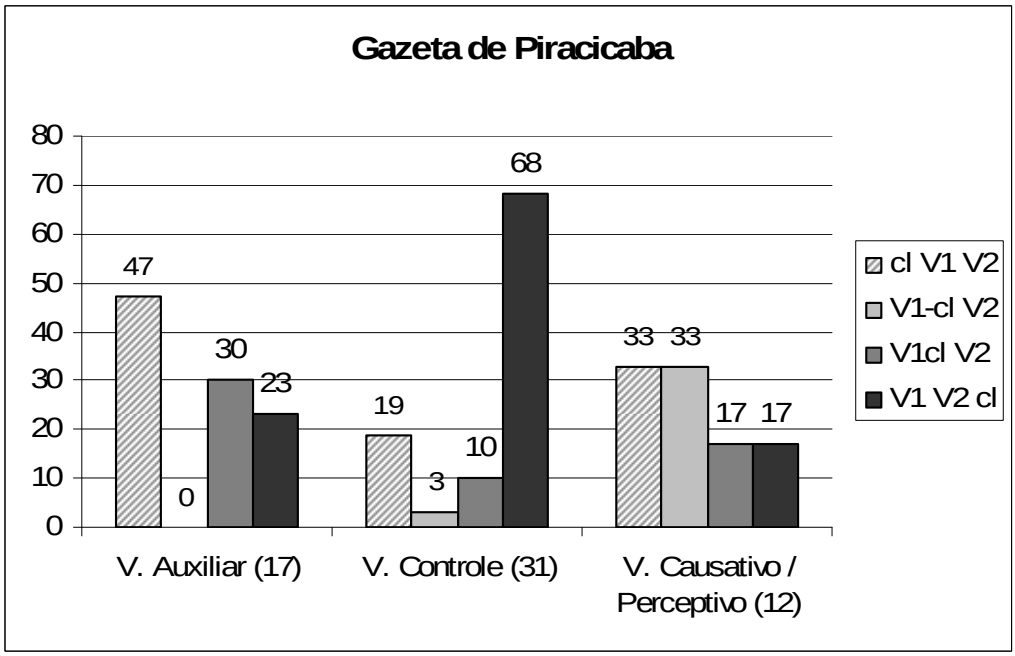


Gráfico XVIII: Resultados gerais de colocação com verbos auxiliares, de controle, causativos e perceptivos na *Gazeta de Piracicaba*.



Nos grupos verbais com auxiliares *ter, haver, estar, ir,* de acordo com a norma, os pronomes devem estar enclíticos ao verbo principal, ou ao verbo flexionado. O PB apresenta uma inovação, pois o pronome pode estar proclítico ao verbo principal, padrão não encontrado em textos históricos. Além disso, pode haver um movimento longo do clítico que aparece proclítico ao verbo flexionado, em PE essa subida ocorre somente na presença de atratores de próclise.

Mira Mateus (2003, p.857, 858), define o fenômeno da subida do clítico em relação ao PE, da seguinte maneira:

> (...) consiste na seleção de um verbo do qual o pronome clítico não é dependente para hospedeiro verbal. As frases seguintes exemplificam este fenômeno, encontrando-se nelas sublinhado o verbo principal de que o clítico depende.
>
> (43e) O convite não **lhe** foi nunca <u>enviado</u>.
>
> (43f) O João não **se** ia <u>esquecendo</u> do convite.
>
> Os exemplos (43) ilustram casos de *Subida de Clítico* com verbos auxiliares que seleccionam formas participiais e gerundivas. Nestes casos, como o contraste entre (43) e (49) mostra, não existe alternativa à Subida do Clítico, devendo o pronome clítico ocorrer obrigatoriamente proclítico ou enclítico ao verbo auxiliar:
>
> (49e) * O convite não foi nunca **lhe** <u>enviado</u> / <u>enviado</u>**-lhe**
>
> (49f) * O João não ia **se** <u>esquecendo</u> / <u>esquecendo</u>-**se** do convite.

Em *O Patrocínio*, a colocação predominante com verbos auxiliares é cl V1 V2, com 39% (65), das quais 50% com operador de próclise (66). Essa colocação é seguida por V1 cl V2 com 35% (67), mostrando já no corpus escrito o padrão do PB atual.

(65) Ainda que ja ha dois seculos **se** haja estabelecido nos Estados Unidos a raça negra, ha apenas tres annos que se começaram a organizar, e por-se em contato uns com os outros os differentes grupos catholicos pertencentes a essa raça ...

(Pat. – 7/9/1928, p.1)

(66) O nosso prezado orgam é um dos orientadores desta geração que tem labutado em pról da nossa raça, afim de que **lhe** seja reintegrado os seus direitos concretisados seus prestigios, na realidade dos factos. (Pat. – 20/10/1929, p.1)

(67) Cheio de odio, de dor, de ciume, tudo misturado, fui **me** colocar ao lado de uma cesta de rosas, mas (*sic*) ebrio do que um alcoolatra.

(Pat. – 23/3/1930, p.1)

Na *Gazeta de Piracicaba*, a colocação predominante também é cl V1 V2, com 47% (68), sendo 63% com atratores (69), seguida de V1 cl V2 com 30% (74).

(68) Ella não diminue a ninguem: porque visa engrandecer o vulto moral da Patria, engrandece e dignifica a quantos com sinceridade de animo **se** encontram unidos nesta santa cruzada de paz entre os brasileiros. (Gaz. – 28/9/1929, p.2

(69) Não quero acreditar que o sr. Júlio Prestes, que é um moço de inegavel honestidade, esteja a par do que **se** vem praticando em seu nome. (Gaz. – 28/9/1929, p.1)

(70) Este novo gremio futebolistico local vae **se** impondo, dia a dia, pelo numero de adhesões, que vem obtendo. (Gaz.– 20/8/1930, p.2)

O segundo grupo verbal a ser levado em consideração é o que apresenta os chamados *verbos de controle* – com significação modal ou aspectual – constituídos por predicados epistêmicos, volitivos e conativos, como *querer, desejar, prometer, poder, dever*. De acordo com a norma, o pronome deve ocorrer enclítico ao verbo principal não finito. No PB, porém, há próclise ao verbo principal – outra inovação desta variante. A esse respeito, Galves, Torres-Morais & Ribeiro (2005, p.41) afirmam que "A subida do clítico ao verbo flexionado, nas estruturas de controle, é altamente marcada no PB e varia muito de autor para autor".

Os resultados com verbos de controle, portanto, diferem dos dados com verbos auxiliares. O uso dos clíticos com esse grupo de verbos segue com mais fidelidade o padrão normativo da língua. No periódico de imprensa negra, 50% dos casos seguem a norma culta V1 V2 cl (71); os outros casos apresentam 25% cada (72) e (73); e não há nenhum exemplo de V1-cl V2. No exemplar da imprensa majoritária, a colocação normativa também é preponderante, equivalendo a 68% do corpus (74).

(71) A vida é tudo nesse mundo; tu estando viva, posso amar-**te** onde tu estiveres, porque em todas as partes há cèu, flôres e Deus.

(Pat. – 7/9/1928, p.3)

(72) ... ; pois num ambiente pobre como nosso, só mesmo a custa de muita força de vontade **se** pode conseguir alguma cousa.

(Pat. – 20/10/1929, p.1)

(73) Ella não se extingue, porém, pode se abrandal-a, o que, si não o fizermos havemos de nos arrepender, pois, a sua retenção poderá **nos** causar desagradaveis consequencias.

(Pat. – 29/6/1930, p.1)

(74) Mas o seu orgulho ferido impediu-a de ver claro. Desvairada pela sua cólera, ella desde logo tomou partido violento contra o cardeal e quiz abatel-**o.** (Gaz. – 20/8/1930, p.1)

O último grupo dessa seção é o dos verbos causativos – *mandar, fazer, deixar* – juntamente aos perceptivos – *ver, ouvir, sentir.* Nesse caso, a colocação normativa é a ênclise ao verbo da oração principal (V1-cl V2) e a colocação inovadora em PB é próclise ao verbo da oração principal (cl V1 V2). Galves, Torres-Morais & Ribeiro (*op.cit*, p.44) apontam que "O interessante é que, tanto a ênclise lusitana, quanto a próclise brasileira com verbos perceptivos ou causativos, configuram o fenômeno da subida dos clíticos".

Em *O Patrocínio*, a colocação segue o padrão inovador brasileiro com 52% de cl V1 V2 (75) e 43% seguem o padrão culto, no entanto, 33% apresentam hífen (V1-cl V2) (76), e 10% não V1 cl V2 (77).

(75) E' a saudade que vive e viverá sempre n'alma sofredora, porque a essencia do passado **a** faz nascer. (Pat. – 7/9/1928, p.1)

(76) Deixae-**o** morrer em paz, não lhe toqueis porque seria inutil animal - o para a vida. (Pat. – 7/9/1928, p.1)

(77) Tambem, outro não fora o meu intuito, senão o de deixal **a** esperar bastante, para que tivesse uma porção de coisas bellas para me dizer. (Pat. – 23/3/1930, p.1)

Na *Gazeta de Piracicaba,* a norma culta (V1-cl V2) é majoritária em 50% dos dados. Contudo, 33% apresentam hífen (78) e 17% não (79). O padrão inovador cl V1 V2 está presente em 33% das ocorrências (80).

(78) ..., o vermifugo de Xavier, tonifica as creanças, fal-**as** crescer sadia e fortes e é receitado pelas sumidades medicas.

(Gaz. – 28/9/1929, p.4)

(79) A Scena impressionante em que o velho paralythico, num esforço supremo, sente **se** convulsionado por uma commoção violenta.

(Gaz. – 8/4/1928, p.4)

(80) O nitrato de prata, causa o verdadeiro terror nos doentes e de muitas cegueiras, **o** faz desapparecer.

(Gaz. 28/9/1929, p.3)

3.4.2.2 Verbo + Infinitivo, Verbo + Gerúndio e Verbo + Particípio

A fim de analisar com mais detalhamento a questão da colocação dos pronomes clíticos com grupos verbais, os dados de ambos os periódicos foram redivididos em três grupos abordados por outros estudos linguísticos: 1.verbo + infinitivo; 2.verbo + gerúndio; e 3.verbo + particípio.

Em ambos os jornais verificou-se a ocorrência majoritária do grupo com infinitivo, 69 ocorrências (81%) em *O Patrocínio*, 47 (78%) na *Gazeta de Piracicaba*. Em relação ao gerúndio e ao particípio, no exemplar de imprensa negra foram encontrados sete (8%) e nove (11%) casos respectivamente, e no jornal de imprensa majoritária sete (12%) e seis (10%).

A seguir apresento um gráfico com os resultados da colocação dos pronomes clíticos com as estruturas em questão:

Gráfico XIX: Colocação dos pronomes clíticos em *O Patrocínio*, com os grupos verbais: verbo+infinitivo, verbo + particípio e verbo + gerúndio.

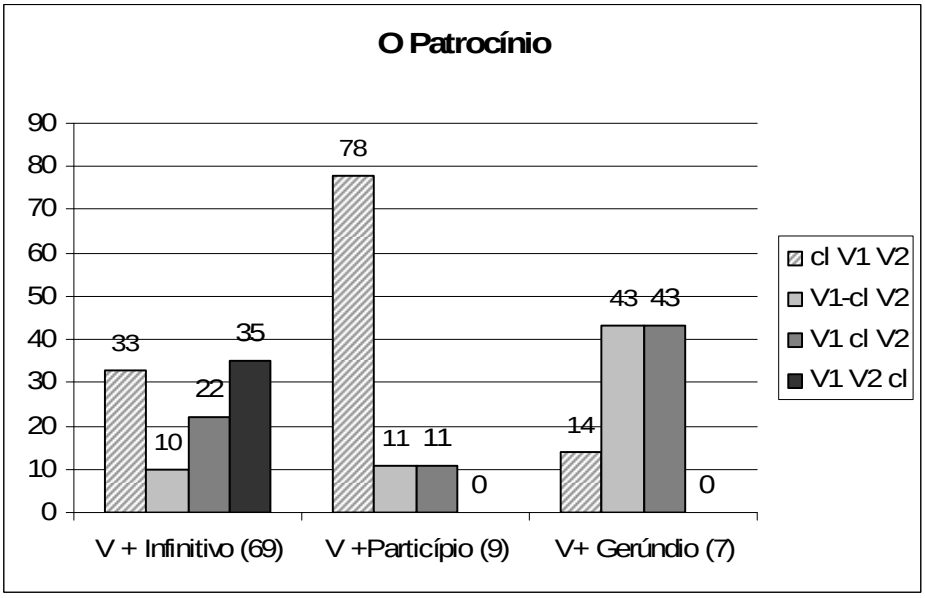
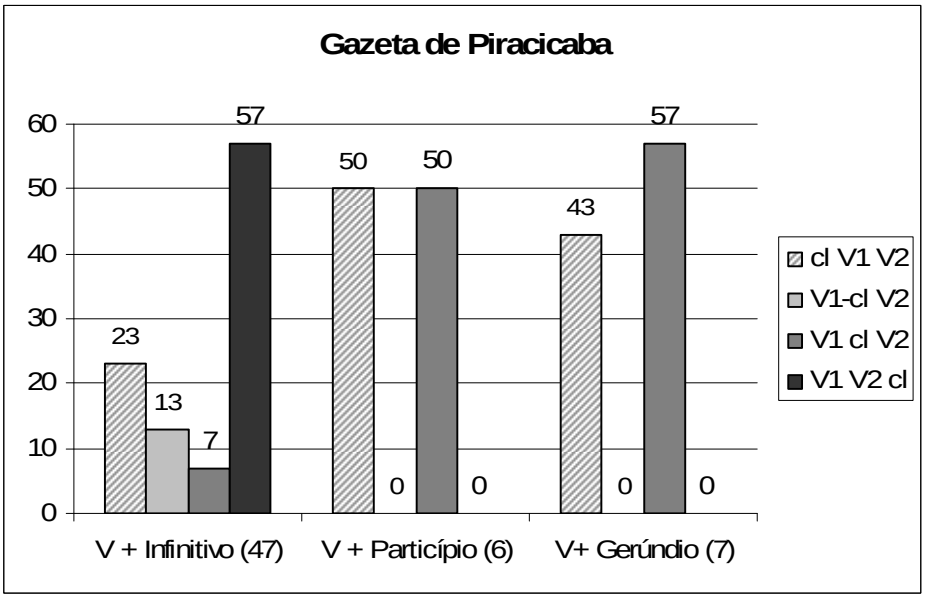


Gráfico XX: Colocação dos pronomes clíticos na *Gazeta de Piracicaba*, com os grupos verbais: verbo+infinitivo, verbo + particípio e verbo + gerúndio.



A fim de avaliar os resultados apresentados, farei uma comparação dos dados deste corpus com os de Pagotto (1992, *apud* PAGOTTO, 1993) mencionados no capítulo anterior, no qual o autor analisou 1436 extratos de

cartas e documentos oficiais brasileiros a partir do século XVI. No momento, nos interessarão os resultavos relativos aos séculos XIX e XX[49], como se pode verificar na tabela (adaptada) abaixo:

Tabela 3.2: Colocação dos clíticos em grupos verbais.

		a	b	c	d	T
	I	67%	17%	0	17%	12
XIX	G	100%	0	0	0	1
	P	89%	11%	0	0	18
	I	11%	3%	50%	36%	36
XX	G	8%	0	84%	8%	13
	P	75%	0	25%	0	8

Em relação ao infinitivo, os resultados de *O Patrocínio* e a *Gazeta de Piracicaba* são bem distintos. No primeiro, as variantes entre si têm distribuição porcentual semelhante (*cf.* gráfico acima). Além disso, os dados diferem, também, dos resultados de Pagotto, pois seu estudo demonstrou que há uma preferência pela colocação V1 cl V2 no século XX. Na *Gazeta*, contudo, há uma predileção pela colocação V1 V2 cl, com 57%:

Tabela 3.3: Contraste entre resultados de colocação pronominal em grupos verbais.

	cl V1 V2	**V1-cl V2**	**V1 cl V2**	**V1 V2 cl**
Pagotto séc. XX	11%	3%	50%	36%
Gazeta de Piracicaba	23%	13%	7%	57%
O Patrocínio	33%	10%	22%	35%

[49] O autor considera a. cl V1 V2, b. V1-cl V2, c. V1 cl V2 e d. V1 V2 cl.

Esses dados comprovam a hipótese de que o exemplar de imprensa negra apresenta características mais próximas ao vernáculo, uma vez que em seus textos já mostra a preferência pelo clítico próclitico ao verbo principal (81), e não mais enclítico a ele (82), como nos dados da imprensa majoritária.

(81) Porisso mesmo desejo
Que a negra morte
Venha **me** levar
(Pat. – 7/4/1928, p.4)

(82) O 28, tendo perdido já, um jogo, quando enfrentou o XV, espera reabilitar-**se**, vencendo o Motorista.

No caso da costruções com infinitivo, portanto, a *Gazeta de Piracicaba* se mostra mais normativa, inclusive que os próprios documentos analisados por Pagotto, uma vez que estes apresentam maior porcentagem da colocação tipicamente brasileira V1 cl V2.

Quanto às construções com particípio os dados são semelhantes nos três contextos, pois a predileção pela posição cl V1 V2 se mostra desde o século XIX. Em *O Patrocínio*, essa colocação ocorre em 78% dos casos (87). Na *Gazeta*, 50% dos dados aparecem como cl V1 V2 (88), e a outra metade, V1 cl V2 (89).

(83) Eva acaba de exercer pela 1ª vez, o direito cívico do voto. Onde? Naturalmente onde **lhe** foi conferido pela primeira vez esse direito; no Rio Grande do Norte. (Pat. – 22/4/1928, p.2)

(84) Ella não diminue a ninguem: porque visa engrandecer o vulto moral da Patria, engrandece e dignifica a quantos com sinceridade de animo **se** encontram unidos nesta santa cruzada de paz entre os brasileiros. (Gaz. – 28/9/1929, p.2)

(85) O alvi-celeste, depois de sua inesperada victoria sobre o Palestra, viu o enthusiasmo augmentar em suas fileiras e a continuos treinos tem **se** submettido afim de continuar a colher louros para as suas cores. (Gaz. – 23/3/1930, p.4)

De acordo com Galves, Torres-Morais & Ribeiro (2005), a possibilidade de ocorrer a colocação V1 cl V2 mesmo com verbos no particípio, é uma evidência de que os clíticos em PB não são realmente licenciados pela flexão e, sim, pelo verbo que atribui papel temático a eles.

Por fim, nas construções com verbo+gerúndio, tanto no *Patrocínio* quanto na *Gazeta*, a predileção é pelas construções V1 cl V2 (P:43%: G:57%) (86) e (87) e V1-cl V2 (P:43%) (88), assim como no corpus de Pagotto *(op. cit*.). Nos dados em que ocorre a colocação cl V1 V2, há operadores de próclise em todos os casos (89).

(86) Diz ainda o poeta, que O Patrocinio só procura rebaixar a classe preta desta terra. Saiba o ilustre pandego que esta folha surgiu e está **se** mantendo há mais de um anno com os 200 reis de uns e de outros como diz você, mas tão somente para elevar o nome da nossa raça e não para desmoralisal-a, como vocè quer dizer. Quem procura desmoralisar a classe preta desta cidade, é você mesmo com as suas palhaçadas. (Pat. – 22/4/1928, p.3)

(87) — Meus collegas, como devem saber, ha seculos que os sabios vêm **se** debatendo a respeito do desenvolvimento humano e sempre inultimente. (Gaz. – 8/4/1928, p.2)

(88) Foram-**se** indo de vez em quando trocavam algumas impressões. Eram impressões dos dias anteriores.

(Pat. – 7/4/1928, p.3)

(89) E' claro que, com essa penhora de consumidores, a vida havia de se tornar, como **se** vem tornando cada vêz mais pesada e mais cara. (Gaz. – 20/8/1930, p.1)

Todos esse dados, portanto, nos mostram que, ao contrário do esperado, os dois jornais são muito semelhantes em diversos aspectos, como veremos no capítulo seguinte.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Contrariamente ao esperado, o jornal de imprensa negra e o de circulação mais ampla apresentaram diversas características semelhantes. O pressuposto de que os colaboradores dos jornais negros teriam menor grau de escolaridade que os da outra imprensa não se sustentou – esses periódicos tinham participação, em sua maioria, de uma elite negra autodidata, que conseguiu driblar a dificuldade do acesso a uma educação formal, conforme revelado no capítulo dois.

Como observado em *O Patrocínio* e em outros exemplares da imprensa negra, como o *Clarim da Alvorada* e o *Getulino*, os negros queriam se igualar aos brancos e, através desses jornais, eles tentavam demonstrar que poderiam viver em sociedade como qualquer outro cidadão. Além disso, os negros sabiam que o letramento e o domínio da norma culta eram fatores fundamentais para que a população negra pudesse ascender na sociedade.

Os colaboradores do jornal de imprensa majoritária, no entanto, por fazerem parte da elite da cidade, tiveram acesso à escolarização formal com facilidade. Inclusive, porque, como também atestado no capítulo dois, Piracicaba era uma cidade com grande preocupação quanto à educação, pelo menos em seu meio urbano. Sendo assim, é perceptível também a preocupação com a norma culta por esses autores.

Como explicitado no capítulo três, essa norma culta almejada pelos colaboradores de ambas as imprensas é, até os dias de hoje, pautada na norma característica do PE e não do PB. No período em questão, o português brasileiro já mostrava características próprias, diversas da variante europeia, como mostrado no item acerca do percurso histórico das duas variantes (cf. Galves, 2005; Cyrino, 1990 e 1993; Pagotto 1992 e 1993, entre outros).

Os resultados desses dados confirmam a questão de que o falante de PB está sempre em um embate entre duas gramáticas: a sua gramática interna, ou seja, sua Língua-I; e parâmetros normativos externos adquiridos na escola.

Nesse contexto, a colocação dos pronomes clíticos é um fenômeno relevante para verificar essas constatações, pois o uso dessas estruturas

possibilita observar que o falante brasileiro trava uma batalha entre dois mundos: a sua colocação essencialmente proclítica, pautada por diversas questões fonéticas, além de sintáticas e morfológicas; e uma colocação formal, baseada em construções prioritariamente enclítica, utilizadas pelos portugueses.

Outro fator interessante encontrado em ambos os jornais foram as diversas sentenças em que mesmo com a presenção de um operador de próclise, o autor faz uso de ênclise. Provavelmente, como mostram diversos trabalhos, a ênclise possui um *status* de língua culta e correta. Entretanto, ao deslizar e lançar mão da ênclise quando até um falante do PE utilizaria próclise, o brasileiro demonstra que aquele padrão de colocação realmente não faz parte do inventário de estruturas computadas em sua gramática interna.

Em outros casos, em que não há uma regulamentação clara para o falante brasileiro quanto à ênclise, foi possível perceber, nos dois exemplares, a presença do vernáculo do período, tal qual nos casos com SN sujeito e sujeito pronominal antecedendo o verbo, nos quais a porcentagem de próclise foi bem mais alta.

Os dados com grupos verbais também apresentaram resultados interessantes. Foi possível verificar, nos dois jornais, a ocorrência crescente da colocação do pronome proclítico ao verbo principal do grupo verbal, que vem sendo atestada desde o século XIX e tornou-se a colocação comum no PB atual.

Podemos constatar, enfim, o fato de ser possível observar características próximas ao vernáculo do período nos dois exemplares de linguagem escrita analisados. Tal fator aponta a relevância desse corpus – ele confirma características particulares do PB do século XX já notadas por outros estudos.

BIBLIOGRAFIA

ALCÂNTARA, A. S. (2008). “Escravos letrados”. In: Revista Língua Portuguesa. SP, Ed.Segmento.

AMARAL, A (1976 [1920]). *O Dialeto Caipira – Gramática e Vocabulário*. SP, Secretaria de Cultura, Ciência e tecnologia do Estado de SP

ANDREWS, G. (1998). *Negros e Brancos em São Paulo (1888-1988).* Tradução de Magda Lopes. Bauru, SP, EDUSC.

ARAÚJO, M.; SILVA, G. (2005) “Da Interdição Escola às Ações Educacionais de Sucesso: Escolas dos Movimentos Negros e Escolas Profissionalizantes”. In: ROMÃO, J. (org.) *História da Educação do Negro e outras histórias*. Coleção Educação Para Todos.

BARBOSA, P. (2000) “Clitics – A window into the Null Subject Property” In: Costa, J. (ed.) *Portuguese Syntax – New Comparative Studies.* Oxford University Press.

BARROS, S. (2005) “Discutindo a escolarização da população negra em São Paulo entre o final do século XIX e início do XX”. In: ROMÃO, J. (org.) *História da Educação do Negro e outras histórias*. Coleção Educação Para Todos.

BASTIDE, R. (1951). “A imprensa negra do Estado de São Paulo” in: *Estudos afro-brasileiros*. SP, Perspectiva.

BECHARA, E. (2002) *Moderna Gramática Portuguesa*. Rio de Janeiro, Lucerna. [1999]

BONVINI, E. (2008) “Línguas africanas e o português falado no Brasil” in: FIORIN, J. & PETTERS, M. (orgs.) *Africa no Brasil: A formação da língua portuguesa.* São Paulo, Ed. Contexto.

CANDIDO, A. (2003) *Os Parceiros do Rio Bonito: estudo sobre o caipira paulista e as transformações no seu meio de vida*. São Paulo, Ed. 34.

CHOMSKY, N. (1993) *A Minimalist Program for Linguistics* - in Honor of Sylvain Bromberger. Cambridge, Mass., MIT Press.

CHRISTINO, B. P. (2001) *Português de gente branca – certas relações entre língua e raça na década de 1920.* Dissertação de mestrado. São Paulo, FFLCH.

CRUZ, M. (2005) “Uma Abordagem sobre a História da Educação dos Negros”. In: ROMÃO, J. (org.) *História da Educação do Negro e outras histórias*. Coleção Educação Para Todos.

CUNHA, C. & CINTRA, L. (2001). *Nova Gramática do Português Contemporâneo*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira.

CYRINO, S.M.L. (1993) “Observações sobre a mudança diacrônica no português do Brasil: objeto nulo e clíticos.”In: ROBERTS, Ian e KATO, M. (Orgs.) *Português brasileiro*: *uma viagem diacrônica*. Campinas, Editora da UNICAMP, p. 163-184.

CORREIA LEITE, J. L. – CUTI (1992) ... *e disse o velho militante José Correia Leite.* Ed. Nova América.

DOMINGUES, P. (2003) Uma história não contada: negro, racismo e branqueamento em São Paulo no pós-abolição. São Paulo, Ed.Senac.

DUARTE, I. (1993) “Do pronome nulo ao pronome pleno: a trajetória do sujeito no português do Brasil.” In: Mary A. Kato & Ian Roberts. (orgs.) *Português brasileiro — uma viagem diacrônica*. Campinas, Ed. UNICAMP.

_____; MATOS G. (2000) Romance clitics and the minimalist program. In: COSTA João (Org.) *Portuguese Syntax: New Comparative Studies*, Oxford. Oxford University Press.

FAUSTO, B. (1994) *A História do Brasil*. Edusp.

FERRARA, M. N. (1986) *A imprensa negra paulista 1915-1963*. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo. São Paulo.

FONSECA, M. V. (2005) “Pretos, Pardos, Criolos e Cabras nas Escolas Mineiras do Século XIX” In: ROMÃO, J. (org.) *História da Educação do Negro e outras histórias*. Coleção Educação Para Todos.

FREIRE, G. (2000) *Os clíticos de terceira pessoa e as estratégias para sua substituição na fala culta brasileira e lusitana*. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa. Rio de Janeiro, Faculdade de Letras, UFRJ.

GALVES, C. (1993) “O enfraquecimento da concordância no português brasileiro” In: Mary A. Kato & Ian Roberts. (orgs.) *Português brasileiro — uma viagem diacrônica*. Campinas, Ed. UNICAMP.

_____(2001) *Ensaios sobre as gramáticas do português*. Campinas. Editora da Unicamp.

_____ (2007) “A língua das caravelas: periodização do português europeu e origem do português brasileiro” In: CASTILHO, A. et al. Descrição, história e aquisição do porstuguês brasileiro. Campinas, Ed. Pontes.

_____ (2002); ABAURRE, M. (2002) “Os clíticos no português brasileiro: Elementos para uma abordagem sintático-fonológica. In: CASTILHO, A. & BASÍLIO, M. (orgs) *Gramática do Português Falado*. v.IV *Estudos Descritivos*. Campinas, Editora Unicamp, p.267-312.

_____; BRITTO, H.; PAIXÃO DE SOUSA, M. C.(2005) “The change in clitic placement from Classical to Modern European Portuguese: Results from the Tycho Brahe Corpus”. Journal of Portuguese Linguistics, n. 4.

_____; TORRES-MORAIS, M. RIBEIRO, I. (2005) “Syntax and Morphology in the Placement of Clitics in European and Brazilian Portuguese”. Journal of Portuguese Linguistics, 4, p.143-177.

GARCIA, M. (1997) Os arcanos da cidadania: a imprensa negra paulistana nos primórdios do século XX. Dissertação de Mestrado.São Paulo, FFLCH.

GONÇALVES, L.A. O. & SILVA, P. B. G. (2000) “Movimento negro e educação”. Revista Brasileira de Educação, n.15.

GUERRINI (1970) *História de Piracicaba em Quadrinhos*. Piracicaba, IHPG.

IGLÉSIAS, F. (2003) *Memórias de um agrônomo: à noiva da colina Piracicaba*. Piracicaba, Ed. Agronômina Ceres.

KATO, M. (2006) “A gramática do letrado: questões para a teoria gramatical”.In: MARQUES M. A; KOLLER, E.,J.Teixeira & A. S. Lemos (orgs). *Ciências da Linguagem: trinta anos de investigação e ensino.* Braga: CEHUM (U. do Minho).

LOBO, Tânia (1992). *A colocação dos clíticos em Português: duas sincronias em confronto*. Lisboa: Universidade de Lisboa. Dissertação de Mestrado.

LOPES, C. L. & RUMEU, M.C. (s/d) O Quadro dos pronomes pessoais do Português: as mudanças na especificação dos traços intrínsecos.

MENON, O. P.(s/d) A História de Você.

MIRA MATEUS, M. H. et al. (2003) *Gramática da Língua Portuguesa*. Lisboa, Editorial Caminho.

MIRANDA, Rodrigo (2005). *Um caminho de suor e letras: a militância negra em Campinas e a construção de uma comunidade imaginada nas páginas do Getulino (Campinas 1923-1926).* Dissertação de Mestrado, IFCH / UNICAMP.

MONTEIRO, N. (1988) *Piracicaba "a cidade das escolas".*

MORAIS, C. (2007) "Ler e escrever: habilidades de escravos e de forros? Comarca do Rio das Mortes, Minas Gerais, 1731 – 1850". Revista Brasileira de Educação, v.12, n. 36.

MORITO MACHADO, A. C (2006). *O uso e a ordem dos clíticos na escrita de estudantes da cidade do Rio de Janeiro*. Rio de Janeiro, UFRJ, Faculdade de Letras. 136 p.mimeo. Dissertação de Mestrado em Língua Portuguesa.

MOURA, C. (2002). *Imprensa Negra*. São Paulo, Imprensa Oficial.

NASCIMENTO, E. (2003). *O sortilégio da cor*: identidade, raça e gênero no Brasil. São Paulo, Ed. Summus.

NEME, M. (1974) *História da Fundação de Piracicaba.* Piracicaba, IHPG.

NETTO, E. (2002/03) Memorial de Piracicaba.

_____ (2007) www.aprovincia.com

NUNES, J. (1993) Direção de cliticização, objeto nulo e pronome tônico na posição de objeto em Português Brasileiro. In: ROBERTS, Ian & KATO, Mary (orgs.) *Português Brasileiro: uma viagem diacrônica*. Campinas, Editora da UNICAMP. p.207-222.

OLIVEIRA, M. & KEWITZ, V. (2002)"A representação do caipira na imprensa Paulista do século XIX". In: DUARTE, M.E. & CALLOU, D. (orgs.)*Para a História do Português Brasileiro,* Volume 4. Rio de Janeiro, Faperj.

PAGOTTO, E. (1993) "Clíticos, mudança e seleção natural ». In: ROBERTS, Ian e KATO, M. (Orgs.) *Português brasileiro*: *uma viagem diacrônica*. Campinas, Editora da UNICAMP, p. 185-206.

_____ & DUARTE, M. E (2004). Gênero e norma; avós e netos, classes e clíticos no final do século XIX In Lopes, Célia R. dos S. (2005)*A norma brasileira em construção: fatos linguísticos em cartas pessoais do século 19*. Rio de Janeiro: In-Fólio. (Comunicação apresentada no VI Seminário do PHPB).

PINTO, E. P. (1978) *O Português do Brasil: textos críticos e teóricos* 2 – 1920/1945, fontes para a teoria e a história. Rio de Janeiro: Livros Técnicos e Científicos, São Paulo, EDUSP.

QUEIROZ, A. & ROMANINI, M. (2006) "Prudente de Morares e os primórdios da propaganda política". Comunicação apresentada no I Congresso anual da associação brasileira de persquisadores de comunicação e política. Bahia.

RAPOSO, Eduardo. 2000. “Clitic Positions and Verb Movement” In: Costa, J. (ed.) *Portuguese Syntax – New Comparative Studies.*Oxford University Press.

ROCHA LIMA, Carlos Henrique da (1962) *Gramática normativa da língua portuguesa*. Rio de Janeiro, Ed. José Olympio.

RODRIGUES, A. (1974). *Dialeto Caipira na Região de Piracicaba*. São Paulo, Ed. Ática.

SAID ALI, M. (1957) *Dificuldades da Língua Portuguêsa*. Livraria Acadêmica, Rio de Janeiro.

SCHEI, A. (2000) *A colocação pronominal na lingual literária contemporânea do português brasileiro.* Stockholms Universitet- Tese de doutorado.

_____(2003). *A colocação pronominal do Português Brasileiro: a linguagem literária contemporânea*. São Paulo: Humanitas/USP.

SCHWARCZ, L. (1987) *Retrato em branco e negro*: jornais, escravos e cidadãos em São Paulono final do século XIX. São Paulo, Cia. Das Letras.

TEYSSIER, Paul. (2007). *História da língua portuguesa.* (Tradução de Celso Cunha).Lisboa: Sá da Costa. 3.ed. São Paulo, Martins Fontes.

TORRES-MORAIS, M (1995) *Do português clássico ao português moderno: um estudo da cliticização e do movimento do verbo*. Unpublished doctoral thesis, UNICAMP.

_____ (1998) “Para uma abordagem diacrônica do Português Brasileiro”, in *Para a História do Português Brasileiro*, Volume 1: Primeiras ideias, p.121-140.

_____ (2002) “Rastreando aspectos gramaticais e sociohistóricos do português brasileiro em anúncios de jornais do século XIX” In: *Para a História do Português Brasileiro*, Volume 3: Novos estudos, p.69-117.

_____ & RIBEIRO, I. (2005) “Contraste da Sintaxe dos Clíticos no Português Europeu e Português Brasileiro”. Linha D’Água, 17, p. 21-48.

_____ & BERLINCK, R.de A. (2006) A caracterização do objeto indireto no português: aspectos sincrônicos e diacrônicos. In: LOBO T; RIBEIRO, I; Z & ALMEIDA, N. *Novos dados , novas análises*. Vol.VI. Tomo I. Salvador. EDUFBA.

VIEIRA, Silvia Rodrigues. (2003) “Colocação pronominal nas variedades europeia, brasileira e moçambicana: para a definição da natureza do clítico em Português”. In: Análise Contrastiva de Variedades do Português. Rio de Janeiro, Infolio.

——— (2004) O ensino da colocação pronominal: prescrição e uso. In: VIEIRA, S. R. & BRANDÃO, S. F. (orgs) *Morfossintaxe e ensino de Português: reflexões epropostas.* Rio de Janeiro, Faculdade de Letras/UFRJ, p.179-206.

ANEXOS

ANEXO A

O PATROCINIO

ORGAM LITERARIO, CRITICO E HUMORISTICO

Propriedade: SOCIEDADE ANONYMA — Redactor principal: ALBERTO DE ALMEIDA — Redacção: RUA DO ROZARIO N. 134

Assignatura: Anno 5$000 — Numero avulso: $200

Numero 46 | Piracicaba, 20 de Outubro de 1929 | Anno 4

Nosso anniversario

Passou dia 17 deste, mais um anniversario desta modesta e pequena folha que ha mais de tres annos vem labutando no scenario social dos homens de cor desta cidade.

Não é sem difficuldades que chegamos a vencer mais um anno de lucta; pois num ambiente pobre como é o nosso, só mesmo a custa de muita força de vontade se póde conseguir alguma cousa.

Quanto á nossa actuação em relação ao nosso programma, cremos estarmos cumprindo o mesmo com criterio, embora a sua acção seja um tanto vagarosa, o que não nos importa, por que sabemos que a nossa capacidade e os nossos recursos não nos permittem realisar obras de grandes vultos.

Ademais, supprimos unicamente com a nossa força de vontade, aquillo que nos falta em mentalidade.

Nós temos que seguir a marcha da nossa classe, seria portanto inutil querermos fazer grandes coisas, sem que a nossa gente esteja de antemão preparada para recebel-as.

Entretanto, parece nos que podemos dizer sem pejo, que vamos marchando para a frente, embora que a cada passo tenhamos que enfrentar novas difficuldades, alem de um grande numero de despeitados que vivem a dizer que esta folha só serve para deprimir a classe, com o que tambem não nos incommodamos, porque a acção do tempo e o desenrolar dos factos, encarregar se ão de mostrar a verdade, e dizer quem é que está com a razão.

Embora haja quem faça desta folha um juizo bastante differente do seu programma, parece nos entretanto que ella não passa de uma folha de propaganda e de interesse da classe preta piracicabana, onde todos os factos são registrados com imparcialidade.

Felizmente já não estamos só em campo; já contavamos com o apoio da benemerita sociedade beneficente 13 de Maio, representada pela sua digna e esforçada directoria, quando agora acabamos de receber o apoio e

JOSÉ DO PATROCINIO — O grande tribuno e publicista negro, que ao lado de Joaquim Nabuco e outros, muito fez para a extincção do captiveiro e a quem tomamos por patrono.

o prestigio vigoroso do nosso brilhante confrade, «O Clarim d'Alvorada», intrepido orgam da classe negra no Estado de S. Paulo, o que ainda mais veio nos encher de fé e redobrar de vigor as nossas forças para proseguir mos em campo, convictos de que estamos realisando alguma coisa digna de apreciação.

Portanto, commemorando com o presente numero o nosso quarto anniversario, agradecemos sinceramente aos nossos dignos leitores e admiradores as honrosas defferencias a nós dispensadas, as quaes são para nós um penhor de reconhecida gratidão.

SOLIDÃO

E chove... Uma gotteira, fóra,
como alguem que canta de ninguem,
canta, monotona e sonora,
a ballada do pingo d'agua.

Chovia quando tu foste embora.

BENEDICTA PRADO

O PATROCINIO

No dia de hoje completa mais um anniversario, o jornal que já se fez popularisar em nosso meio, dado ao efficiente prestigio da sua direcção, confiada ao nosso prezado collega Alberto de Almeida.

A imprensa negra brasileira, mais uma vez se sente satisfeita, porquanto é chegado o dia de recordar o apparecimento do «O Patrocinio», um dos organs da nossa raça, representante do sentir de um pugillo de novos orientadores de nossos deveres de bons brasileiros na prospera e bella Piracicaba, a cidade dos estudiosos. O nosso prezado orgam é um dos orientadores desta geração que tem labutado em pról da nossa raça, afim de que lhe seja reintegrado os seus direitos concretisados seus prestigios, na realidade dos factos.

E' por essa razão que, desta Paulicéa congestionada com o seu progresso assombroso, onde ha um mixto de raça e de conceitos, onde ainda a nossa raça labuta, controllando as difficuldades com as realisações, é que o nosso «Clarim d'Alvorada» não se desanima em annunciar com o seu toque, o acclarar imprescindivel e justo appello — o da unificação dos nossos direitos, num Congresso de Negros, para que se torne em realidade tudo quanto necessitamos.

Mais um anniversario feliz, completa hoje o nosso caro confrade «O Patrocinio»; os seus leitores, por certo, não pouparão esforços para que a sua existencia seja infinita; e, assim sendo, um dos seus collaboradores que prazeirosamente escreve estas linhas, sente se satisfeito em compartilhar deste grande dia, e presta esta singela homenagem ao confrade, aos seus orientadores, afim de que se multiplique por muitos annos, este grande acontecimento, que vem contribuir para a confraternisação dos nossos ideaes em toda nossa terra, dando a conhecer a todos os sensatos, tudo quanto é mister as realisações dignas em pról da Patria e da nossa raça.

JAYME DE AGUIAR

O homem mais tolo do reino

(Este é um conto illustrado de ATTILA DE CARVALHO, extrahido da «Excelsior.»)

Abdull Azzi, poderoso sultão, já havia regressado aos seus dominios e descansava recostado nos fofos cochins de seu palacio, recordando as «razzia», victoriosas que realisára pelas tribus infieis, quando um dos seus ajudantes o foi avisar de que um extrangeiro, um francez, o procurava para um assumpto de grande interesse para o reino.

— Por Allah! — disse o sultão — mal chego e sou já importunado!

Mas, homem accessivel e amigo dos extrangeiros, sobretudo dos francezes, Abdull Azzi se dispoz a recebel-o. E collocando o turbante á cabeça e afivelando o seu cinturão de guerra, de onde pendia uma adaga com punho encastoado de pedras preciosas, o potentado desceu á sala, dos despachos.

O forasteiro maravilhado com a presença do sultão, ao ver-lhe a figura magestosa, o rosto prazenteiro, com a barba preta a descer-lhe quasi á cintura, levantou-se e, fazendo uma reverencia á ottomana, saudou-o com voz doce mas energica:

— Que Allah, com todas as bençãos e graças, proteja o mais poderoso monarcha do Oriente, dando-lhe saude corporal, mental e abundancia em seus dominios.

— Obrigado, extrangeiro; dizei ao que vindes — retrucou o sultão lisonjeado com as mesuras e palavras do francez.

— Poderoso senhor — disse-lhe — trago-vos um invento precioso que irá tornar mais fortes ainda os vossos invenciveis exercitos, um modelo de metralhadora, o engenho mais mortifero e diabolico que appareceu á face da terra.

E, mostrando aos olhos curiosos do monarcha, o modelo de que vinha munido, explicou:

— E' repito, um invento diabolico. São, a uma simples manobra, cem tiros por minuto.

E fez então funccionar o pequeno instrumento, que deu de si a melhor impressão.

Maravilhado, Abdull Azzi considerou de um golpe as vantagens que lhe advinham da posse de algumas daquellas mortiferas armas. E perguntou então ao extrangeiro:

— E, por quantas moedas de ouro terei eu dez desses engenhos?

— Oh! magnifico senhor! Não me move nenhum interesse, nem avidez de ouro. Quero somente a sua gloria e a grandeza de Allah — respondeu. Mas creio que 500 mil francos francezes pagarão esse poderoso auxilio que trago ás vossas armas.

— Seja! disse o sultão.

E, chamando á sua presença o thesoureiro real, o nobre e astuto Bem Ami, ordenou-lhe que entregasse ao francez a quantia pedida, com a condição e promessa delle trazer, dentro de tres mezes, as metralhadoras.

Escusado será dizer que o bom e fiel Bem Ami se oppoz, com quantas forças teve, para evitar a entrega do dinheiro. Mas as ordens eram formaes.

***

Um anno decorreu. Abdull Azzi, dando pasto á sua sede de sangue, fizera já muitas outras «razzias», travara outras tantas guerras, sem o auxilio, está claro, das metralhadoras do francez. Este e aquellas jamais appareceram.

Certo dia, em que havia uma festa no palacio, o soberano que presidia a alguns jogos, chamando Bem Ami, ordenou-lhe jocosamente, que organisasse uma lista dos homens mais tolos do reino e lh'a trouxesse.

Bem Ami não hesitou. E, remoendo ainda a partida do francez, tomou um estylographo e gravou num pergaminho, em primeiro logar o nome do monarcha. Todos extranharam aquella irreverencia, pois Abdull Azzi era tido como um dos mais sabios e augustos monarchas do Oriente.

O sultão, vendo seu nome na lista, em primeiro logar, e extranhando igualmente o procedimento do thesoureiro, interpellou-o sobre a causa dessa opinião tão desfavoravel a sua pessoa.

Bem Ami lembrou-lhe então, com ar de censura, o caso do francez das metralhadoras, que tão infamemente o illudira, não voltando ao reino com a encommenda e, o que era mais grave, não restituindo ao real erario, o ouro delle retirado de forma tão indigna.

Abdull Azzi era tão poderoso quão benevolente, e, por isso, não se zangou com o seu fiel auxiliar. Mas teve ainda uma hesitação e observou:

— E se elle voltar?

— Nesse caso, meu senhor, riscarei o nome de vossa magestade e o substituirei pelo do francez.

E sorriu com malicia.

José Leite de Oliveira

PEDREIRO

Executa qualquer serviço concernente a arte

RUA DO ROSARIO N. 134

PIRACICABA

JAYME DE AGUIAR — O fundador d'«O Clarim da Alvorada» e nosso illustre collaborador, ao qual prestamos as homenagens.

RECORTE

CENTENARIO DE LUIZ GAMA

PROJECTA-SE ERGUER, EM S. PAULO UMA HERMA AO GRANDE ABOLICIONISTA.

A 21 de junho do anno proximo vindouro, completar-se-á o primeiro centenario do nascimento de Luiz Gama, uma das figuras de maior destaque da campanha do abolicionismo no Brasil.

Jornalista de pulso Gama concorreu grandemente para o advento da abolição, não somente com o poder persuasivo de sua penna fulgurante, como ainda, com a sua actuação pessoal, graças á notavel influencia politica que elle desfructava no 2.o periodo imperial brasileiro.

Estão, pois, em projecto, em São Paulo varias commemorações em homenagem á memoria de Luiz Gama cujas realisações, effectuar-se-ão na referida data.

O jornal «Progresso», que se publica em São Paulo, patrocinará as commemorações entre as quaes figurará a inauguração, a 21 de junho de 1930, de uma herma a Luiz Gama, que será collocada em uma das praças da cidade.

Para dar execução ao projecto, foi organisada uma commissão, composta pelos srs. Alipio da Silva, Horacio Cunha, Benedicto Henrique Dias, Euclydes dos Santos, Argentino Celso Wanderley, João Eugenio da Costa e Lino Guedes.

O meio centenario da lampada electrica

Edison, o seu inventor, terá uma participação interessantissima

No dia 23 deste será festejado nos nos Estados Unidos o 50.o anniversario da lampada electrica. Naturalmente as homenagens a boa amiga do homem se reflectirão — e com quanta propriedade — sobre a pessoa do inventor Thomas Edison, que, apesar dos seus oitenta e tantos annos, lá continua forte e jovial, só agora disposto a retirar se da actividade.

Entre os numeros do programma de festejos, annuncia se um particularmente interessante. No dia indicado a certo momento, Edison comprimirá um pequeno botão, e com esse movimentosinho insignificante apagará toda a illuminação dos Estados Unidos.

O paiz inteiro mergulhará nas trevas.

Mas será só por alguns segundos, Edison comprimirá outro botão e fará voltar a luz, de certo sob um coro de acclamações que irá do Atlantico ao Pacifico e das fronteiras do Canadá ás fronteiras do Mexico.

Um escriptor, apreciando a idea que se pretende realisar, pergunta :— «Porque, porém, apagar todas as lampadas? Não seria mais razoavel que Edison se encarregasse de accender as, numa só fracção de segundos, elle que levou cincoenta annos a accender pouco a pouco, milhões de lampadas em todo o seu paiz e em todo o mundo?»

Mas a idéa de apagar as luzes é mais interessante e mais significativa.

O que se pretende com isso é dar ao povo, por uma forma impressionante e incisiva, a sensação do progresso realisado graças ao genio dos inventores e, especialmente de Thomas Edison.

Fazendo o voltar por um rapido momento á escuridão, conseguir se á que ninguem, no paiz inteiro, deixe de sentir ao vivo o immenso beneficio de que toda a gente vae gozando, quasi sem dar por isso.

Idéa intelligente e justa.

Os beneficios da civilisação, os materiaes como outros, são desconhecidos e negados com a maior facilidade deste mundo. Basta que um cidadão perca um bonde ou que alguem lhe pise num calo para que elle saia immediatamente com uma tirada philosophica acêrca da incuravel animalidade do genero humano, da mentira de todos os ideaes e da inanidade de todas as pretensas conquistas da civilisação.

Bicho de memoria fraca, o homem faz de conta que todos os confortos e todas as seguranças que o rodeiam, nos meios adeantados, são simplesmente obra da natureza. Quanto ao seu semelhante, não faz senão estragar tudo isso.

O mundo já foi creado com cidades e palacios, com correios e telegraphos, com estradas de ferro, com ruas calçadas e bondes e lampadas electricos. Nada disso custou esforços millenarios, lentos, desesperados, tormentosos, em que milhões de heroismos de varia intensidade naufragaram uns após outros no mar do tempo. O raio do homem só sabe fazer mal. Tambem não admira. Se é apenas um macaco degenerado!

Convinha bastante que, de quando em quando, se pegassem uns pelotões desses cavalheiros difficeis e se fossem largar no sertão do Amazonas ou no centro do pantanal de Matto Grosso, com um bahu de roupas e uns trens de cosinha por todo equipamento, obrigando-os a passar por lá uns mezes de ferias.

Mas, como isso não é pratico, ao menos poder se-ia adaptar o processo que vae ser agora applicado nos Estados Unidos com as lampadas electricas: supressão momentanea de alguma coisa definitivamente incorporada aos habitos quotidianos e a que por isso já não se dá nenhuma importancia.

Por exemplo: supprimir por uma semana o serviço do correio, o trafego de bondes ou a publicação dos jornaes fechar por tres dias todas as pharmacias ou todas as casas de barbeiros, dar uma folga de meia semana a todos os varredores de ruas e collectores de lixo.

Seria impossivel que não passasse pela maioria dos espiritos, um certo sentimento da solidariedade effectiva que liga, queiram ou não queiram, todas as classes e toda a gente.

Sentimento salutarissimo, nestes tempos em que ainda existem tantas alminhas absolutamente seguras de que nada têm de commum com o «vulgum pecus» e de nada devem nem aos passados nem aos contemporaneos.

(Transcripção)

O homem negro no Brasil só occupará outra posição de destaque na sociedade, quando a classe for unida e instruida.

Com a realisação do Primeiro Congresso da Mocidade Negra do Brasil, estará dado o primeiro passo para a ascenção definitiva da raça.

Sociedade B. 13 de Maio

Commemorando a grande data de 28 de Setembro, a Sociedade Beneficente 13 de Maio realisou em sua séde uma bella festa que se prolongou até altas horas da noite, cujo programma agradou aos assistentes. Uma bem organisada secção onde se fizeram ouvir diversos oradores, um animado soirée dansante, enfim, tudo quanto se fizeram com o fim de solennizar a passagem do anniversario do Ventre Livre, comprovou por assim dizer, que a Sociedade Beneficente 13 de Maio vae, de dia para dia, progredindo sempre.

Festas beneficentes

A nossa municipalidade, com o fim louvavel de angariar donativos em pról da Santa Casa, fez realisar no Largo da Estação Velha, varios passatempos, proporcionando por esse modo horas de verdadeira felicidade aos que para lá se dirijiram. Musica, fogos, bebidas, tudo que ha de bom, saudavel e barato.

Concorrer para o bem estar de outrem, é a mais bella obra que se pudera praticar na terra.

Machadadas

O Pedro Isca tem muita razão quando elle diz que essas guachas pintam.

Pois nós vimos no jardim, dois guachos rioclarenses, jaquetinha preta, calça branca, camisa branca e gravata borboleta preta e palheta, firmes com duas respeitaveis guachinhas mettendo agua na bocca do Julio Maia, que no momento passava pelo local.

Até o Jango está com a vida feita nesta terra, o que mais se espera.

E' por causa della que elle não quer mais saber da Paulicea.

Então Castorino voce com uma parte de boi sonso vae pedir a mão da menina?

Para quando?

Não foi sem razão que o 28, perdeu em Dois Correg s. Os proprios guachos piracicabanos «torceram» contra nós com interesse nas torcedoras.

Os Toninhos bancaram o Lazinho e gritaram ao redor do campo:

— A coisa bôa é aqui!

Não se incommode Esmeralda. Ha muita gente que confunde prestigio com belleza.

Tuta, francamente não sabia que voce era tão pretenciosa. E' pena...

Sustenta a nota Flavio; praga de urubú, não mata cavallo velho.

Desta vez, nem um dos tres. Zé, Bidú e Ormindo, deixaram a menina do mysterio.

Caixa Postal

Encontramos em nossa caixa, umas reclamações tolas sobre o resultado do concurso realisado no ultimo baile.

E' pena que ainda haja gente fraca de memoria e idéas, para escrever aquellas linhas; felizmente nós não levamos aquillo em consideração.

Tuta, tenho muita pena de não poder satisfazer os teus desejos.

Mas o «Coração» que você sonhou, foi muito mal sonhado e não vale a pena contar aos outros.

Escreva de novo e volte.

OLHOS SEM LUZ...

Nessa dormencia, languida, serena,
Com que me fitas, se acaso eu te fito...
Ha muito do olhar de Magdalena
Bastante fé e mysterioso rito.

Teus olhos são subtis como phalena,
E de frieza bruta de granito!
Não têm perfume, — e são como açucena,
Têm pouca luz, — e são como o infinito!..

São mundos pequeninos, incendiados!
No emtanto, um fogo, flammiforme acceso,
Occultamente esconde-lhe os abróllhos...

Parece que elles são crystallisados!
E que seu brilho todo está reprezo
Por entre os silios negros dos teus olhos.

GERVASIO DE MORAES

São Paulo

Columna dos marmores

Não sei porque o W. J., vulgo Capivara, largou do C. Piracicabano.

NILO — Você sabe quem é minha namorada?

— Não.

— E' a...

— ... meus pezames!

Titico, venha ás 7 horas e 7 minutos!

Caio, Uruguayo, natural de S. Pedro, campeão absoluto de trampolinagem! Quem jogar futebol contra elle, perderá a memoria!

Ultima hora — São Pedro.

A chegada do Anisio C. foi o maior acontecimento social do tempo.

Olá! Muito digno Petronio; monumento de elegancia e outras coisas mais (gravidade) que no momento não me occorrem á ideia!

Quá, quá, quá... Não ha como sete e meio na tarimba!

— O que diz, seu Alvim?

— E' verdade seu Mario; não ha como sete e meio na tarimba, debaixo do travesseiro.

Está devidamente assentado que o Nilo vae ser a boia salva-vida do C. Nautico.

Dizem que o Fifi está ficando magro de tanto andar a pé.

Pobre! está achando falta da 741.

José da Silva Campos
Pintor
Escrip.: Palacete Sta. Helena
Praça da Sé, 43 e 53. Sala 141.
1.o andar — Phone, 2-3212
S. PAULO

Centro Piracicabano
Agencia de Loterias
Salão de engraxate com secção de Cigarros a varejo.
NOTA — Neste salão vende-se o «Patrocinio»
ALVARO LORDELLO
Rua do Commercio, 147 — Piracicaba

PRINCEZA DO NORTE
Realisa seus ensaios dançantes ás terças feiras das 9 ás 21 horas.
Rua Quintino Bocayuva, 80 — S. Paulo

ANEXO B

GAZETA DE PIRACICABA

REDACTOR — João Silveira Mello

GERENTE — Christovam Donatz

Anno XLVIII | Redacção e administração: RUA S. JOSÉ' N. 92 Telephone, 7 — Caixa Postal, 20 | Sabbado, 19 de Outubro de 1929 | ASSIGNATURAS: Anno . . . . . 20$000 Trimestre . . . . . 5$000 | N. 10.978

O instrumento delles...

Desde que o sr. Washington Luis, por um daquelles gestos muito seus de facciosismo, estabeleceu no Banco do Brasil o mais activo dos seus collegios eleitoraes, os porta vozes do Catete não fazem outra cousa senão ameaçar as figuras mais representativas da Alliança, com hypotheticas revelações de não menos hypotheticos escandalos. O sr. Irineu Machado, então, fez dessas ameaças uma especie de bomba de dynamite... Elle tinha cousas formidaveis a revelar... Tinha documentos da maior importancia, que, dados á publicidade viriam modificar radicalmente o actual estado de cousas... Tinha... Emfim, o que o sr. Irineu Machado disse possuir contra os srs. Getulio Vargas, Antonio Carlos e outros proceres da corrente adversa ao presidente da Republica era de tal gravidade, de tamanha influencia nos acontecimentos politicos, que a. exa., com aquella ponderação e aquelle senso das responsabilidades que todo o Brasil lhe reconhece, hesitava, francamente, em dar á publicidade, da tribuna da Camara Alta...

Era a bomba, a famosa bomba, dependurada por um fio, sobre a cabeça dos chefes liberaes.

O governo procurava, assim, formar um ambiente de duvida, de desconfiança em torno ao nome inatacavel dos presidentes gaucho e mineiro.

Essa atmosphera de espectativa, criada, assim, com uma habilidade satanica não podia ser, no entanto, prolongada indefinidamente. O publico, aguilhoado ao vivo com as meias allusões ferinas reclamava a «verdade». Que é que o governo escondia sob essas constantes ameaças? E o sr. Irineu Machado teve, afinal, que dizer o grande segredo... O «grande segredo», foi o que todo o paiz viu, assombrado com tamanha petulancia: uma simples, uma natural e corrente operação de credito feita pelo sr. Palm Filho no Banco do Brasil!

Que é que essa operação apresentava de anormal? Nada. Coussissima nenhuma. Trata-se de um emprestimo realisado mediante as melhores garantias hypothecarias e aos juros communs. O sr. Palm Filho realisou esse emprestimo no Banco do Brasil como o faria realisado em outro qualquer estabelecimento de credito, que fornece capital a juro. Operação puramente commercial teve ella o aval do sr. Getulio Vargas como o poderia ter tido do honrado cidadão que nos governa, ou do sr. Julio Prestes. Isso mesmo o provou, quiçá, involuntariamente, da tribuna do Senado, o proprio sr. Irineu Machado lendo na integra a copia de escriptura.

Mas, se os effeitos da celebre bomba foram, o contrario, justamente, daquillo que os governistas vinham apregoando; se a honorabilidade e a lisura de proceder do presidente gancho sahiram do incidente sem o mais ligeiro arranhão, não se deve perder de vista, todavia, o animo perverso, que o falhado golpe denuncia.

O homem que airaçoou o eleitorado carioca, passando a defender os oligarchas que o opprimem, tentando desfigurar um nome limpo e honrado como o do dr. Getulio Vargas, desceu, evidentemente, ao terreno do aleive e da calumnia. Lançou sobre esse nome uma pecha que estava na obrigação moral de provar. Mas, não provou nada. Ou, pelo contrario, provou o diametralmente opposto.

Abdicou, portanto, de toda e qualquer pretensão que ainda pudesse nutrir a passar no conceito publico por um homem de bem. Fez-se nas mãos do governo que o «catechisou» o instrumento da mais triste das hostilidades partidarias: a que se processa pela calumnia e pela inverdade.

Mas que idéa fazermos daquelles que não se pejam de manejar taes instrumentos?

Pela politica

Esses pauperrimos papeis impressos que por ahi andam a sol do governo seriam a mais gostosa pilheria, em materia de intelligencia, se não fossem a mais triste demonstração do que póde a petulancia a serviço da venalidade.

Na defesa dos seus patrões não só perdem a faculdade de corar, se é que alguma vez a tiveram, como se tornam infinitamente mais crelinos do que realmente são...

Veja-se, a este respeito, o que entre outras infinitas asneiras diz-se um desses papeis que ninguem não lê, tratando hontem da crise do café de que resultou a demissão do sr. Rollim Telles. Eis o trechinho de ouro:

«A crise que ora se accentuou e cuja intervenção do Banco do Brasil na praça de Santos e outras cafeiras a solucionará, não é virgem no paiz, tendo ella algum, senão muitos, pontos de contacto com a que irrompeu em condições analogas, quando presidente de S. Paulo o sr. Washington Luis, e o sr. Epitacio Pessoa, presidente da Republica.

A crise actual, porém, foi agitada pelos alliancistas-liberaes que recorrem descrupulosamente á baixeza e ao pessimismo derrotista que toma feição inquietante e impatriotica na imprensa partidaria que especializa os seus aos interesses collectivos da Nação».

De maneira que a actual crise, tem muitos pontos de contacto com a que irrompeu nos governos do sr. Washington Luis, em S. Paulo e Epitacio Pessoa no da Republica, mas é obra dos alliancistas!

E é com argumentadores desta bitola que se gastam dinheiros farto!

Parece incrivel!

Dr. Luiz Gonzaga C. Toledo

Clinica medico-cirurgica e Syphilis

Consultas das 12 ás 16 horas

Consultorio e residencia: R. 13 de Maio n. 144—Phone 5—9—8—Piracicaba

SECÇÃO FORENSE

Si uma pessôa declara, no seu testamento, que deixa a outra um predio, com a condição de, por morte do legatario, passar o immovel aos filhos do mesmo—morrendo o legatario, antes do testador, terão os herdeiros delle, legatario, direito de recolher a herança, conforme, em varios accordãos, tem se decidido o Egregio Tribunal de Justiça.

AUTO GAIÓ.

NO TRIBUNAL DE JUSTIÇA

—Estão em mesa para proximo julgamento os autos da appellação criminal, entre partes—a Justiça Publica, appellante, e Angelo e Ernesto Contador, appellados. O procurador geral do Estado deu parecer contra o provimento do recurso.

NO JUIZO DE DIREITO:

—Foram ao dr. Promotor Publico interino, para a promoção, os autos de acção criminal a que responde o indiciado Luiz Zanon, denunciado como incurso no art. 303, do Codigo Penal.

—Foram concluses ao M. Juiz com o laudo dos avaliadores, os autos de inventario da finada d. Anna Corrente Dedine.

—Foram contadas as custas nos autos de pedido de deposito feito por Adriano Perina, na acção em que contende com João de Oliveira Bueno.

—Foram contadas as custas nos autos de protesto, requerido por Adriano Perina, contra João de Oliveira Bueno.

Foram com vista ao autor, para as razões finaes, os autos da acção possessoria de manutenção, entre partes — Gaetano Ferrari, autor, e José Massani e outros, reus.

Instrucção publica

O professor sr. Manoel Rodrigues Lourenço, director das escolas reunidas de Guamium, neste municipio, foi nomeado para substituir, em commissão, o professor sr. Orlando Martins Lino, director das escolas reunidas de Chicó, durante o seu impedimento;

—O professor Octavio Hemem de Mello, das escolas reunidas de Santa Maria, em São Pedro, obteve 20 dias de licença

Santa Casa de Misericordia

Realisou-se no dia 10 do corrente a nona sessão ordinaria da Mesa Administrativa d'esta instituição de caridade, com a presença dos srs. dr. Coriolano Ferraz do Amaral, provedor, Oscar Bueno de Moraes, thesoureiro, José Martins de Toledo, secretario, Antonio Maciel de Barros, cel. José Barbosa Ferraz e prof. Pedro Crem Filho, mesarios.

Por deliberação unanime foram incluidos no quadro Irmandade os srs. André de Moraes Sampaio, João Boccanegra Ledesma, João Domingos Gim nes, João e Narciso Rossini.

Foram approvadas, por unanimidade de votos, as contas de Setembro, apresentadas pelo sr. Thesoureiro, constando as mesmas do seguinte: receita . . . . . 22:041$200, despesas 13:116$000 e saldo 8:925$200.

A receita contribuiu-se do seguinte: subvenção da União . . 15:000$000, donativos para a Santa Casa 1:942$000, pensionistas 1:860$000, alugueis de casas 1:548$000, donativos para os Lazaros 908$200, annuidades dos Irmãos 768$000 e donativo para o Asylo São Lazaro 20$000.

As contas das despezas foram as seguintes: Santa Casa e Hospicio 2:710$300, pessoal 2.675$000, eventuaes 2:636$000, Asylo São Lazaro 1:732$000, fornecimentos diversos 1:531$500, entregue aos Lazaros 908$200, pharmacia . . 493$600, reparação de casas . . . 230$500, cobrança 220$100 e impressos e publicações 38$500.

O saldo de 8:925$200 foi recolhido á agencia do Banco Commercial d'esta cidade.

A Brasserie-Ao Publico

SECÇÃO DE SORVETES—De hoje em diante teremos esta secção com esplendidos sorvetes que serão servidos em taças.
SECÇÃO DE DOCES GELADOS—Não podendo atender, como desejamos, a nossa freguesia cada vez mais numerosa, já encommendamos uma machina de maior producção.
SECÇÃO DE GARAPA—A mais antiga e perfeita desta cidade
SECÇÃO DE BAR—Acabamos de receber o que ha de bom e fino: Champagne, Licores, Vinhos finos, Laranjas, Frios, Queijos, Doces, Aguas Minerses, Vermouths e Quinados, enfim tudo o que requer uma casa de primeira ordem,
SECÇÃO DE RESTAURANTE—Dentro de poucos dias estará funccionando.

PROPRIETARIO Estacio Costa Santos

Escriptorio de advocacia

Drs. João Silveira Mello e Aldrovando Fleury

Rua Moraes Barros, 95 — Téléphone, 270

Expediente: das 9 ás 17 horas

INSTITUTO PIRACICABANO

Temos o prazer de communicar ás distinctas familias piracicabanas, que se acha aberto este bem montado instituto, onde se executará todo e qualquer serviço referente á profissão, exclusivamente, para senhoras, senhoritas e creanças.

A' testa deste serviço estão os habeis cabelleireiros srs. Amado Peirini e Humberto de Toledo. Os preços serão os seguintes:

CORTE DE CABELLO	2$000
SOMENTE RASPAGEM	1$000

Este instituto que é exclusivamente familiar funccionará á

Rua Moraes Barros, 143-Phone, 468

Grandes festas populares

Após o descanço de uma semana terão proseguimento hoje, no largo da antiga estação da Sorocabana, no bairro Alto, os grandes festejos em pról do Hospital dos Lazaros e das obras da nova Santa Casa.

Ao que sabemos, muitas novidades estão reservadas ao publico que, hoje e amanhã terá surpresas sobre surpresas.

Dentre os muitos attrativos a serem apresentados ao povo figura em primeira plana a queima de esplendidos fogos de artificio confeccionados por competente pyrotechnico que promette empolgar o publico com os effeitos de seus trabalhos.

O nosso povo, sempre bom e generoso, por certo não negará o seu concurso a esses festejos beneficentes nos seus dois ultimos dias.

VENDE-SE

a casa n. 68 da Rua do Vergueiro por 12:000$000.

Informações com Christovam Donatz, nesta redacção.

Para assignar ou reformar a sua assignatura do

«O ESTADO DE SÃO PAULO»

nesta cidade, com o agente: J. C. Giraldes

LIVRARIA GIRALDES -:- Rua Moraes Barros, 94

TELEPHONE 2-0-0

O ESTADO DE S. PAULO

O jornal de maior circulação no Brasil

ASSIGNATURAS PARA 1930

Vantagens especiaes:

Desta data até 31 de Desembro de 1930	60$000
De 1 de Desembro de 1929 a 31 de Desembro de 1930	55$000
De 1 de Janeiro de 1930 a 31 de Desembro de 1930	50$000

PREMIOS

A Administração resolveu augmentar o numero e valor dos premios a serem distribuidos pelos seus assignantes de 1930 Serão 63 premios na importancia total de 30:000$000 e conforme o seguinte plano:

1 de	10:000$000
1 de	5:000$000
1 de	2:000$000
2 de	1:000$000
8 de	500$000
20 de	200$000
30 de	100$000

Para assignar o «Estado»: nesta cidade, com o agente

J. C. Giraldes - Livraria Giraldes

O Doutor Euclydes de Campos, Juiz de Direito desta comarca de Piracicaba, Estado de São Paulo, etc.

FAZ saber aos que este edital virem ou delle conhecimento tiverem, que, tendo, de conformidade com a lei, procedido hoje ao sorteio dos vinte e oito jurados que devem servir na quarta e ultima sessão ordinaria do Jury, desta comarca, no corrente anno, a iniciar-se no dia de solto de Novembro vindouro, ás onze horas, na sala do costume, foram sorteados os seguintes jurados:

De Piracicaba

1—Adalberto Carlos Muller
2—Alberto Fischer
3—Andre Ferreira dos Santos—Dr.
4—Antonio Lorandi
5—Benedicto Glycerio Teixeira
6—Bento Ferraz de Campos
7—Fernando Febeliano da Costa
8—Ferrando Martins Rodero
9—Francisco Algodoal Netto
10—Godofredo Malhões Ferreira de Carvalho—Dr.
11—Henrique Rochelle Filho
12—Henrique Verdinassi
13—Isaltino de Almeida Prado
14—José Gonçalves de Lima
15—Justino dos Santos Leal
16—Luiz Dias Gonzaga
17—Luiz Delfini
18—Marcellino de Arruda Ribeiro
19—Miguel Nosel Netto
20—Nestor Pinto de Barros Cesar
21—Paulo Ribeiro da Silva
22—Pedro Antonio Zalonardo Zanin
23—Pedro Mastins de Souza
24—Plinio Correa de Lara
25—Umberto Aldrovandi

De Santa Barbara

26—Benedicto da Costa Machado
27—Manoel Caetano

De Rio das Pedras

28—Luiz de Benedictis.

A todos os quaes e a cada um de per si, bem como a todos os interessados em geral, ccorrida para comparecerem no referido dia, logar e hora, pavimento superior da Cadeia Publica desta cidade, e nos dias seguintes, enquanto durar a sessão, sob as penas da lei si faltarem. E para que chegue ao conhecimento de todos e ninguem allegar ignorancia passa, mandou lavrar o presente edital, que será publicado pela imprensa e affixado no logar do costume. Dado e passado nesta cidade de Piracicaba, aos desenove dias do mez de Outubro de mil novecentos e vinte e nove. Eu Ostiano Corrêa, ajudante habilitado do escrivão do Jury, o escrevi.

O Juiz de Direito:

(a) *Euclydes de Campos.*

Annuncios

Pintura Duco

E' a tinta Lacca Americana de Nitrocellulose que está sendo usada por 90 % dos pintores de automoveis.

SELLARIA AURORA

— Casa Fundada em 1907 —

Arreios em geral, fabricação de correias para machinismo, Pneumaticos e camaras de ar

ROYAL CORD

JOÃO EUDOXIO DA SILVA

Salva vidas

Na Sellaria Aurora encontra-se Salva vidas ca ers. pescadores.

MANTEIGA

PURA E ESPECIAL

Vende-se a 8$000 o kilo na Fabrica Aurora Ltda.

Rua 15 de Novembro n. 172 e 176.

Para depois da MOLESTIA

O que o convalescente precisa acima de tudo é *nutrir* o seu organismo afim de recobrar o vigor e a robustez. Por isso a Emulsão de Scott é universalmente empregada na convalescença. O rico oleo de figado de bacalhão é um alimento concentrado que, na forma de emulsão, pode ser digerido pelo estomago, é tomado sem difficuldade e o seu proveito é seguro.

Emulsão de Scott

OS ADVOGADOS

Dr. Vicente Ferraz Pacheco

E

Amadeu Castanho

com escriptorio á Praça 7 de Setembro n. 8, acceitam o patrocinio de quaesquer causas civeis, criminaes ou orphanologicas, tanto nesta como nas comarcas vizinhas.

Cachorro perdigueiro

Da Loja Internacional, desappareceu, domingo ultimo, ás 9 horas, um cachorro perdigueiro, branco, com pintas amarellas, que attende pelo nome de Duque.

A pessoa que der informações exactas do mesmo, na loja acima, será generosamente gratificada.

Cervejaria Rio Claro Ltda.

Especial Rio Claro Sport

Pilsen Estrella Caraú

— Em toda parte —

Deposito:

RUA D. PEDRO II, 54

FumemOLGA

O melhor chapéo na melhor casa

ARTIGOS FINOS PARA CAVALHEIROS

só na

Casa Paulistana

Diario de S. Paulo

Director — RUBENS DO AMARAL

E' occasião opportuna de se reformar e tomar novas assignaturas do melhor jornal que circula no Estado—DIARIO DE SÃO PAULO.

Como bonificação, o sr. Adelino Maragno, o seu agente nesta cidade, dará uma assignatura annual a quem arranjar cinco assignaturas.

Para assignaturas e annuncios, procurar o agente

Adelino Maragno

«BAR MEIA NOITE»

RUA S. JOSE' N. 90 — TELEPHONE, 568

Assignatura: anno, 50$—6 meses, 28$—3 meses, 15$

NOTA—Toda pessoa que tomar assignatura para 1930, receberá de 15 do corrente até 31 de Desembro gratuitamente esta folha.

Typographia Perches

Irmãos Perches & Cia.

Machinas modernas para todo e qualquer serviço fino.

Pessoal habilitado para trabalhos de arte e gosto.

IMPRESSÕES para Commercio, Industria e Lavoura.

Promptidão e asseio em todos os trabalhos do ramo.

Preços de não temer concorrencia.

RUA 15 DE NOVEMBRO, 134

Piracicaba

Os Pianos Niendorf

Cumprem o que promettem, a belleza dos seus sons são inalteraveis, a sua durabilidade é illimitada.

Vendas garantidas

Temos 5 pianos de diversas marcas em exposição

A MUSICAL

RUA MORAES BARROS, 125 — TELEPHONE, 250

Tracamos pianos novos por usados

Catharatas-Granulações-Ulcerações

Eminente creação scientifica

!! DOENTES DOS OLHOS LEIAM ATTENÇÃO !!

PRODIGALUZ

Formula e marca registrada segundo as leis de Sanidade e Ministerio do ramo

NEBLINA-PARPADOS-MIOPIA

Preparado pelo Dr. J. Martinez Ménendez

Condecorado com a Cruz de Merito Militar por meritos profissionaes pelo Governo de S. M.

«Especifico unico no mundo», que cura radicalmente as doenças dos olhos por muito graves e cronicas que sejam com uma promptidão assombrosa evitando operações cirurgicas que com todo o fundamento atemorisam aos doentes. Desapparição das dores e incommodos á sua primeira applicação. Enlizentemente efficaz nos ophtalmias graves e por excellencia nas granulosas (granulações purulentas e blenorrhagicas, queratitis, ulcerações da cornea, etc.) As ophtalmias originarias de doenças, venereas, caral-as em breve tempo. Maravilhoso nas infecções postoperatorias. Faz desapparecer as catharatas, destroe microbios, cicatrisa, desinfecta e CURA PARA SEMPRE. Não mais remedios arsenicaes, mercurisos nitrato de prata, azul de metileno e outros tão temiveis usados em clinicas. As vistas debeis e cançadas adquirem prodigiosa potencia visual! Não ha mais neblina! Sempre vista muito clara! Jámais fracassa! O 98 por 100 dos doentes dos olhos curam-se antes de findar o primeiro frasco do especifico PRODIGALUZ.

PRODIGALUZ eclypsa para sempre o tratamento por colyrios conhecidos até hoje em todos os gabinetes oculistas, colyrios que na maior parte dos casos não fazem mais que peorar o mal, irritando o organ tão importante como a mucosa conjuntival. O nitrato de prata, causa o verdadeiro terror nos doentes e de muitas orgueiras, o fas desapparecer.

PRODIGALUZ é completamente inoffensivo, e produz suas grandes vantagens sem causar o mais pequeno incommodo aos doentes. Detem a myopia progressiva. ¡Doentes dos olhos! estejam seguros que melhorará em brevissimo tempo usando o potentoso especifico PRODIGALUZ. (Exigir a assignatura e marca no precinto da corbeta).

Preço do tratamento ao Brazil: 8 dollars.

Pagamento por letiras ou cheques de um Banco de Crédito—a ordem de E. M. PEREYRA (Prodigaluz), ou por meio do Consulado !! As cartas de pedido contendo o seu valor deverão ser Lacradas e Registradas no correio, dirigindo-as a Direção Geral!!—E. M. PEREYRA (Prodigaluz). Santa Engracia, 52, pral. ôcha. Madrid—Espanha.

Enviamentos a todas as partes do mundo.

Consultas por carta pelo correio sobre todas as doenças graves da pelle e olhos.

(Testemunhas de juizes, fiscaes, Chefes Exercitos, engenheiros, commerciantes, obreiros, etc.) etc.

PRODIGALUZ ¡UNICO NO MUNDO!

BELMACIO POUSA GODINHO

Rua Moraes Barros 125

COMMERCIANTES !...

Livros em branco para escripturação

Caixa — Razão — Diario — Contas Correntes, Borrador

e outros livros indispensaveis para a boa organisação dos seus negocios a

LIVRARIA GIRALDES

poderá fornecer-lhes pelos mesmos preços das principaes fabricas de S. Paulo e Rio

J. C. Giraldes

R. MORAES BARROS, 94

CAIXA, 32 — PIRACICABA

DR. LEOPOLDO SABOYA

Medico

Clinica de Creanças — Regimes alimentares — Puericultura
—o— Tuberculose e Syphilis
Molestias internas de adultos
— Molestias infecciosas agudas —

Consultorio á rua Santo Antonio, 12, das 8 ás 11 e das 14 ás 17 horas
Chamados pelo telephone 465 a qualquer hora do dia e da noite

Ultima hora

(PELO TELEPHONE)

O SENADOR EPITACIO PESSOA SERA' UM DOS CHEFES DA ALLIANÇA LIBERAL

São Paulo, 18 — 22 horas — Não obstante todos os trabalhos desenvolvidos pelo Catteto, o senador Epitacio Pessoa, ao que affirmam os politicos parahybanos, chefiará a Alliança Liberal.

A POLITICA DO DISTRICTO FEDERAL

São Paulo, 18 — 22 horas — Está de novo em fóco a politica do Districto Federal, sendo considerado insustentavel a posição do sr. Paulo de Frontin ao lado dos reaccionarios.

O CONSELHO MUNICIPAL E O INDENTENTE MAURICIO DE LACERDA

São Paulo, 18 — 22 horas — Affirmam quasi todos os jornaes independentes que o sr. Mauricio de Lacerda conseguiu canalisar para as tribunas e galerias do Conselho Municipal um publico numeroso e enthusiasta, que não se cansa de applaudir o ardoroso tribuno fluminense.

O 13.º BATALHÃO DE CAÇADORES ENVIADO PARA PORTO UNIÃO

São Paulo, 18 — 22 horas — Partiu para Porto União, considerada séde estrategica, o 13.º batalhão de caçadores do exercito.

O famoso general Santa Cruz, que tomou parte saliente na revolução paulista, será o commandante geral das tropas federaes, naquella região.

BASILIO SILVERIO DOS REIS...

São Paulo, 18 — 22 horas — O «Correio da Manhã», commentando a attitude do deputado mineiro Basilio de Magalhães, que é professor do Gymnasio de Campinas, chama-o de Basilio Silverio dos Reis.

Radio e Victrola

Na conhecida casa «A Musical» de Belmacio Pousa Godinho estava exposto para demonstração e venda o novo apparelho Victor denominado «Electrola Radiola», alcançando grande admiração de todos que assistiam a irradiação ou a execução de qualquer disco. A perfeição, a suavidade dos sons, a facilidade do seu manejo e o seu acabamento distincto, muito facilitaram a sua collocação.

O sr. Fernando Ferras de Arruda Pinto apreciador das bôas musicas, adquiriu hontem esse bello e completo apparelho fabricado pela Victor

CONSULTORIO MEDICO
Do
Dr. Ribeiro Gonçalves
Especialista em Partos e Doenças de senhoras
E
Dr. Guilherme Ribeiro Jr.
Prof. Livre de Clinica de Olhos, da Faculdade de Medicina da Bahia.
Esp.: Olhos, Ouvidos, Nariz e Garganta
Residencia: R. Moraes Barros, 268—Tel., 224—Das 6 ás 12 horas
Consultorio: Praça José Bonifacio, 9—Sobrado—Das 13 ás 17 1/2 horas

REGISTO SOCIAL

ALBUM

—O sr. Julio Prestes agradeceu aos srs. membros do comité...
—O patriotismo...
—E os votos prometidos.
—Um bom agradecimento.
—Diplomatico.
—Sincéro.
—E o rodriguismo?
—Nada teme.

XIS

BAILE BENEFICENTE

Consoante noticias que vimos dando, realisa-se hoje no esplendido salão de festas do Clube Piracicabano o grande baile que a distincta directoria da Maternidade promove em beneficio dos cofres da humanitaria instituição.

Attendendo a escassez do tempo, a commissão promotora houve por bem não tornar obrigatoria a vestimenta côr de rosa como a principio estava estabelecido. E' uma nota chic que desapparece mas que muito vem concorrer para a maior animação do festival, dado o curto espaço de tempo que dispunham as familias para se prepararem.

Assim, ficam as senhorinhas com ampla liberdade na escolha de suas toilettes, o que em nada vem prejudicar o brilho do festival, que terá assim, o encanto da polychromia.

—Para esse baile beneficente adquiriram ingressos mais as seguintes pessoas:

Jayme Brasil, Antonio Augusto de Sousa, Faustino Almeida, Armando Forte, Julião Oschery, José Maria Rodrigues, Jacyntho Vasconcellos, Antonio Corazza, Jorge Silveiro, dr. Gusiberto Magalhães, M. Eliza de Souza Barros, João Moraes Barros, Thomaz S. Whately, Oswaldo B. da Costa, Fernando Vieira Filho, Fabiano Lozano, Lili Nogueira, srias. Tricanico, dr. Jorge Pacheco Chaves, Mario Guedes de Mello, Fernando Ferraz de Arruda, Ricardo Ferras de Arruda, Arthur Furlan, dr. Carlos Mendes, dr. Philippe Cabral, dr. Benedicto Mendes, dr. Antonio Branco, dr. Leopoldo Saboya, srias. Gentil Gomes, Romeu Nunes, Jacques Corrim Dias, Dedé Bueno, Erasto de Andrade, Antonio Bacchi, Yolanda Moretti, Jacomo Maule, Estacio dos Santos, Miguel Luiz de Souza, dr. Epaminondas Moraes, Luiz Dias Gonzaga, Lauro Paula Leite, dr. José Ferreira da Silva, Manoel Motta Pacheco, A. Bergamin, Ricardo Pennachim, Augusta de Souza Costa, Orlando Cotrim Dias e Docler de Castro.

Fazem annos hoje os jovens defensores do alvi-negro Aureo de Arruda e Carlos Adamoli.

Maria Conceição Morato

Acha-se gravemente enferma, no Rio de Janeiro, a exma. sra. d. Maria Conceição Morato, esposa do nosso illustrado chefe e notavel jurisconsulto, prof Francisco Morato.

Os nossos votos, muito sinceros, são para o prompto restabelecimento da estimada senhora.

Dr Galdino de Carvalho

Fixou, novamente, a sua residencia entre nós o dr. Galdino de Carvalho, distincto e illustre facultativo, que goza nesta cidade de larga e inerecida sympathia.

FAZEM ANNOS HOJE:

A sra. d. Alice Ribeiro;
—o joven Alfredo Wohlgemuth.

Escriptorio de advocacia
JOÃO B. VIZIOLI
Solicitador
RUA BOA MORTE, 51
Phone, 4-7-1

LOTERIAS

Resumo dos principaes premios da loteria Federal extrahida hontem, recebido pela Agencia Geral da Loteria do Estado de São Paulo, sita á Praça 7 de Setembro n. 1 e de propriedade do sr. José Rosario Lozano.

8 983	20:000$000
5.394	3:000$000
9.412	2:000$000
9.274	1:000$000
3.929	1:000$000

Loteria do Estado de S. Paulo

9249	200:000$000
17684	20:000$000
14679	5:000$000
3984	2:000$000
10990	1:000$000

Vinhos

COLLARES—VIUVA GOMES
" —F. G.
" —BENJACAS
DOURO CLARET
EVEL
MONTE ROSA
PARTICULAR

LAGOSTA (BOTIJAS)
GATÃO "
AGULHA
CRIANTES RUFFINO-ROSITO-ANTINORE
ROUFF

LORENOT — PERLLER
MEDOC "
SAINT JULIEN
MEDOC ANGLAD
GRANDIÓ
CRISTAL
SCALA

BARBERA—ESPUMANTE
LAMBRUSCO "
PERINA
MERIOLO
ISRACHETTO
TUSCANO
GRAN MOSCATO

NO
BAR E RESTAURANTE
Giocondo
Praça José Bonifacio n. 16

Guarantã em achas

Para prompta entrega temos até 500 duzias.—Artigo superior.
Tratar á RUA DO COMMERCIO N. 163—TELEPHONE, 5—8—9

Dra. Aurora Conceição
MEDICA
Pela Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro
— MOLESTIAS DE SENHORAS E CRIANÇAS —
Tratamento moderno das perturbações digestivas, anemia, inappetencia, tuberculose e syphilis da creança.
REGIMENS ALIMENTARES
APPARELHO DE RAIOS ULTRA VIOLETA
Ex-medica da enfermaria de creanças da Santa Casa e do Instituto de Protecção e Assistencia á Infancia, de Ribeirão Preto.
CONSULTORIO: R. 15 de Novembro, 62—Phone, 220—Sala, 1—Das 8 ás 11 e das 1 ás 4
RESIDENCIA: Hotel Central —Phone, 12

Cal virgem de Sorocaba

8$000 o sacco

Só na CASA DE TINTAS
Rua São José, 71

Dr. Sebastião Nogueira de Lima
— ADVOGADO —
Rua Santo Antonio, 6 — Phone, 226

Prof. Dr. A. Torres
Clinica medica em geral, especialmente molestias de creanças, senhoras e partos.
Acceita chamados para os sitios a qualquer hora.
Consultorio em sua residencia á Rua Moraes Barros, 101—Telephone, 510.

AO POVO

Acabou-se a crise. Os **MOINHOS PAULISTA** já lançaram na praça o seu inegualavel FUBA' MIMOSO, que substitue com grande vantagem todos os seus congeneres. Peça sempre ao seu fornecedor o **fubá mimoso**, branco ou amarello, dos **Moinhos Paulista**, em pacotes de 1, 2 e 5 kilos.

NOTE BEM — O **fubá mimoso** dos **Moinhos Paulista** é o unico no genero e se encontra á venda em todas as boas casas da cidade.

Moinhos Paulista - Phone 448 - Rua Dr. Paulo de Moraes, 81, 83 e 85 - Piracicaba

TRIBUNA PUBLICA

A' Praça

Maule & Cia. Limitada, declaram a seus e as demais, que conforme escriptura publica, lavrada nas notas do 1.º Tabellião desta comarca, adquiriram de sr. Empydio Mendes de Almeida, o estabelecimento commercial denominado «A'S DUAS ANCORAS», alli nesta cidade.

Assim declarando, a firma successora espera merecer a mesma preferencia de distincta freguezia do estabelecimento, premettendo attender a todos com a maior solicitude.

Piracicaba, 12 de Outubro de 1929

Maule & Cia. Limitada

Concordo:

Empydio Mendes de Almeida

Firmas reconhecidas pelo primeiro tabellião Lauro de Paula Leite.

Annuncios

Pintura Duco

E' a tinta Lacca Americana de Nitrocellulose que está sendo usada por 90 °/₀ dos pintores de automoveis.

SELLARIA AURORA

— Casa Fundada em 1907 —

Arreios em geral, fabricação de correias para machinismo.

Pneumaticos e camaras de ar

ROYAL COORD

JOÃO EUDOXIO DA SILVA

Salva vidas

Na Sellaria Aurora encontra-se Salva vidas os srs. pescadores.

Cachorro perdigueiro

Da Loja Internacional, desappareceu, domingo ultimo, ás 9 horas, um cachorro perdigueiro, branco, com pintas amarellas, que attende pelo nome de Duque.

A pessoa que der informações exactas do mesmo, na loja acima, será generosamente gratificada.

MANTEIGA

PURA E ESPECIAL

Vende-se a $2000 o kilo na Fabrica Aurora Ltda

Rua 15 de Novembro n. 172 e 176

OS ADVOGADOS

Dr. Vicente Ferraz Pacheco

E

Amadeu Castanho

com escriptorio á Praça 7 de Setembro n. 8, serviram o [illegible] de quaesquer causas civeis, criminaes ou orphanologicas, tanto nesta como nas comarcas visinhas.

Empregada

Precisa-se de uma copeira arrumadeira com pratica de casa encerada.

Tratar á rua Bôa Morte n. 87

TELEGRAPHO NACIONAL

Rua Boa Morte, 16

O melhor chapéo na melhor casa

ARTIGOS FINOS PARA CAVALHEIROS

só na

Casa Paulistana

Diario de S. Paulo

Director — RUBENS DO AMARAL

E' occasião opportuna de se reformar e tomar novas assignaturas do melhor jornal que circula no Estado—DIARIO DE SÃO PAULO.

Como bonificação, o sr. Adelino Maragno, o seu agente nesta cidade, dará uma assignatura annual a quem arranjar cinco assignaturas.

Para assignaturas e annuncios, procurar o agente

Adelino Maragno

«BAR MEIA NOITE»

RUA S. JOSE' N. 90 — TELEPHONE, 568

Assignatura: anno, 50$—6 mezes, 28$—3 mezes, 15$

NOTA—Toda pessoa que tomar assignatura para 1930, receberá de 15 de corrente até 31 de Dezembro gratuitamente esta folha.

Catharatas-Granulações-Ulcerações

Eminente creação scientifica

!! DOENTES DOS OLHOS LERJOOM ATTENÇÃO !!

PRODIGALUZ

Formula e marca registrada segundo as leis de Sanidade e Ministerio do ramo

NEBLINA-PARPADOS-MIOPIA

Preparado pelo Dr. J. Martinez Ménendez

Condecorado com a Cruz de Merito Militar por meritos profissionaes pelo Governo de S. M.

«Especifico unico no mundo», que cura radicalmente as doenças dos olhos por muito graves e cronicas que sejam com uma promptidão assombrosa evitando operações cirurgicas que com todo o fundamento atemorisam aos doentes. Desapparição das dores e incommodos á sua primeira applicação. Eminentemente efficaz nas ophtalmias graves e por excellencia nas granulosas (granulações purulentas e blenorrhagicas, queratitis, ulcerações da cornea, etc.) As ophtalmias originarias de doenças, venereas, cural-as em breve tempo. Maravilhoso nas infecções postoperatorias. Faz desapparecer as catharatas, destroe microbios, cicatrizes, desinfecta e CURA PARA SEMPRE. Não mais remedios arsenicaes, mercuriaes nitrato de prata, azul de metileno e outros tão temiveis usados em clinicas. As vistas debeis e cançadas adquirem prodigiosa potencia visual! Não ha mais neblina! Sempre vista muito clara! Jámais fracassa! O 98 por 100 dos doentes dos olhos curam-se antes de findar o primeiro frasco do especifico PRODIGALUZ.

PRODIGALUZ eclypsa para sempre o tratamento por colyrios sobreleidos até hoje em todos os gabinetes ocullistas, colyrios que na maior parte dos casos não fazem mais que peorar o mal, irritando o orgam tão importante como a mucosa conjuntival. O nitrato de prata, causa o verdadeiro terror nos doentes e de muitas cegueiras, o faz desapparecer.

PRODIGALUZ é completamente inoffensivo, e produz suas grandes vantagens sem causar o mais pequeno incommodo aos doentes. Detem a myopia progressiva. [Doentes dos olhos! estejem seguros que melhorará em brevissimo tempo usando o potentoso especifico PRODIGALUZ. (Exija a assignatura e marca no preciuto da sorbeta).

Preço do tratamento ao Brasil: 8 dollars.

Pagamento por letras ou cheques de um Banco de Crédito—ou ordem de E. M. PEREYRA (Prodigaluz), ou por meio do Consulado

!! As cartas de pedido sentendo o seu valor deverão ser Lerrados e Registrados no correio, dirigindo-as a Direcção Geral !!—E. M. PEREYRA (Prodigaluz). Sente Engrorio, 62, pral. drha. Madrid—Espnha.

Enviamentos a todas as partes do mundo.

Consultas por carta pelo correio sobre todas as doenças graves da pelle e olhos.

(Testemunhas de juizes, fiscaes, Chefes Exercitos, engenheiros, commerciantes, obreiros, etc. etc.

PRODIGALUZ ¡UNICO NO MUNDO!

OS NEURASTENICOS
OS ESGOTADOS
OS CONVALESCENTES
OS TUBERCULOSOS
OS MAGROS E ANEMICOS

que reparam mal a perda de suas forças

As mães que amamentam

e precisam fortificar seus filhos

DEVEM TOMAR O REMEDIO-ALIMENTO

VITAMONAL

do DR. MASCARENHAS

poderoso accelerador das forças e nutrição

Cada colher de sopa alimenta tanto como um bom bife.

Cada colher de sopa alimenta tanto como 3 ovos.

Este notavel remedio todos os dias fas milagres.

Não é mais pasarte, é um remedio de valor incontestavel, preparado com glycero phosphato de cal, ferro, sodio, potassio, magnesio, estricto de kola e pepsina, e todos os dias é receitado e indicado por grande maioria de illustres medicos. O unico VITAMONAL do Dr. Mascarenhas é

TONICO DOS NERVOS!
TONICO DOS MUSCULOS!
TONICO DO CORAÇÃO!
TONICO DO CEREBRO!

Tuberculose	Vertigens	Suores nocturnos
Anemia	Pallidez	Dores de cabeça
Chlorose-anemia	Bronchites chronicas	Convalescenças
Flores brancas	Impotencia	Fraqueza geral
Fadiga cerebral	Paludismo	Falta de appetite
Nervosismo	Insomnia	Magreza
Hysterismo	Perdas seminaes	Má digestão, etc.

Todas estas doenças cedem definitivamente com o mais notavel remedio mundo o VITAMONAL. Aos impotentes garantimos effeito radical e methodico, porque o tonico VITAMONAL, faz reapparecer a virilidade a quem a tenha perdido por excesso de prazeres. Não opera milagre rapido porque não brita os orgãos sexuaes; opera milagre todos aos visiblisar de facto. Ao quarto ou quinto vidro o tonico VITAMONAL livra radicalmente todo o doente de impotencia.

A VENDA NAS PHARMACIAS E DROGARIAS

Deposito geral: DROGARIA BAPTISTA

10, Rua 1.º de Março, 10—Rio de Janeiro

Drogas a preços sem competencia

Typographia Perches

Irmãos Perches & Cia.

Machinas modernas para trabalho e qualquer serviço fino.

Pessoal habilitado para trabalhos de arte e gosto.

IMPRESSOR para Commercio, Industria e Lavoura.

Promptidão e asseio em todos os trabalhos do ramo.

Preços de não temer concorrencia.

RUA 15 DE NOVEMBRO, 154

Piracicaba

O ESTADO DE S. PAULO

O jornal de maior circulação no Brasil

ASSIGNATURAS PARA 1930

Vantagens especiaes:

Desta data até 31 de Dezembro de 1930	60$000
De 1 de Dezembro de 1929 a 31 de Dezembro de 1930	55$000
De 1 de Janeiro de 1930 a 31 de Dezembro de 1930	50$000

PREMIOS

A Administração resolveu augmentar o numero e valor dos premios a serem distribuidos pelos seus assignantes de 1930 Serão 63 premios no importancia total de 30:000$000 e conforme o seguinte plano:

1 de	10:000$000
1 de	5:000$000
1 de	2:000$000
2 de	1:000$000
8 de	500$000
20 de	200$000
30 de	100$000

Para assignar o «Estado»: nesta cidade, com o agente

J. C. Giraldes - Livraria Giraldes

Os Pianos Niendorf

Cumprem o que promettem, a belleza dos seus sons são inalteraveis, a sua durabilidade é illimitada.

Vendas garantidas

Temos 5 pianos de diversas marcas em exposição

A MUSICAL

RUA MORAES BARROS, 125 — TELEPHONE, 250

Trocamos pianos novos por usados

BELMACIO POUSA GODINHO

=Rua Moraes Barros 125=

ANEXO C

DESCRENÇAS

Ao amiguinho J. C.

Dizes que sou triste? Não sou triste. Sou uma creatura desillidida dos homens. Tenho aversão as galanterias, rio-me dellas. Tive não ha muito um amôr dôce. Um amôr, que durou quasi dois annos, e, durante esse tempo todo vivi, na doce illusão do sonho. Tive paixão por um homem... Sim cheguei a apaixonar-me a nutrir esse sentimento que se encontra uma só vez na vida.

Esse sonho evaporou-se; desfez-se essa chimera que formava a palpitação indizivel do meu ser.

Agora, rio-me desses vãos sentimentos, que, se aninham no coração humano, rio-me dos homens.

Esse a quem eu dedicava toda a razão da minha existencia, toda a ternura do meu coração, toda a poesia de minh'alma, esse traidor, que não soube corresponder aos meus mais frementes impulsos, que não soube avaliar a grandeza de minh'alma, amargou uma por uma, todas as emoções que o meu coração dispunha.

Ah! os homens são todos eguaes! Um dia soube que elle trahia-me, duvidei; era impossivel que elle que eu adorava me fosse infiel. Aos poucos porém notei a affabilidade com que elle distinguia, uma das minhas melhores amigas.

Não sou egoista, por isso julguei que elle distinguia-a assim, para me ser agradavel.

Fomos convidados a comparecer a uma festa intima que ella realizava para commemorar a passagem do seu anniversario. Quando lá chegámos eu fiquei satisfeitissima por encontrar todas as minhas amiguinhas, que, acolheram-me com os seus affaveis sorrisos, provas evidentes de sinceridade. Elle de olhar sombrio, e aprehensivo o que me fez suppor que algo extraordinario passava-se no seu intimo. Estava rodeada de minhas amigas, numa alegria propria de alma confiante no seu amado, quando notei a falta de ambos.

Um vago presentimento assaltou-me o cerebro; retirei-me furtivamente e contornei o jardim que cerca a residencia de minha amiga. Sentados em um banco, num canto do jardim, encontrei-os tão absorvidos pelo amor que empolgava os seus corações que não deram pela minha presença. A lua mais pallida do que nunca parecia estatelada ante aquelle encontro que ruia todo o meu ideal sonhado.

Eu adeantei-me e reunindo todas as forças que dispunha, com um vago sorriso, que bem transparecia o soffrimento do meu coração, juntei-lhe as mãos e disse-lhe: Eu sei que vocês se amam, não os recrimino por isso. Seria um ciume querer toldar essa felecidade, continuae no vosso amor, sêde felizes. Adeus.

Afastei-me tal era a dor do meu coração que mal podia caminhar. Cheguei a outro extremo do jardim sentei-me aniquilada pela dor, para dar livre curso a minhas lagrimas com as quaes sepultei todo o meu amor. E alli, entre lagrimas jurei, que o meu coração agora espedaçado pela mais crusciante por, jamais haveria de pulsar dor homem algum, ja que foi trahido pelo unico que amei e deixou meu coração, rolando de dor nas montanhas do soffrimento; dor essa que só se findará com o frio halito da morte, que é o linitivo para esses grandes males.

* *
*

Ao sympathico jornal «O Patrocinio» offerecée a amiguinha LAURA DE BRITO SANTIAGO.

São Paulo, 2/6/929.

Hotel D'Oeste

O sr. João Felix do Nascimento tem a honra de participar que, adquiriu em sociedade com o sr. Fernando Lescobar, o Hotel D'Oeste, á Rua Bôa Morte n.o 2:2, dispondo o mesmo de optima cosinha e quartos commodos, aonde espera ser distinguido com as ordens do publico em geral.

Sociedade B. 13 de Maio

Completou no dia 23 do mez passado, 8 annos de sua reorganisação, esta sociedade que dia por dia vem contribuindo com grande somma de beneficios prestados não só aos seus associados como a nossa classe em geral.

São 8 annos de continuo desenvolvimento que a sociedade completa, graças aos esforços incansaveis dos seus dirigentes que não descançam um só momento, para levar ao fim a obra que iniciaram.

Nós consignamos nestas linhas a Sociedade Beneficente 13 de Maio e dos seus dignos directores, as nossas mais vivas felicitações fazendo votos de continua prosperidade.

Bastante animadas foram as festividades promovidas no pateo e nos salões da sociedade acima, nos dias 28, 29 e 30 p. passado, as quaes deram um resultado satisfatorio.

PIC-NIC

Esta sendo anciosamente esperado o pic-nic que a 13 de Maio realisará no proximo dia 14, no Bosque do Jequitibás, em Campinas.

Livros Grátis

(http://www.livrosgratis.com.br)

Milhares de Livros para Download:

Baixar livros de Administração
Baixar livros de Agronomia
Baixar livros de Arquitetura
Baixar livros de Artes
Baixar livros de Astronomia
Baixar livros de Biologia Geral
Baixar livros de Ciência da Computação
Baixar livros de Ciência da Informação
Baixar livros de Ciência Política
Baixar livros de Ciências da Saúde
Baixar livros de Comunicação
Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE
Baixar livros de Defesa civil
Baixar livros de Direito
Baixar livros de Direitos humanos
Baixar livros de Economia
Baixar livros de Economia Doméstica
Baixar livros de Educação
Baixar livros de Educação - Trânsito
Baixar livros de Educação Física
Baixar livros de Engenharia Aeroespacial
Baixar livros de Farmácia
Baixar livros de Filosofia
Baixar livros de Física
Baixar livros de Geociências
Baixar livros de Geografia
Baixar livros de História
Baixar livros de Línguas

Baixar livros de Literatura
Baixar livros de Literatura de Cordel
Baixar livros de Literatura Infantil
Baixar livros de Matemática
Baixar livros de Medicina
Baixar livros de Medicina Veterinária
Baixar livros de Meio Ambiente
Baixar livros de Meteorologia
Baixar Monografias e TCC
Baixar livros Multidisciplinar
Baixar livros de Música
Baixar livros de Psicologia
Baixar livros de Química
Baixar livros de Saúde Coletiva
Baixar livros de Serviço Social
Baixar livros de Sociologia
Baixar livros de Teologia
Baixar livros de Trabalho
Baixar livros de Turismo